



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARINALDO DA SILVA

*O COELHINHO DO HALO AZUL*, DE ADOLFO B. SCHENEIDER:  
A LITERATURA PARA INFÂNCIA, EM SANTA CATARINA, NA DÉCADA DE 1950

FLORIANÓPOLIS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

MARINALDO DA SILVA

*O COELHINHO DO HALO AZUL*, DE ADOLFO B. SCHENEIDER:  
A LITERATURA PARA INFÂNCIA, EM SANTA CATARINA, NA DÉCADA DE 1950

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.  
Orientadora Profa.: Dra. Eliane Santana Dias Debus  
Coorientadora: Maria Laura Pozzobon Spengler

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

SILVA, MARINALDO DA

O COELHINHO DO HALO AZUL DE ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER :  
A LITERATURA PARA A INFÂNCIA, EM SANTA CATARINA, NA DÉCADA  
DE 1950 / MARINALDO DA SILVA ; orientador, ELIANE SANTANA  
DIAS DEBUS, coorientador, MARIA LAURA POZZOBON SPENGLER,  
2019.

150 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós  
Graduação em Educação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Educação. 2. LITERATURA INFANTIL. 3. INFÂNCIA. 4.  
ANOS 1950. 5. JOINVILLE. I. DEBUS, ELIANE SANTANA DIAS .  
II. SPENGLER, MARIA LAURA POZZOBON. III. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Educação. IV. Título.

Marinaldo da Silva

**O Coelho do Halo Azul de Adolfo Bernardo Schneider:  
A Literatura para a Infância, em Santa Catarina, na Década de 1950**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Eliane Santana Dias Debus, Dr.(a)  
Instituição UFSC

Prof.(a) Taiza Mara Rauen Moraes, Dr.(a)  
Instituição UNIVILLE

Prof.(a) Claudia Regina Silveira, Dr.(a)  
Instituição IFSC

Prof.(a) Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin, Dr.(a)  
Instituição UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação, com ênfase em Sujeitos, Processos Educativos e Docência.

---

Prof.(a) Dr.(a) Andrea Brandão Lapa  
Coordenador(a) do Programa

---

Prof.(a) Eliane Santana Dias Debus, Dr.(a)  
Orientador(a)

Florianópolis, 2019.

## RESUMO

O presente trabalho está fundamentado no livro *O Coelhozinho do Halo Azul*, de Adolfo Bernardo Schneider. Seu principal objetivo é posicionar essa ficção voltada para as crianças, não apenas como obra literária, mas também como o material histórico que ela representa. São analisados e apresentados aspectos da sua narrativa e discurso, bem como questões sociais e preocupações com a infância, buscando compreender a sinuosidade que fez da sua narrativa uma literatura com viés formativo. *O Coelhozinho do Halo Azul* é reconhecido como o primeiro livro escrito para crianças, publicado em Joinville, e o quarto em Santa Catarina. Para entendê-lo, foi necessário situar Schneider no seu tempo, construindo um paralelo entre a literatura infantil contemporânea e a infância, com o texto produzido pelo escritor joinvilense, que comparou a literatura como uma espécie de amortecedor. Nesta dissertação, o universo vivido nos anos de 1950, na cidade de Joinville se aprofunda, considerando as preocupações do autor com o desenvolvimento e como isso gerou, em sua opinião, problematizações como a desinfantilização da criança. Adolfo Bernardo Schneider analisa e reflete sobre sua época no prefácio do livro, considerando os prós e contras do progresso na formação do ser humano. Ele viu a literatura infantil como uma possível redentora, evidenciando seus pensamentos sobre o futuro. No entanto manteve os olhos no passado; um fato que se confirma na sua visão conservadora da relação integrativa entre sociedade e infância, que se reflete tanto no prefácio quanto no decorrer de *O Coelhozinho do Halo Azul*. Schneider assumiu a literatura como formativa, mas que pode ser ao mesmo tempo, deformadora; discussão ainda relevante hoje e até mesmo necessária para avaliar como pensavam alguns dos nossos intelectuais dessa época. O livro estudado é uma peça dramática, escrita para ser transmitida como uma novela de rádio. Sua transmissão se deve à Rádio Cultura de Joinville, que fez duas transmissões em 1959 e em 1960, ambas na véspera de Natal. Analisando esse livro por meio de uma investigação documental, bibliográfica e biográfica, foi possível observar não apenas o que o livro evidencia, mas também o que o autor buscou. Mergulhar no mundo das crianças por intermédio dos olhos de Adolfo Bernardo Schneider é reconhecer seu trabalho literário, bem como um registro e uma memória histórica em torno da literatura de Santa Catarina, produzida no Norte do Estado, atentos às influências germânicas e das particularidades sociais daquele momento, tomando como pano de fundo a cidade de Joinville. Permeando os estudos, sublinham-se as contribuições advindas com os estudos exercidos junto ao grupo de pesquisa Literatise, vinculado ao PPGE (Programa de Pós-Graduação em Educação) da UFSC, que é um dos mais, senão o mais atuante grupo de pesquisa em literatura infantil do Estado de Santa Catarina. Como considerações finais foram aportadas algumas reflexões próprias do pesquisador, tanto sobre *O Coelhozinho do Halo Azul* como sobre seu autor, Adolfo Bernardo Schneider e seu envolvimento com o mundo das palavras.

**Palavras-chave:** Adolfo Bernard Schneider; Literatura infantil de Santa Catarina; Infância na década de 1950.

## ABSTRACT

The paper done about the book *O Coelhinho do Halo Azul*, by Adolfo Bernardo Schneider. Its main objective is to position this fiction aimed at children, not only as a literary work, but also as the historical material it represents. Aspects of his narrative and discourse are analyzed and presented, as well as social issues and concerns with childhood, seeking to understand the sinuosity that made his narrative a formative literature. *O Coelhinho do Halo Azul* is recognized as the first book written for children and published in Joinville, and the fourth in Santa Catarina. Placing the author on his time, drawing parallels between childhood and contemporary child literature, giving consideration to Schneider's view of literature as a powerful weapon, it's another subject that surfaces as we get into the questions brought up by Schneider in the book's preface. One of the questions this paper seeks to answer is what that powerful weapon was aimed for, and how it was used by the author. The narrative inaugurates the literature for children in Joinville. This paper gets into their universe in the 1950s, taking into consideration the author's concerns about the progressing wave and its implications, in his eyes, on the children's loss of childhood ("desinfantilização"). Adolfo Bernardo Schneider, in the preface of the book in analysis, reflects upon his own time, taking into account all pros and cons of that progress for the human formation. He saw literature as redeeming, highlighting his thoughts about the future, and how that future could be promising once it had the literature playful trait inserted in daily life. He would think of it as forming, but it could also be distorting, still relevant and current discussions, needed to be brought up so that we would be able to assess what some of our scholars thinking was like back then, under Adolfo Bernardo's perspective. *O Coelhinho do Halo Azul* is a dramaturgical work made to be disseminated as a radio soap opera. Joinville's Rádio Cultura broadcast it twice: in 1959 and 1960, both on Christmas Day. Getting into the child universe through Adolfo Bernardo Schneider's eyes is making a historical record as well as recognizing his literature work as northern Santa Catarina's literature milestone and all its German influences at that time. Studying *O Coelhinho do Halo Azul* is also realizing that same society's historical aspects according to his own view. Doing a paper about this subject is appreciating the child and youth literature produced in Santa Catarina, connecting it to a historical document, as well as literary, rationalizing childhood matters identified for traditions entrenched in most of the German offspring society in the city of Joinville. In the final considerations, some reflections brought up by this researcher on *O Coelhinho do Halo Azul* and on its author, Adolfo Bernardo Schneider, and his involvement with the world of words.

Keywords: Child literature of Joinville; Adolfo Bernardo Schneider; Child and youth literature produced in Santa Catarina.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científica e Tecnológico

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JJ – Jornal de Joinville

JN – Jornal A Notícia

UFBR – Universidade Federal do Recôncavo Baiano

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNESP – Universidade Estadual Paulista

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Orbis Sensualim Pictus .....	30
Figura 2 – Dois momentos de Schneider .....	47
Figura 3 – Recorte de jornal com nota de falecimento .....	56
Figura 4 – Matéria de jornal com texto escrito por Schneider .....	72
Figura 5– Nota de Jornal “Conversa de Mãe”.....	73
Figura 6 – Matéria de Jornal / Cotidiano Joinville 1959.....	74
Figura 7 – Clichê em madeira / Capa do Livro.....	76
Figura 8– Capa do livro .....	96
Figura 9 – Capa de Livro Infantil de 1920 .....	101
Figura 10 – Convite para audição do livro .....	120

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1 METODOLOGIA .....	19
<b>2 CONTANDO UM POUCO DE HISTÓRIA</b> .....	20
2.1 LITERATURA INFANTIL: QUE LITERATURA É ESSA? .....	21
2.2 PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL .....	29
2.3 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PRODUZIDA EM SANTA CATARINA ENTRE OS ANOS DE 1950 E 1960 .....	38
<b>3 O TEMPO HISTÓRICO DE SCHNEIDER</b> .....	46
3.1 O VELHO SCHNEIDER .....	46
3.2 A JOINVILLE DOS ANOS DE 1950 .....	60
3.3 ASPECTOS DA INFÂNCIA DA JOINVILLE NOS ANOS DE 1950.....	64
3.4 CRIANÇA? INFÂNCIA? EXISTE DIFERENÇA? .....	68
<b>4 UM LIVRO INAUGURAL: ESTUDO DA NARRATIVA</b> .....	76
4.1 LITERÁRIO E LIBERTÁRIO .....	77
4.2 MERGULHO NO PREFÁCIO .....	83
4.3 <i>O COELHINHO DO HALO AZUL</i> .....	95
4.4 O AMORTECEDOR DE SCHNEIDER .....	114
4.5 RÁDIO-SKETCH: A TRANSMISSÃO DE UMA IDEIA.....	119
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	127
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	130
<b>ANEXOS</b> .....	136
<b>APÊNDICES</b> .....	153

## AGRADECIMENTOS

Agradecimentos são sempre múltiplos porque em nada se concluiria este trabalho não fossem seus vários começos. Desde a primeira palavra escrita a lápis, buscando a perfeição do traço quando ainda eu era um esboço desse desenho de humano sempre em transformação. Depois, no encanto com a cartilha Caminho Suave, publicação dos anos 1980, que ensinava o B-A-BÁ. Desde a audição da primeira história que lembro de ter ouvido, na escola Anna Maria Harger, onde fiz meus primeiros quatro anos de estudo, ouvindo Dona Ivone nos explicando porque a girafa tinha o pescoço comprido.

Tocado por pessoas, palavras, objetos, coisas, estigmas, ciência e fé, mitos e fatos comprobatórios, discussões e enigmas, certezas, livros, histórias, canções, cultos, danças, longas e longas cartas, tantas experiências linguísticas, visuais, auditivas, sensoriais, perceptivas, austrais, algumas definitivas mesmo negando não serem, foram me moldando nesse ser cheio de formas e tão maleável. Um homem que aprendeu algumas palavras em francês, um pouco de espanhol, aprendeu o verbo *To Be*, se aprofundou na língua italiana, e tenta até hoje desvendar os mistérios do seu português, tudo por ser apaixonado pela palavra. Agradeço a todos aqueles que me flecharam, às pessoas-cupido que me fizeram não olhar a palavra, mas senti-la: eu, homem-esponja, absorvendo tudo. Agradeço a todas as pessoas para a compreensão sempre inconclusa do meu eu, mas que tem no meio desse redemoinho de conceitos sobre o mundo e sobre si mesmo, algumas coisas que continuam imutáveis há mais de 40 anos. Referências como a certeza de que não vendo ideias e nem sentimentos, o reconhecimento de que só sou no contato com o outro, e no reconhecimento da minha impotência perante a maioria dos fatos, sendo que a fé, sempre foi meu arcabouço.

Agradeço então, na clivagem do que me forma, a experiência única que tive com Deus, não em seu conceito castrador, mas em sua unção em fazer-me reconhecer no outro, em reconhecer na consciência divina uma linguagem que não domino, mas que a sinto na invisibilidade como outras sensações que assim são, como o pensamento, a emoção, o arrepio, o amor. Só no exercício de me guiar assim, consigo adentrar na percepção de que na imagem de uma montanha eu possa sentir a aura dessa montanha. Eu acredito nos invisíveis e penso que apenas não dominamos sua linguagem. Mas ela existe.

Agradeço aos meus pais, já falecidos, minha mãe que não dominava a gramática mas me oferecia sabedoria em frases como “as coisas não são tão bonitas vistas de perto”, ou “a

gente já nasce com a gente dentro da gente”. Meu pai, que na rusticidade da sua criação poliu-se em mim, num questionamento que foi definitivo na minha vida: “Você quer ser o homem mais inteligente do mundo?” Tantas vezes me perguntou e eu sempre com medo de responder. Meu pai insistiu, e um dia eu respondi afirmativamente, e então ele me trouxe, meses depois uma enciclopédia chamada O Mundo das Maravilhas dizendo: “Agora, meu filho, leia, e a cada dia você chegará mais perto desse homem”.

Agradeço aos meus primeiros professores e a todos que se seguiram até minha formação na graduação, todos que me ensinaram coisas úteis, professorando sem diploma, como alguns amigos, alguns amores, alguns desconhecidos, alguns indicadores quando me perdi em algumas estradas e ensinaram-me a ir adiante, entrar numa esquina, dobrar outra, olhar para cima, olhar para dentro, perceber o meu "estar fora", adentrar na floresta, respirar na dificuldade, atentar para o outro, descobrir uma música, uma palavra, uma orquestra no barulho das cidades.

Agradeço algumas pessoas, especificamente. No meio acadêmico, as professoras Ana Luíza Andrade, Liliana Realles, Patrícia Peterle, todas do Departamento de Literatura, onde estudei por quatro anos. Do Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC, a professora Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin e seu marido, Marcos Laffin, pelo apoio no meu ingresso nesta instituição. Aos professores Fabio Machado Pinto e Maria das Dores Daros, que trouxeram tanta clareza por meio da sociologia da educação, e da formação da sociedade. Não poderia esquecer da coorientação de Maria Laura Pozzobon Spengler que, mesmo antes de eu entrar definitivamente como aluno, já me direcionava apontando caminhos, e que no decorrer do meu processo de orientação esteve presente com seus direcionamentos. À professora Eliane Santana Dias Debus, que desde o primeiro contato, me apresentou o deslumbramento do ser criança, as interfaces da literatura que a elas é produzida, além de conceder-me a honra de me orientar, e me transformar num pesquisador que busca encontrar numa fagulha, uma chama inteira que possa acender e construir o conhecimento do outro, por meio daquilo que a descoberta indicar.

Agradeço aos que estiveram ao meu lado, nessa árdua tarefa de deixá-los de lado por um período que, normalmente, é de dois a três anos, considerando a grade, mas que para mim alongou-se por oito, dada as tentativas anteriores de ingresso nesta Universidade, estudando todos os semestres as mais variadas disciplinas, desde a memória e a literatura comparada até a história da educação. A descoberta de que os intelectuais, muitas vezes, mostraram dúvidas ofertas. Neste ínterim agradeço meu parceiro durante esse período, Thiago Cordeiro Rosa, quietinho num canto para não atrapalhar os pensamentos que se imbricavam entre conceitos

mil. Agradeço a Osias Estevão da Silva, que tanto impulso me deu, ele sempre um guindaste, que se mostrou fiel na crença de que eu conseguiria o ingresso, considerando-me o melhor, assim como um pai considera seu filho, ou como um filho considera seu pai. Agradeço a Rita de Cássia Alves que me ajudou na construção e no direcionamento do que eu pesquisava, auxiliando-me também na correção gramatical. Agradeço a senhora Romilda Kraemer, responsável pela manutenção do acervo do senhor Adolfo Bernardo Schneider, cuja dissertação circula ao seu redor. Também ao amigo Marcos Edgar Hasper, que um dia me olhou e disse: “Marinaldo, porque você não estuda Letras? Você tem jeito de professor!” Diante da minha negativa por não ter condições financeiras de pagar a matrícula, me deu a matrícula de presente.

Agradeço aos meus alunos que tanto me ensinaram: apenados da Penitenciária Industrial de Joinville, aos alunos do projeto Voo Livre, da UDESC Joinville (todos com mais de 60 anos), aos moradores do Ancionato Bethesda, onde por anos contei histórias, como voluntário, e às crianças, que na sinceridade do que são, me ensinaram a dose certa de contar. Agradeço a colombiana Soraya Romero Vilarreal que, da mesma forma como as fadas aparecem por encanto nos contos de fadas, surgiu repentinamente, exatamente no dia da prova de ingresso no mestrado, e me deu dicas valiosas de respiração, e outras tantas de referências da escrita. Agradeço a Rubens da Cunha, mentor desse mestre a ser titulado, também saído mestre e doutor desta universidade, entendendo que além de poeta e escritor, eu poderia ser mestre na área do conhecimento. Externo agradecimento especial à Juciana Bitencourt da Silva, que, enquanto esteve coordenadora da Biblioteca Pública Rolf Colin, não mediu esforços para que eu pudesse comparecer às aulas em Florianópolis. Finalizando, agradeço à própria palavra que nunca saiu de dentro de mim, à poesia que faz parte da minha estrutura e às palavras reconhecimento e gratidão, que me fazem entender que não há mestre algum sem a absorção delas.

## MEMORIAL

Buscar a titulação no mestrado foi o exercício mais impactante da minha vida. Em todos os sentidos, o percurso até aqui, oportuno para a aquisição da experiência acadêmica, por meio de disciplinas desafiadoras, abriu em mim o investigador que já existia. Ainda não era percebido por mim, o que só veio acontecer perante os níveis de desvendamento oferecido por essas disciplinas durante o tempo de maturação das ideias na universidade. Percurso este que se inicia muito antes da inscrição num programa, ou da apresentação de um projeto, período das leituras obrigatórias às provas de seleção, participação como aluno ouvinte em aulas reveladoras, e momento de desvelamentos de múltiplos conceitos. Conhecimentos absorvidos pelos debates, seminários e leituras, em que percebi que a motivação para a pesquisa e a descoberta foram maiores que as dificuldades pertinentes a um aluno, a um pesquisador em construção.

Com pretensões iniciais de me especializar no Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC), devido a minha ligação com a escrita - 12 livros e mais de 340 crônicas publicadas, vivenciei por alguns anos disciplinas como aluno especial naquele Programa, aprendendo conceitos sobre a memória, literatura comparada, modernidade, arquivo. Lá, entrei em contato com pensadores como Walter Benjamin, Michel Proust, Jacques Derrida e Giorgio Agamben. Depois do ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação, constatei que esses autores também dialogavam com a educação, como Agamben, que escreveu sobre o que é contemporâneo, assim como Benjamin que tanto escreveu sobre a modernidade e sobre a infância, temas que vieram a fundamentar boa parte da minha pesquisa.

No segundo semestre de 2015, como funcionário da Biblioteca Pública Municipal de Joinville, pesquisando para uma exposição sobre os espaços de leitura nessa mesma cidade e os pioneiros nessa área, deparei-me com a produção do escritor e historiador Adolfo Bernardo Schneider, que havia sido o primeiro diretor da referida Biblioteca. Tocado pela pesquisa sobre o autor em questão, deparei-me com um acervo de dez mil documentos, entre eles, dois livros infantis, e outros de gêneros diferentes, como crônicas e memórias.

Cada vez mais envolvido com o universo acadêmico, absorto pelo vai e vem de estudantes, vivenciando, respirando os ares do campus com a mesma altivez e encanto que há nos olhos dos pequenos, quando aprendem novidades, percorrendo os diversos setores da

Universidade Federal de Santa Catarina, descobri no Centro de Ciências da Educação, o grupo Literalise – Grupo de Pesquisa sobre Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de mediação Literária (UFSC – CNPQ) liderado pela professora doutora Eliane Santana Dias Debus. Procurando-a, falei dos meus projetos em movimento e da minha paixão pela literatura; comecei a participar dos encontros do grupo e a colaborar com resenhas de títulos de literatura infantil. Grupo esse que, desde 2012, realiza o levantamento das produções literárias de escritores de Santa Catarina, publicado e atualizado constantemente o livro eletrônico *A literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina* (DEBUS; SPENGLER, 2017). Ali, envolto naquela roda de conversa entre pesquisadoras que transformavam a literatura em algo vivo, prático, socialmente transformador, eu renovei minhas expectativas para o mestrado.

O início dessa mudança deu-se com a elaboração de um projeto sobre a literatura infantil de Adolfo Bernardo Schneider, apresentando-a como material histórico, assim como os encontros no Literalise passaram a movimentar meu mundo literário. A participação no grupo de pesquisa estimulou em mim outros objetivos, ampliou meu repertório de saberes sobre a literatura infantil, dada a diversidade de olhares dos membros que compõem o grupo. Fatores como estes realçaram minha percepção, trazendo-me para dentro do programa de Pós-Graduação em Educação, do qual passei a fazer parte, apresentando o projeto *O Coelho do Halo Azul de Adolfo Bernardo Schneider – Uma experiência socioeducativa*.

Motivado a olhar de forma diferente para caminhos já percorridos antes, a partir dos ensinamentos adquiridos após o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, me vi imerso na educação e percebendo a literatura sob outros aspectos, ampliando meus olhares, principalmente a partir das disciplinas nas quais me dispus a me matricular, primeiro como observador, depois de forma efetiva como aluno especial. Nesse tempo, entre 2015 e 2016, estudei a Sociologia da Educação, aprendi muito na Psicologia da Educação, e aos poucos novas possibilidades de pesquisa e de entendimento foram se abrindo. Entre 2017 e 2018, respirando aliviado após o ingresso definitivo como aluno regular da pós-graduação em nível de mestrado em Educação, as discussões sobre metodologia, as pertinências do Estado da Arte, as reflexões sobre diversidade e as discussões sobre questões étnicas só vieram a contribuir para chegar até a escrita da dissertação, como uma coleção de saberes aptos a se alicerçarem nesta dissertação.



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema o primeiro livro infantil escrito em Joinville, *O Coelho do Halo Azul*, de Adolfo Bernardo Schneider, mas a sua pesquisa não se dá apenas como uma homenagem ou mesmo como uma forma de situar o livro enquanto documento histórico. Serve também para que por meio do estudo de seu prefácio e de sua narrativa, possamos entender um pouco melhor como era vista a literatura infantil, e a própria criança e sua relação com a época em que foi escrita: 1959. Assim, poderemos observar os avanços e transformações nas referidas questões, podendo refletir com mais propriedade sobre temas tão caros para nós, envolvidos com a educação, a cultura e a sociedade: a literatura infantil e a criança.

No decorrer do processo de pesquisa, tanto quanto no de escrita da dissertação, mudanças substanciais ocorreram, transformando a interpretação do próprio pesquisador que, aberto aos novos posicionamentos com que se confrontava, percebeu um leque de novos conceitos despontando, seja para a forma como a literatura infantil é tratada e retratada, e como a criança se apresentava e se apresenta no mundo de hoje, seja como uma palavra pode ser delimitadora, e sentenças como “definição” devem ser percebidas com muito cuidado frente a conceitos tão mutantes, tão amplos e tão vivos quanto literatura, infância e criança.

Escolher o título foi ao mesmo tempo fácil e difícil. Fácil, porque se quis desde o princípio trazer o nome do livro pesquisado para a apresentação do trabalho. Isso acabou sendo vital por apresentar, de forma imediata, um livro que permaneceu por tanto tempo esquecido, e que, por ser um trabalho inédito de pesquisa, daria ainda mais visibilidade ao que se propôs: fazê-lo emergir. Difícil, porque se buscou desde o princípio um título forte, que chamasse a atenção do leitor e de outros pesquisadores. Encontramos no texto de Schneider a palavra “amortecedor”, termo tão metafórico quanto contraditório, mas que é um sinônimo que ele usa de forma tão cabal em defesa do tipo de literatura infantil que adotou, que por um momento foi um termo integrante do título. Porém, optamos por salientar, no título, a literatura que era produzida nos anos de 1950, tirando o “amortecedor” do título para ser expandindo como um conceito schneideriano dentro da dissertação.

Demos vazão à imagem do “amortecedor”, percebendo que Schneider via neste termo uma metáfora para a literatura infantil, dando a ela um poder de diminuir os impactos sobre uma virtual antecipação da fase adulta. Utilizamos esse “amortecedor” como um instrumento de reflexão sobre o que já se pensou sobre a literatura, para então entendermos a literatura

infantil que se faz hoje, que se quer hoje: um instrumento de fortalecimento da infância, que colabore na construção de um alicerce sólido para a constante composição de seu sentido humanitário, por meio da sensibilidade, da poesia, da imaginação. Assim, adentramos nesta pesquisa reconhecendo a importância da literatura infantil e das fontes teóricas que a fundamentaram, dialogando com um número significativo de estudiosos que desenvolvem pesquisas que contribuem para a sedimentação dessa área, como dá cada vez mais embasamento a esta literatura feita de fatores fundamentais no universo literário.

Nelly Novaes Coelho, Ricardo Azevedo, Leonardo Arroyo, Peter Hunt, Walter Benjamin, dentre outros, fundamentaram esta pesquisa. Pensadores que contribuíram de forma tão significativa, que muitos caminhos tiveram que ser refeitos ou revistos, e tantos outros se expandiram de maneira excepcional. Embasado nos direcionamentos dessas personalidades da pesquisa da educação, da infância e da literatura infantil, estivemos atentos ao trabalho de Bernard Charlot, que faz um estudo sobre a tarefa do pesquisador em *A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber*. O conhecimento trazido por ele por intermédio e mediação de tantos professores, durante debates nas disciplinas, diríamos até fundamental para atentarmos ao respeito que deveria ser (e foi) dado à construção desta dissertação.

Ao estudar *O Coelhozinho do Halo Azul* (texto integral anexado após as referências desta dissertação) seja a análise da narrativa e do prefácio que a acompanha, ambos com o mesmo número de páginas, promovemos uma análise sobre os pensamentos de Schneider, principalmente as suas preocupações com a infância, em particular no prefácio quando faz um retrato da sociedade daqueles fins dos anos de 1950. A partir dessa análise entendemos como as preocupações retratadas no prefácio se reproduzem na história fabular de *O Coelhozinho do Halo Azul*, que devido a sua “gênese”, também deve ser considerado como um documento histórico.

Mas afinal, que história nos conta *O coelhozinho do Halo Azul*? Em síntese, é uma espécie de conto de fadas, que narra a história de uma menina que sofre o drama de um inverno muito rigoroso, sai a procura de uma fada habitante de algum lugar dentro da floresta, pode lhe conceder um milagre: devolver dias melhores a sua vila. Nesta narrativa, não há alusão específica do espaço onde a história se desenvolve. Apenas sabemos que é frio e neva, e que tem lenhadores, o que nos aponta para alguma região da Europa, mas que também poderia ser em alguma cidade serrana do sul do Brasil, ainda mais se considerarmos o nome da personagem central: Mariazinha.

Descrita em apenas sete páginas, a história já é praticamente uma síntese de si mesma, sendo assim, os elementos primordiais do seu enredo são esses. Soma-se a isso o fato de Mariazinha ser órfã, viver com a avó, ser determinada e cristã. E também é pontual deixar claro nesta introdução, a divisão do livro: são sete páginas escritas para a narrativa, e exatamente o mesmo número, sete, para o texto escrito para o prefácio. Percebemos nisto a importância dispendida por Adolfo Bernardo Schneider, tanto a parte ficcional quanto para a parte opnativa de *O Coelhozinho do Halo Azul*. Dividida em quatro capítulos, esta dissertação busca examinar *O Coelhozinho do Halo Azul*, pensando-a a partir de sua época, além das argumentações do autor, inseridas em seu prefácio. Neste primeiro capítulo, adentramos na Introdução, apresentamos a pesquisa e os caminhos utilizados para encontrarmos algumas das respostas que procurávamos.

O capítulo dois conta um pouco de história, brincando com o termo “contação” de história pertinente à literatura infantil, para falar da história desta literatura, trazendo informações e apontamentos sobre seus movimentos, história da literatura infantil, sua presença em Santa Catarina, e algumas reflexões sobre a criança e a literatura infantil no tocante aos anos de 1950.

No terceiro capítulo conheceremos melhor Schneider, trazendo informações sobre seu perfil, sobre a Joinville dos anos de 1950 e 1960, apresentando elementos pertinentes a cultura e aos movimentos sociais daquela época, buscando assim, possibilitar ao leitor que possa contextualizar melhor o autor joinvilense para entender o porquê da sua literatura. Discorreremos sobre o caminho da literatura infantil, ligando o termo “literário” com o termo “libertário”, para compor um espaço produtivo para a apresentação do objeto pesquisado, buscando fazer compreender o contexto da pesquisa. Para entender melhor esta produção literária, buscamos responder quem foi Schneider e o tempo em que viveu, principalmente o tempo da escrita do seu livro infantil.

No quarto e último capítulo realizamos uma análise do livro como objeto artístico, das influências que o geraram, como por exemplo, *A Pequena Vendedora de Fósforos* (ANDERSEN, 1993). Percebemos como a tradição é exposta por meio do enraizamento de valores e como a transposição de ícones e repetição de ambientes similares aos tradicionais europeus (possivelmente reflexos das leituras que o autor fazia em sua infância), é presente no livro de Schneider. Neste terceiro capítulo, esmiuçamos a narrativa de *O Coelhozinho do Halo Azul*, expondo as reflexões advindas com a pesquisa, fazendo análises pontuais sobre a maior parte dos capítulos dessa produção literária, avançando ao adentrar no prefácio, em que grande parte dos posicionamentos do autor estão expostos. Também levantamos reflexões

sobre o que é essa literatura como arma, pretendida por Schneider, que apontava também como amortecedora, sendo responsável por diminuir os impactos do progresso sobre a formação do sujeito, da criança. Expomos o enredo de *O Coelhoinho do Halo Azul*, salientando a base documental dos elementos encontrados acerca do livro, associando-o ao tempo de sua escritura. Finalizando este capítulo, destacamos um panorama sobre o alcance da linguagem Schneideriana e seu intuito em fazer de *O Coelhoinho do Halo Azul* uma literatura para todos os leitores: informações de como isso se deu, e que métodos utilizou.

## 1.1 METODOLOGIA

Para obter os resultados e respostas acerca das problematizações (a criança nos anos de 1950, o posicionamento de Schneider, a infância – o que é e como ele a defendia, a literatura infantil e a sua importância) levantadas pela pesquisa tendo em conta o livro de Adolfo Bernardo Schneider, a contextualização dele dentro da época em que o livro foi escrito, também fatores como os parâmetros apontados entre a literatura infantil e juvenil, produzida em Santa Catarina nos anos de 1950-1960, e a que é produzida hoje, além do próprio lugar que a criança ocupa atualmente em contraponto ao valor que lhe era dado naquele período, constituímos uma pesquisa qualitativa, de cunho biográfico e documental, tendo como ponto de partida o objeto pesquisado – *O Coelhoinho do Halo Azul*.

Documentalmente, foram analisados comprovantes históricos ligados ao livro referido como convites para lançamento, notas de jornal, sendo encontrado, inclusive, o clichê original da capa do livro, guardados entre um acervo de incontáveis documentos, além de referências do autor, no tocante às preocupações com a infância; diretamente, por meio de cartas, anotações e crônicas, ou indiretamente, por meio de livros de sua estante, de suas leituras, denotando suas preocupações sociais. Buscamos encontrar nos documentos pesquisados, elementos que nos apontassem os fundamentos defendidos pelo autor: moral, trabalho, costumes, respeito, por ele absorvidos e aplicados, num processo empírico em que a literatura se servia dessa fonte como formadora, para entender qual a literatura infantil que ele buscava produzir e que criança ele vislumbrava. Para nos aprofundar no tema e entender um pouco melhor a pessoa Schneider, procuramos nos cercar de referências de quem o conheceu, trocando e-mails, inclusive, com algumas delas.

Amparado nessas argumentações, há de se configurar um suporte científico que, segundo Fachin (2003), é o resultado da investigação seguida de uma metodologia, na qual fatos e fenômenos produzem análise, descobrimento, criação, conclusão, além de apontar caminhos para novas descobertas, já que toda pesquisa, para um pesquisador ávido, abre frentes para outros trabalhos, quando não corrobora para que conceitos se desmanchem como um tapete que tecemos e, já quase concluso, desmanchamos para reconstruir por descobrirmos uma nova maneira, quem sabe mais eficaz, de apresentá-lo.

A pesquisa percorre o tempo histórico evidenciando o comparativo da criança e da literatura infantil vistas naqueles anos de 1950, a partir da metáfora do tapete citado acima. Quando pensamos que encontramos algo mais próximo da solução, ou mais satisfatório para a explicação de algo, vem um outro educador, uma outra filosofia, um novo pesquisador, algum fato histórico, alguma causa que estava encoberta, e abre novas perspectivas desestabilizando o estabilizado. Assim foi, e ainda é, com o olhar sobre a criança. Antes, a criança “seria”; hoje, ela já “é”. Amanhã a possibilidade de esse olhar ter se modificado é bem provável, e o tapete já será outro.

Por tratar-se de uma narrativa produzida sob o contexto de uma época, encontramos tanto no livro quanto no histórico do autor, Adolfo Bernardo Schneider, material suficiente para discorrer sobre assuntos muito relevantes, como questões relativas à política e ao discurso deste escritor, mas atentos ao cerne deste projeto, direcionamos todas as atenções para argumentações sobre a infância, a literatura infantil e a criança. Para tanto, foi também alvo de pesquisa o universo social pretendido por Schneider narrado no prefácio do seu livro. Essas informações pertinentes sobre a Joinville da época, direcionadas pela orientação da banca durante a qualificação, proporcionaram uma pesquisa atenta às reflexões atuais sobre criança e literatura, mas também com um olho no passado, assim como Janus, da mitologia romana, que tinha uma face dupla simbolizando o passado e o futuro.

## **2 CONTANDO UM POUCO DE HISTÓRIA**

Neste capítulo apresentamos um panorama da literatura infantil. O título irrompe como referência às contações de histórias, numa forma de nos reportarmos como essas contações são grandes responsáveis pela disseminação da literatura infantil. Em alusão a isso, contaremos um pouco da história desta literatura.

Reconhecida entre estudiosos, alunos de graduação e pós-graduação, nas academias e por pesquisadores que antevêm sua importância, a história da literatura infantil é cheia de conhecimentos que podem fomentar ainda mais o interesse sobre ela, dados seus valores, o percurso traçado até aqui, o acompanhamento da mesma frente às mudanças sociais no decorrer do tempo. Quando a estudamos e descobrimos que os contos de fadas nem sempre foram tão de fadas assim, que em seu princípio as histórias eram, inclusive, assustadoras, e que foram reescritas a partir dos contos de tradição oral, vindos lá da Idade Média, nos surpreendemos. Quando estudamos a história da literatura infantil, vamos descobrir que a história das *Mil e Uma Noites* também tem seus aspectos violentos, inclusive sexuais, quando nos apresenta, lá em sua origem, um rei vingativo que dormia todas as noites com uma virgem para depois matá-las por desconfiar de todas as mulheres devido às traições da rainha; estão entre os primeiros registros de feminicídio da história.

Quando estudamos a literatura infantil, entendemos seus avanços, tanto quanto dos conceitos de infância e de criança. Como elas eram vistas e como são hoje. Qual seu papel social e como ele se modificou com o passar dos tempos. Quando estudamos a história como um todo, enxergamos e entendemos de forma muito mais evidente onde estamos afinal, com o que lidamos, com o que já lutamos, tentando não adivinhar, mas abrindo caminhos para onde queremos e deveremos seguir. Por todos esses aspectos, estudamos a literatura infantil. Mas, afinal de contas, porque denominar de infantil o que é antes de tudo, literatura?

## 2.1 LITERATURA INFANTIL: QUE LITERATURA É ESSA?

Que literatura é essa, que força é essa a quem muitos condicionam o poder de formar, transformar, lapidar um ser? Que criação é essa? Que deusa seria essa Dona Literatura, que desdobrada em várias, direcionada para crianças e adolescentes, começou toda cheia de sortilégios, toda cheia de ensinamentos e de valores, lá nos começos do seu tempo, para chegar hoje, neste patamar de dama que instiga, que areja os pensamentos, que restaura o silêncio, que apaga velhos conceitos e fornece outros? Que literatura é essa que já se denominou para crianças, outras vezes de infantil, em alguns momentos de “para a infância”, em outros de “sobre a infância”, mas que desde as primeiras tentativas, veio ser aquela que

como um carteiro, era uma portadora de notícias, de informações, de revelações do que havia no outro lado do mundo, do outro lado da história, nos movimentos da imaginação? Que literatura é essa feita para os pequenos, mais ainda para aqueles que veem o mundo pelos olhos da fantasia, para aqueles que encontram o que é belo nas relações e no que os circula, despercebida aos adultos?

Entendemos literatura infantil segundo nossos propósitos, o que, no fim das contas é o princípio das definições: dividir o mundo segundo nossas necessidades, afirma Peter Hunt (2010, p. 46). Por este viés começamos este capítulo atentando para uma palavra que não cabe nesta pesquisa: definição, ao entendermos que definição delimita, e conceito, expande. Preferimos uma exposição de posturas que convergem a um conceito que não caiba numa caixa, mas que se manifeste num espaço aberto e sujeito a receber contribuições. Dessa forma também, em aberto, Hunt (2010) apresenta a incompletude do conceito de literatura infantil:

A literatura infantil, por inquietante que seja, pode ser definida de maneira correta como: livros lido por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças. Entretanto, tal definição complacente não é muito prática, já que obviamente inclui todo texto lido por uma criança, assim definida. A maioria de nós, imagino, também tenderia a considerar como livros infantis apenas os essencialmente contemporâneos; há um limite que separa os livros infantis sobreviventes dos livros “vivos”. Os conceitos de infância mudam tão depressa que os livros não mais aplicáveis à infância devem cair num limbo, onde se tornam domínio do bibliógrafo, já que não interessam mais ao bibliotecário ou à crianças atuais. (HUNT, 2010, p. 47).

Embora os pensadores de hoje concordem com os pensamentos de Hunt, o próprio afirma que sua opinião é fortemente contestada (2010, p.47) sendo assim não podemos esquecer que a literatura infantil foi pleiteada, ou desejada que fosse, como muito tempo se pensou, a que iria formar um ser humano adulto idealizado, o homem transformado por ela. A base estruturadora advém da percepção de que é a literatura que apresenta ao leitor principiante, fundamentos para sua imersão no mundo das palavras e da imaginação. A que, metaforicamente, será a gênese de todas as outras que virão, ou seja, o encontro da literatura com a infância desencadeia outras percepções sobre o mundo. Hans Christian Andersen, C.C. Lewis, Antoine de Saint-Exupéry, Carlos Collodi, J.R.R. Tolkien, Monteiro Lobato, Gianni Rodari, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga se constituíram como marcos referenciais para novos movimentos da literatura ao recuperarem da oralidade narrativas (re) contadas, atualizadas e recriadas pela escrita.

A literatura começa nas primeiras histórias, nas cantigas de ninar, quando a mãe embala o filho e faz dos seus braços sinos de vento e segue nas histórias recontadas de geração em geração; nas releituras de mães que recriam a sua maneira as histórias de lobisomens, bruxas, ou mariposas, como as lendas portuguesas que chegaram até a nós, que metem medo nos pequenos quando dizem que as mariposas se transformam em bruxas. Pessoas que na promoção da oralidade criam imagens, descrevendo castelos, lugares inexistentes, até se formarem, induzidas pelo encantamento da voz, transformando em encantado o que a princípio é só uma construção simbólica, o que é finito naquilo que só é real porque é promovido como fantástico. Toda criança entende um mundo que quando adulto nos escapa, um mundo maravilhoso onde uma cortina pode se tornar a capa mais poderosa do mundo, como diria Walter Benjamin (1995) nos seus “Esconderijos”, quando discorre sobre a imaginação infantil: [...] atrás de uma porta, a criança é a própria porta; é como a tivesse vestido com um disfarce pesado e, como bruxo, vai enfeitiçar a todos que entrarem desavisadamente” (BENJAMIN, 1995, p.91).

Dizer que a literatura infantil é feita para as crianças, é simplesmente reduzi-la. Conceituá-la de uma forma ligeira, dizer que ela é doce, singela, meiga, angelical, transformadora, sinestésica, onírica ou mágica é correr o risco de reduzi-la a um *slogan*, e um *slogan* sempre é redutivo, sempre apresenta apenas uma imagem daquilo que ele vende, mas não mostra tudo o que faz ser a marca que ele representa. Fundamental para nós, pesquisadores da literatura infantil e juvenil, será buscar fortalecimento para que ela seja vista como uma literatura tão grande quanto as literaturas produzidas para “gente grande”, isso se faz primordial para nós.

Nessa tentativa de buscar um conceito (atentos de que conceituar não é definir, justo que definir encerra uma questão e conceituar abre um outro caminho) que nos satisfaça, tentamos chegar o mais próximo possível do que entendemos por Literatura Infantil. Debus (1996) pontua que:

No *Guia de Leitura*, realizado pelo Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, encontra-se como característica definidora da Literatura Infanto-Juvenil aquela que é realizada para crianças e jovens por um adulto, e isso a distingue da literatura que é lida pelo adulto. Pra Regina Zilberman e Ana Mariza R Filipouski, entre os vários problemas da **falta de estudo deste gênero**, um se relaciona com a designação e assim em especificado em nota de rodapé, na obra *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*: A literatura endereçada às crianças é tida como infantil, havendo uma confusão entre o objeto em questão e o seu destinatário, embora o destinador, o sujeito da criação, seja via de regra um adulto. Usaremos também a expressão literatura infantil na falta de outra, porém fica claro que se trata de uma denominação insatisfatória, ainda mais se se compara ao seu provável contrário,

uma literatura não especificamente destinada às crianças. Tratar-se-ia de uma literatura adulta ou uma literatura destinada aos adultos. (DEBUS, 1996, p. 56)

A literatura da qual falamos, é essa senhora que se divide em várias idades, se apresenta de diferentes formas, é oferecida de forma comedida nas leituras mais convencionais, às vezes se veste de figura andrógina e estranha, utilizando para se fazer entender, de grandes desentendimentos. Ela é um texto que nem sempre é grafológico, muitas vezes é pura imagem, e se transforma em sensação quando adentra em nossos ouvidos ou é interpretada por meio de palavras em nossa mente. Entendemos, com o passar do tempo, que definir ou conceituar a literatura é muito complicado, justamente porque ela é simples e é complexa, é objeto de estudos há alguns séculos, mas nos últimos anos, tem sido dissecada para que os povos entendam como pode algo que por muitos é considerado tão supérfluo, ser, aos olhos dos pesquisadores e dos que se deixam tocar por ela, como fundamental?

Seria a literatura vital como uma necessidade orgânica como a comida, o ar e a água? No meio de tantas descobertas, este questionamento nunca encontrou uma resolução que convença a todos, continuamos à procura por uma palavra que a desdobre, uma frase de efeito que a defina. Temos não só a obrigação, mas a necessidade de continuar tentando responder que literatura é essa; assim, encontraremos, no mínimo, outras possibilidades para ela, novos caminhos que continuem a fomentando e mantendo a sua chama acesa. Se definir literatura já seria de uma amplitude imensurável, expandir isso para uma literatura infantil, ou para a infância, ou para a criança, torna-se ainda mais pantanoso, no sentido do quanto acabamos por ficar presos se aceitarmos um conceito como definitivo.

Coelho ainda afirma (2000, p 27) que “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”. Somada a essa afirmação contundente, ela sublinha que a literatura (para crianças ou para adultos) precisa urgentemente ser descoberta, pontuando que esta não deve ser encarada como mero entretenimento, mas vista, muito mais, como uma aventura espiritual que empregue o eu em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções.

Ítalo Calvino, por meio de seu personagem Marco Polo, em *As Cidades Invisíveis* (2003), enquanto narra suas viagens pela China, destaca que as histórias são feitas mais de ouvido do que de boca. Dizia isso, porque acreditava que, ao ouvir uma história escrita, o leitor a transforma. É neste momento, em que ouve ou lê, que ele insere os elementos da sua experiência, que constrói em sua imaginação o castelo que está sendo narrado na história, que

monta e remonta em sua mente, o rosto da personagem, o jeito que ela se movimenta, a forma como a carruagem se arquiteta na imaginação, a perícia com que o balão sobe ao ar e mostra lá de cima, a cidade inteira.

Por intermédio de pais, professores, contadores de história, promotores da leitura, na maioria das vezes, é que a literatura é trazida para a criança, para sua apreciação, para sua audição. Ao trazer essa literatura, quem o faz já traz consigo o encanto que esta provocou nela, e ao levar essas histórias até as crianças, é de outra forma que ela será recebida, absorvida, guardada. Podemos dizer que aí está a magia da literatura. É neste poder de ser múltipla, de tocar a cada um de uma forma diferente, como se ela fosse uma entidade com variadas faces, que está a sua capacidade de chegar até aqui, apresentando forças que continuam a movimentar sentimentos e nossas ideias. Sua força primitiva, a palavra, ou mesmo apenas uma imagem nos mostra o quanto somos adeptos do que pode ser mágico, do que pode ser fabuloso. A literatura como um todo, e a infantil principalmente, nos toca por meio de elementos que tem raízes em nossa gênese: a linguagem, o sonho, a fantasia.

A esperança também nos chega por meio da literatura, quando esta se apresenta como algo que pode movimentar na criança as diferentes formas de se deparar com o mundo. Segundo Antônio Cândido (2004), a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. A literatura acontece quando o outro disponibiliza o movimento libertador de sua interpretação. É aí que ele encontra a liberdade de poder reescrever o que acabou de ler, confirmando as palavras de Roger Chartier (2002) quando afirma que o que se escreve não é necessariamente o que será lido.

Com tantos autores e pesquisadores cada vez mais se debruçando sobre a literatura infantil, seja por meio de ensaios, artigos acadêmicos, grupos de pesquisa, cursos de pós-graduação, tanto *Strictu Sensu* quanto *Lato Sensu*, publicações direcionadas aos mediadores de leitura, professores, contadores de história, podemos entender que a literatura infantil já adquiriu escopo suficiente para comprovar sua importância. No desenvolvimento da pesquisa a respeito da literatura, reiteramos que ela nos povoa com suas histórias e personagens, e num mergulho mais profundo do que seria esse povoamento, encontramos as palavras, as ideias apropriadas pela assimilação do lido e do ouvido, ou mesmo pelo que nos provoca. Como observa Michele Petit em *A Arte de Ler* (2009, p.125) “somos habitados por inúmeras pequenas histórias”. Literatura não seria todo texto que é construído para ser livre, ao ponto de, ao adentrar no seu leitor, transcenda a palavra que é, e liberte todas as palavras que dentro

desse leitor, misturadas, formavam nele tantos conceitos? Antonio Cândido destaca que a literatura é feita por muitas manifestações artísticas, como

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 174).

Dessa forma, há de se concordar que a literatura é alimento, um prato que está a nossa mesa e que por isso, quando oferecida com novos ingredientes, estranha o paladar e pode causar desconforto aos desacostumados. Pensamento convergente à tese de Daniela Bunn (2011) que apresenta, por meio de sua pesquisa, uma analogia metafórica entre literatura e alimento, retratando o alimento na literatura, tanto quanto a literatura como alimento.

Nos livros *Como um romance*<sup>1</sup>, de Daniel Pennac (onde o autor faz uma expressiva defesa dos direitos do leitor e do seu ato de ler, principalmente), *A arte de Ler*<sup>2</sup>, de Michèle Petit, *A aventura do Livro*<sup>3</sup>, de Roger Chartier, o encanto poético das leituras feitas até então, ressaltamos que eles também foram uma indicação do que estava por vir, das leituras nas quais nos aprofundamos e que viriam a fundamentar a pesquisa no decorrer deste caminho. As reflexões sobre a alteridade que promovem a literatura foram acionadas ao trazerem discussão sobre narrativas de paisagens reais e inventadas, personagens, sensações, sentimentos, sensações que já vistas e sentidas. Em *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), Maria Tereza Andruetto escreve sobre esses livros e seus impactos:

Ocorre com alguns livros: abrem em nós uma fenda que não nos permite esquecê-los. Não se trata exatamente dos melhores livros, mas daqueles que nos disparam uma flecha que, como o amor, como o amado, não atinge todos igualmente. Não entesouramos o livro mais bem escrito, mas aquele que, possuidor de um 'punctum' que o aloja em nossa memória, continua nos questionando acerca de nós mesmos. (ANDRUETTO, 2012, p. 6)

---

<sup>1</sup> Livro do francês Daniel Pennac. Em '*Como um romance*', Pennac questiona, através da recriação ficcional do ambiente de uma sala de aula, a razão de os jovens não gostarem de ler, além dos direitos do leitor).

<sup>2</sup> Com um olhar interessado e uma sólida bagagem intelectual, a antropóloga Michèle Petit, investiga as diferentes maneiras pelas quais a forma narrativa pode atuar como educadora da sensibilidade, ao mesmo tempo em que se afirma como um poderoso instrumento de resistência ao caos interior e à exclusão social.

<sup>3</sup> Qual é o futuro do livro? O que nos ensina seu passado? Roger Chartier mostra por que a história do livro é inseparável dos gestos violentos que o reprimem, dos autos-de-fé à censura, mas, também, como a força do escritor tornou tragicamente derrisória esta obscura vontade.

Na apresentação do livro on-line *Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina* (2013), nos deparamos com um trabalho árduo de dezenas de pesquisadoras que realizam um mapeamento da produção editorial produzida em Santa Catarina, para crianças e jovens, com títulos de escritores, ilustradores e tradutores que nasceram e/ou vivem em Santa Catarina. Na apresentação da primeira edição desse livro on-line consta que levou-se em conta para a seleção dos escritores aqueles que têm Santa Catarina como berço de nascimento, bem como aqueles que escolheram Santa Catarina como berço de permanência. Assim sendo, cabe esclarecer que durante a apresentação desta dissertação, cada vez que citarmos a literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina, estaremos dando crédito a uma nomenclatura assumida pelo grupo Literalise.

Ligia Cademartori em seu livro *O que é a literatura infantil* (2010), argumenta sobre a literatura infantil e sua apropriação pelo leitor, e dá continuidade, sob outra perspectiva, a partir de *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes* (2010). Ambos os livros são também referências para o texto disponível no site do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale)<sup>4</sup>, que aborda a propriedade leitora em que há discussões sobre os benefícios da literatura infantil, de como ela é apropriada pelo leitor e de que forma este a compreende.

A literatura infantil é um gênero literário definido pelo público a que se destina. Certos textos são considerados pelos adultos como sendo próprios à leitura pela criança e é, a partir desse juízo, que recebem a definição de gênero e passam a ocupar determinado lugar entre os demais livros. Portanto, o que é classificado como literatura infantil não independe da concepção que a sociedade tem da criança e de seu entendimento do que seja infância. Mas os dois conceitos são instáveis, uma vez que variam em diferentes épocas e culturas. Vários teóricos, entre eles Peter Hunt, estabeleceram uma característica distintiva a partir da qual se pode conceituar o que é literatura infantil: o livro para crianças pode ser definido a partir do leitor implícito - isto é, a partir do tipo de leitor que o texto prevê. Os principais traços do leitor implícito do texto infantil são: um leitor em formação e com vivências limitadas por força da idade". (CADERMATORI, 2010)

Outra força da literatura infantil tem a ver com o mercado editorial, o que a torna, além de tudo, economicamente viável. Entendemos isso quando nos deparamos com o potencial da literatura infantil e juvenil no mercado brasileiro que, apesar de ser pequena ainda em relação à quantidade de livros impressos para publicações destinadas aos adultos, teve um crescimento de 28% em 2016 comparado ao ano de 2015, de acordo com o Sindicato

---

<sup>4</sup> Órgão complementar à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nacional dos Editores de Livros<sup>5</sup>. E não é de hoje que podemos afirmar que a literatura infantil e juvenil é um nicho do mercado editorial, próspero e crescente. Lajolo e Zilberman (1999), pesquisadoras da literatura infantil sinalizam com números precisos e preciosos a relação sobre o giro financeiro promovido pelas publicações para crianças:

Livros infantis constituem, contemporaneamente, um próspero segmento de nossas letras. Cresce o prestígio do autor nacional e os títulos brasileiros vão se impondo. Entre 1975 e 1978, por exemplo, de um total de 1890 títulos, 50,4% constituem traduções (953) títulos e 46,6% são textos nacionais. Essas percentagens, comparadas às cifras mencionadas por Lourenço Filho a propósito dos anos 40, quando o total de traduções ultrapassava 70% do conjunto, parecem indicar que, ao contrário do que sucede em outras áreas da produção cultural brasileira, no setor de livros destinados à infância o material brasileiro está conquistando espaços progressivamente maiores. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p.. 124).

Esses dados se fazem pertinentes para entendermos que, além de ser vislumbrada como um recurso contundente, tanto para a educação quanto para o entretenimento da criança, a literatura infantil é também um nicho de mercado que coloca em circulação editores, revisores, ilustradores, diagramadores, inserindo o escritor também como parte desse sistema que gera renda e faz circular a economia. Ao nos depararmos com os dados acima, datados de cerca de quarenta anos atrás, em contraponto com os apresentados pelo Sindicato Nacional dos Editores de livros, levantados em 2016, como apresentados no parágrafo anterior, percebemos a importância da literatura infantil e juvenil, atentando para o seu crescimento no mercado editorial no decorrer dos anos.

Considerando os dados apresentados, entendemos que a literatura destinada ao público infantil acaba por ser abraçada por diferentes sentimentos, por uma variada gama de pessoas: para a criança ela terá determinados aspectos, para o professor outros, para os pais ela terá a ver com o encanto, para o pesquisador ela terá este e outros adjetivos e conceitos, para as editoras será um produto. Olhando também por esta ótica, percebemos o quão abrangente ela se torna. Além disso, ela é uma das ferramentas mais eficazes para trabalharmos a sensibilidade. Nely Novaes Coelho (2000) afirma que a verdadeira evolução de um povo se faz ao nível da mente, ao nível da consciência de mundo que cada um vai assimilando desde a infância. Ela afirma que muitos ainda não descobriram que o caminho para se chegar a esse

<sup>5</sup> Informação colhida no site <https://ludovica.opopular.com.br/editorias/dinheiro/livros-infantis-ganham-espa%C3%A7o-no-mercado-brasileiro-1.1259924>, que traz informações sobre as publicações infantis.

nível é a palavra, e que, a literatura, é um verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte. A autora continua:

Os estudos literários, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição sine qua non para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p.16)

A leitura da literatura infantil na infância poderá constituir as primeiras amarras entre a racionalidade humana e o maravilhoso mundo do fantástico, nascido por meio das invenções e criações das mais diversas histórias.

## 2.2 PANORAMA HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

As histórias para crianças oriundas dos contos de fadas foram, no princípio, pensadas para os adultos, narradas possivelmente em volta das fogueiras, no meio dos vilarejos europeus cercados de florestas e todos os perigos pertinentes a esses ambientes.

Num tempo em que o conceito de infância era associado à ideia de miniadultos, girando em torno da Idade Média (476-1453) e indo até os meados dos século XVII com o início dos processos de escolarização<sup>6</sup> às narrativas circulavam discussões relativas aos valores morais vigentes. La Fontaine (poeta e fabulista francês) deu continuidade ao trabalho literário que Esopo (escritor grego a quem é atribuída a paternidade das fábulas como gênero literário) havia inaugurado séculos atrás, com uma literatura toda fabulosa, construída como crítica social, disseminando as histórias que viriam a encantar gerações de pessoas das mais diversas classes e lugares. Ele foi seguido por Charles Perrault (escritor francês do século XVII, que estabeleceu as bases para um então novo gênero literário: o conto de fadas), que absorvido pelo encanto que as histórias fabulosas promoviam nos povos, passou a traduzir para o papel, a sua versão das narrativas orais que haviam atravessado os tempos. Cerca de cem anos depois, Jacob e Wilhelm Grimm, conhecidos como *Os Irmãos Grimm* (poetas e escritores, que

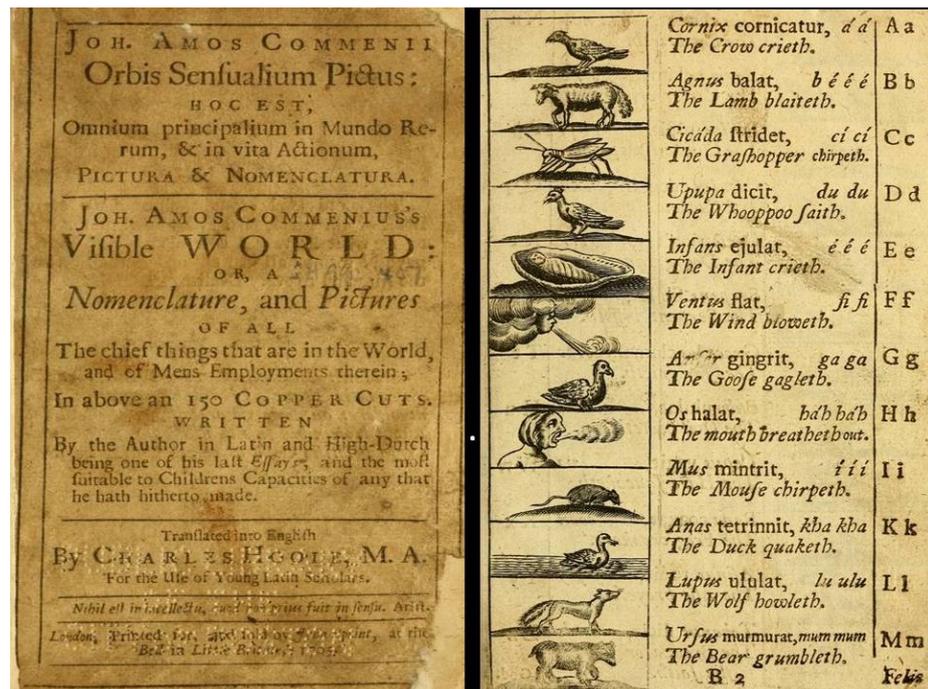
---

<sup>6</sup> Fonte Portal da Educação – [www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje/26666](http://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/historico-do-desenvolvimento-da-infancia-desde-a-idade-media-ate-os-dias-de-hoje/26666)

nasceram no então Condado de Hesse-Darmstadt, atual Alemanha) adaptam várias narrativas, acrescentando novos ingredientes, novos personagens, provenientes das tradições e das histórias orais alemãs.

Não podemos esquecer um dos livros inaugurais da literatura infantil, que tem a força de ter sido o primeiro livro infantil considerado necessariamente didático: *Orbis Sensualium Pictus*, publicado em 1658, da autoria do educador tcheco John Amos Comenius. Foi publicado em Latim, em seguida em Alemão. A edição original possui ilustrações, as quais poderão ser observadas no tocante a forma como são apresentados os ensinamentos. Pelas ilustrações daquele tempo podemos também inferir, à maneira didática como a literatura era representada.

Figura 1 - Capa e detalhe do interior do livro *Orbis Sensualium Pictus*



Fonte: Internet

Praticamente contemporâneo aos Irmãos Grimm (Jacob 1785-1863, Wilhelm 1786-1859), que morreram cerca de quarenta anos antes de seu nascimento, um dinamarquês, passou a criar um novo universo de ricos personagens como *O soldadinho de chumbo* e *O patinho feio*, não se prendendo às narrativas orais, diferenciando-se dos autores que o precederam. Hans Christian Andersen (1805-1875) criou histórias inesquecíveis, trazendo

outros personagens, tratando de assuntos delicados como a exclusão e a pobreza, compreensíveis às crianças de sua época.

A literatura infantil, através dos tempos, tem sido escrita, buscando nas tradições dos povos e nos comportamentos solidificados da sociedade, uma forma não só de contar uma história, mas de se fazer parte da história de quem lê, seja propondo a libertação das ideias, seja inserindo ideias programadas para manter um comportamento pré-determinado em quem a lê.

Verificamos que os textos que hoje são focados em temas emergentes como a igualdade, a diferença, questões de raça e de gênero, não podemos negar o que os enlaça e liga: o direcionamento ao pequeno leitor e às estratégias pautadas na difusão da tradição ou no rompimento dela. Compreendemos assim como é contínuo o movimento de temas e proposições que refletem o contexto social de suas épocas, e como esses discursos são utilizados pela literatura, infantil ou não. Percebemos que para que essas pautas cheguem claras ou subliminares, diretas ou subjetivas, diferentes formas de discurso foram e são utilizadas no decorrer dos tempos. Já nos fins dos anos sessenta do século XX, Leonardo Arroyo (1968), logo na primeira página da introdução de seu livro *Literatura Infantil Brasileira*, dizia que se prestarmos atenção às edições dos autores dos séculos XVIII e XIX, comparando-as com as mais modernas, vamos constatar diferenças fundamentais na construção do texto, no desenrolar do tema, na utilização da linguagem e do vocabulário.

Arroyo cita um personagem comumente mencionado quando é descrita a trajetória desta literatura; o nome dele: François Fénelon que, contemporâneo à Perrault, foi um teólogo católico, sacerdote, poeta e escritor, uma das figuras de seu tempo mais reconhecidas na França. Suas ideias e ideais sobre educação, principalmente, esbarravam nas tradições da própria igreja da qual pertencia, isso entre a segunda metade do século XV e a primeira década do século XVI. Como escritor, escreveu fábulas e um livro que ficou marcado na história por figurar entre os primeiros (do seu gênero): *Dialogues des Morts*<sup>7</sup> que fazia um relato de personalidades do passado reavaliando suas ações. Também, segundo Arroyo, escreveu *Traité de l'Education des Filles*<sup>8</sup>, possivelmente um dos primeiros livros direcionados à pedagogia. Arroyo frisa nesta mesma citação que era a primeira vez que uma criança, na realidade um pequeno duque, tinha em mãos um livro feito para elas – no caso, as fábulas escritas por Fénelon. Arroyo (1968) esclarece ainda que, nessa época, às crianças, eram destinadas leituras sacras, o que se costumava chamar de livros piedosos.

<sup>7</sup> ("Diálogos dos Mortos"), tradução nossa.

<sup>8</sup> Tratado da educação das meninas.

Uma das primeiras publicações feitas no Brasil, voltada especialmente para a criança, aconteceu ainda no final do século XIX, no ano de 1895. Segundo Lajolo e Zilberman (1999), “73 anos após a Independência, Fausto Barreto (1852-1915) e Carlos de Laet (1847-1927), ao organizarem a famosa *Antologia Nacional*, entre os que deveriam ser os melhores textos para os estudantes da época, incluíram a milenar fábula de Esopo” (LAJOLO, 1999, p.510). Barreto e Laet também fazem uma descrição cronológica de publicação para as crianças nesse início dos tempos da literatura infantojuvenil no Brasil. Lajolo, entre tantas informações indispensáveis no reconhecimento da trajetória da literatura infantil no Brasil, iniciam citando *Pátria*, livro escolar de João Vieira de Almeida, escrito em 1891, sendo esse o primeiro registro, embora não seja literalmente um livro de literatura, e conclui o referente parágrafo citando *Contos da Carochinha*, de 1894, *Histórias da Baratinha*, de 1896, e *Histórias da Avozinha*, de 1896. A partir daí, passando esse recontar de clássicos que vinham da Europa, mediante as influências da tradicional pedagogia da época, foram reverberando histórias infantis, digamos assim, com conteúdo moralista, maniqueísta, fechado naquele sistema da época.

No início do século XX, no Brasil, começavam a se propagar as novas ideias de sociedade, educação e civilização, advindas principalmente da Europa, mas também dos Estados Unidos. No entanto, a tradição era muito forte, a igreja não queria perder o seu poder perante a educação, continuar formadora, dados os seus princípios e guerra de poder, e com isso, ao produzir uma literatura que não fosse pueril e nem moralizante, esse escritor poderia ser considerado subversivo, quem sabe comunista<sup>9</sup>, como aponta a história quando estudamos a educação e seus embates entre os reformistas pioneiros e os tradicionalistas cristãos, católicos em sua maioria (Pécaut, 1990). Mas, histórias novas precisavam ser produzidas, e encontrar uma forma de torná-las mais arejadas, sem perder a sua característica fabular, cremos ter sido um exercício de tentativas. Debus (1996) aponta particularidades da literatura desses anos compreendidos entre as primeiras décadas do século XX:

A produção literária, nessa época, é marcada pela preocupação moralista, exaltação ao trabalho, disciplina, obediência, e, acima de tudo, um cantar às belezas da pátria. [...] A literatura para criança era confundida e tratada como literatura escolar, intimamente ligada à Pedagogia. Sua introdução se dava nos bancos escolares, e disso não escapou nem mesmo Lobato. Seu primeiro livro, datado de 1921,

<sup>9</sup> Neste período, entre 1910 e 1940, principalmente, a figura do comunista era ligado ao demônio, pelo menos era o que pregava a Igreja com medo de perder espaço no protagonismo da educação. Por vezes, dizia que os reformistas da educação que queriam separar o ensino da religião eram comunistas, ou seja, ligados ao demônio, como forma de manter seus fiéis ligados a ela, e assim, levantar um muro de resistência contra as reformas educativas.

*Narizinho Arrebitado*, traz no frontispício os dizeres: Literatura Escolar. (DEBUS, 1996, p. 12)

A partir de 1910, de acordo com as leituras de Oliveira (2015), as tessituras a respeito do que se argumentava sobre literatura e criança, no Brasil, tinham marcas determinantes, como a necessidade de uma escrita direcionada ao universo escolar. Vejamos:

Na segunda metade do século XX, na medida em que foi aumentado a produção dos livros destinados ao público infantil, começaram a ser publicados alguns textos específicos sobre o assunto, os quais problematizam, de modo mais geral, aspectos desse tipo de publicação. Se até a década de 1910 a literatura infantil era tematizada apenas nos prefácios, prólogos e apresentações, a partir de então o assunto começou a tomar corpo, resultando em alguns textos em revistas especializadas e capítulos de livros. Desse modo, é possível compreender que os primeiros textos específicos sobre literatura infantil, publicados no Brasil, a partir da década de 1910, são decorrentes da importância que a leitura escolar vinha ganhando no processo de escolarização e na formação das crianças, de modo que buscam explicitar algumas concepções em torno desse gênero (OLIVEIRA, 2015, p. 38).

Um dos fatores é resultante do fato de que as publicações por serem escassas, deviam ser muito caras, além do fato de que a população alfabetizada naquele período possivelmente era bastante pequena, é natural até, entendermos a escola como a que deteria um determinado poder sobre o que era permitido ou não, viável ou não, para a criança. Para muitos pais e leigos, até hoje, a literatura infantil é sinônimo de escola, e para muitas crianças – perguntemos a qualquer professora de anos iniciais ou do ensino fundamental – o acesso à literatura infantil é quase que uma oferta exclusiva das escolas. Então, pensemos: que poder a escola tem com um material tão precioso na mão? Porque não utilizá-lo, mesmo como fôrma? Embora assustadora, essa pergunta parece rodear a mente de tantos universos políticos.

O advento da Escola Nova<sup>10</sup> e outros movimentos que buscavam modernizar não só o espaço geográfico da escola, mas também modificar a condição humana dos brasileiros gerou uma força, uma movimentação para que a nossa sociedade, como um todo, ganhasse uma cara nova, uma “cara brasileira”, uma arte brasileira, inclusive, que se preocupasse e fosse feita da nossa cor, dos nossos costumes e jeito, dos nossos credos e ritmos. Essa força foi ganhando envergadura quando Oswald de Andrade, em 1928, lançou o *Manifesto Antropófago*<sup>11</sup>; quatro

<sup>10</sup> A Escola Nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX.

<sup>11</sup> O Manifesto Antropófago (ou Manifesto Antropofágico) foi um manifesto literário escrito por Oswald de Andrade, principal agitador cultural do início do Modernismo brasileiro, o qual fundamentou a Antropofagia.

anos depois, em 1932, é criado o *Manifesto dos Pioneiros da Educação*<sup>12</sup>, tendo à frente educadores/intelectuais dos mais influentes, na época, como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. No meio dessas mudanças tão significativas, que na realidade causaram um verdadeiro rebuliço na maneira de pensar a educação, a arte, a sociedade como um todo, atentamos para o Modernismo, movimento marcado até os dias de hoje como revolucionário na maneira de como começamos a nos apresentar perante o mundo. Esses movimentos e manifestos respondiam não só aos gritos dos intelectuais por uma transformação em nosso comportamento e na formação de outros, genuinamente nosso, mas também a setores da sociedade que não tinham voz e que começaram a aparecer, tendo esses documentos como mais um laço a ser rompido.

O fato é que a literatura infantil crescia e ganhava força. Mesmo que moralizante, ela se expandia sob a vigilância da igreja, ou sob o repúdio de pensadores e escritores mais modernos, o fato é que ela se solidificava enquanto arte. Os tempos passam e os costumes vão se adaptando aos movimentos sociais. Se antes moral e pueril, hoje hermético e metafórico, libertador, primando pelo humor ou pela adaptação (em relação às releituras), o texto para a infância hoje, que pensa a criança como um humano que já é e não apenas aquele que está em transformação (afinal, todos estamos, crianças ou adultos) traz marcas que não sabotam mais a criança tentando fazer dela apenas uma marionete, mas que se comunica com ela no reconhecimento de que estamos mediante um ser humano, que como todos, está em constante transformação.

A percepção encontrada nos textos da literatura infantil, comumente terá em seu interior, uma mistura de informações, de emoções, de direcionamentos. Azevedo (1999), ao discorrer sobre as convergências e dissonâncias da literatura infantil, cita, como exemplos, histórias conhecidas:

Seria, naturalmente, perda de tempo pretender ser conclusivo diante de um assunto tão amplo. A obra de Monteiro Lobato, apresenta características que invadem o didatismo e, ao mesmo tempo, a literatura. Em Pinóquio encontramos a mesma situação: a mais desatualizada lição de moral de braço dado com a mais maravilhosa e emocionante ficção. (AZEVEDO, 1999, p.5)

---

Lido em 1928 para seus amigos na casa de Mário de Andrade, foi publicado na Revista de Antropofagia, a qual Oswald ajudou a fundar com Raul Bopp e Antônio de Alcântara Machado.

<sup>12</sup> O "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova", datado de 1932, foi escrito durante o governo de Getúlio Vargas e consolidava a visão de um segmento da elite intelectual que, embora com diferentes posições ideológicas, vislumbrava a possibilidade de interferir na organização da sociedade brasileira do ponto de vista da educação.

De mãos dadas, cultura e educação têm caminhado como condutoras do desenvolvimento do ser humano, e ambas, de maneira muitas vezes intrínseca, contribuem na construção, no direcionamento de novas interpretações do mundo, da leitura do mundo. Da literatura escolar dos anos de 1920 à literatura que se pretende como aquela que venha a contribuir com uma sociedade mais justa, com crianças menos presas à comportamentos tradicionais, percebemos a influência da educação em conluio com a cultura, apontando para a renovação das próprias. A literatura infantil será que repete o que os autores e autoras veem em seu cotidiano, ou também tem o poder de abrir novas maneiras de ser, e de educar?

Atravessamos os séculos nos adaptando aos novos comportamentos sociais, a maneira como a humanidade foi apresentando suas reivindicações. A liberdade da fala, o reconhecimento da mulher e do negro em equivalência, em igualdade de gênero e de raça. Assim também com a criança, com os temas, hábitos e significações de tudo o que convirja para elas, como também aconteceu com a literatura infantil. Questões tanto culturais, quanto educativas, ou educacionais, passaram a fazer parte do olhar dos autores contemporâneos para a representação social desse tempo. Assim, vemos a literatura infantil e a literatura como um todo, como obra fundamental na construção dos saberes. É tão inegável sua importância que um dos grandes pesquisadores brasileiros, Antonio Cândido, refere-se a ela como um direito da humanidade.

Segundo Jean-Claude Forquin (1983), educação e cultura são tão intrínsecas, que uma, muito facilmente, pode se apropriar do conceito da outra.

Incontestavelmente, existe, entre educação e cultura, uma relação íntima, orgânica. Quer se tome a palavra "educação" no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo. quer se restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de "conteúdo" da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irredutível ao que há de particular e de contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo, antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido então a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura. (FORQUIN, 1983, p. 121)

Em *Entre Vozes e Leituras: A recepção da Literatura Infantil e Juvenil*, Eliane Debus traz à tona informações sobre a história da literatura infantil no Brasil, a partir de vários estudiosos. Ela é criada para a criança, por meio dos livros de memórias de vários escritores daquela época, como Gilberto Freire e Manuel Bandeira. A autora afirma que “A literatura

infantil, contudo, se delineia no Brasil, nas últimas décadas do século XIX, através das adaptações de Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen, como um fazer literário de cunho europeu, distante da realidade das crianças brasileiras” (DEBUS, 1996, p. 11). Logo em seguida, ela cita ainda Olavo Bilac e Manuel Bonfim, com obras tendenciosamente moralistas, ufanistas e patrióticas. Também nos relata sobre como era apresentada essa literatura, que aqui convencionamos chamar de Literatura Infantil e Juvenil.

Segundo Debus (1996), “a consciência de uma influência europeia e o rompimento com uma visão paradisíaca de isolamento do país foram tomando forma na produção literária dos escritores da época” (p.12), que se aproveitaram dessas novas tendências, para criarem materiais próprios. Castelos, gente extremamente branca, fadas, sobrenomes impronunciáveis, reinos distantes, improváveis, frutas que não se conhece o cheiro, nem o sabor, tudo isso ia mostrando um mundo lindamente rico e imaginário. Ao mesmo tempo, não podemos negar que essas narrativas apresentavam um universo tão distante dos padrões, dos costumes e modo de ser do nosso Brasil. Estava na hora de alguém dar início à criação de uma produção brasileira que trouxesse para o texto nossas características e comportamentos, que falasse da nossa geografia social, que dialogasse com a nossa língua, em que nos sentíssemos identificados, o que sugeriria outro tipo de reflexão.

Pretendia-se uma literatura que não fosse mera tradução europeia, atentava-se nesse período para criar um alicerce no meio literário nacional, histórias que representassem o povo brasileiro. Uma literatura para a infância em que as crianças brasileiras pudessem se identificar. Misturando esses elementos numa confluência e entrelaçamento com elementos das já tradicionais histórias da literatura infantil mundial, Monteiro Lobato<sup>13</sup> inaugura uma literatura para as crianças brasileiras, na qual elas poderiam se sentir representadas. Construiu narrativas em que a vida das personagens viviam no Sítio do Pica-Pau amarelo com o Brasil ainda rural daquela época.

O primeiro livro de Monteiro Lobato, *A Menina do Narizinho Arrebitado*, de 1920, subvertendo a lógica das histórias que chegavam às crianças até então, trouxe dentro de sua narrativa a quebra do maniqueísmo (nem toda princesa é mais tão boazinha e nem todo “monstro” é feito só do que é ruim), releituras de histórias tradicionais (dando novos ares a personagens como Pequeno Polegar e Peter Pan), discussões sobre sincretismo religioso.

---

<sup>13</sup> É fato que, num contexto atual, seus textos parecem, e são até, muitos deles, racistas, mas, considerando o tempo em que foram escritos, atentamos para o fato dessas discussões não serem levantadas com tamanho zelo ou quando aconteciam, possivelmente eram abafadas. Soma-se a isso, o fato de que crescia dentro do contexto social uma ilusão de que não havia racismo ou preconceito no Brasil.

Transformou uma menina que poderia falar tudo com determinada empáfia, numa boneca de pano representando a filosofia por meio de um homem feito de sabugo de milho.

Atento ao papel renovador que teve Lobato na história da literatura infantil brasileira percebemos, no hoje, retratos de uma época que destoam desta realidade de 2019, que destoam de outros sentidos que desejamos para uma sociedade futura. Não podemos admitir, por exemplo, que, ao exemplo do que escrevia Lobato diversas vezes em sua literatura, uma mulher negra seja tratada como “neguinha”, como se esse sentido aparentemente carinhoso não reforçasse um racismo embutido. Contextualizando os períodos e as mudanças sociais, conseguimos enxergar os movimentos históricos, de fato, dentro destas narrativas. Assim, ao adentrarmos nesse caminho literário, vamos entendendo melhor a construção da nossa sociedade e de como as crianças passaram a ser retratadas, que voz foram dadas a ela, quais as perspectivas que passaram a ser vislumbradas. Nesse caminho, de lá até aqui, encontraremos na literatura infantil obras e autores fundamentais nas mais heterogêneas bibliotecas. Citamos, por exemplo, a obra de Mauricio de Sousa com sua *Turma da Mônica* criada em 1959, Ziraldo com livros como *A Turma do Pererê, também de 1959* e *O Menino Maluquinho*, publicado pela primeira vez em 1980. Mas foi na prosa, principalmente, que a literatura infantil brasileira obteve destaque. Citamos Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Ana Maria Machado e Roseana Murray. Além dos autores ditos “adultos” que enveredaram pelo ramo da poesia infantil, principalmente, como Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector, Manoel de Barros e Paulo Mendes Campos.

Entendendo como um ser social, que é exposto em diferentes projeções com o passar do tempo, assim como a sociedade, vislumbramos a literatura infantil, como ela se configura e se apresenta para esse componente social que denominamos de infância. Atentos a essas pessoas, os que produzem e os que os classificam e/ou consomem (professores, críticos, leitores) devem estar atentos às transformações sociais que continuam em voga, e também à luz do tempo em que as histórias foram escritas. Peter Hunt (2010) num estudo crítico sobre teoria e literatura infantil, afirma:

Se a literatura infantil pode ser beneficiar do contato com a teoria e com a crítica, deve-se dizer que ela possui seus próprios problemas. A divisão central entre a literatura infantil do passado e a atual – pode ser mesmo chamada literatura infantil se não estiver “viva”? – complica a questão. Ela precisa ser definida em termos de seus odis elementos: crianças e literatura. A crítica deve ser diferente, mas não menor que as outras. Suas características singulares exigem uma poética singular. (HUNT, p.19, 2010)

Entusiastas da literatura, encontramos nos estudos de Hunt, outros subsídios para ampliar os nossos. Num questionamento pontual, o próprio autor enfatiza a pergunta: “Por que estudar a literatura infantil?” Observemos sua resposta:

Porque é importante e divertido. Os livros para criança têm, e tiveram, grande influência social e educacional; são importantes tanto em termos políticos como comerciais. [...] Do ponto de vista histórico, os livros para crianças são uma contribuição valiosa à história social, literária e bibliográfica; do ponto de vista contemporâneo, são vitais para a alfabetização e para a cultura, além de estarem no auge da vanguarda da relação palavra e imagens narrativas, em lugar da palavra simplesmente escrita. Em termos literários convencionais, há entre eles textos clássicos. Em termos de cultura popular, encontramos best-sellers mundiais e títulos transmitidos por herança de famílias e culturas locais. Estão entre os textos mais interessantes e experimentais no uso de técnicas de multimídias, combinando palavra, forma e som. (HUNT, 2010, p. 24)

Estudando os livros de imagens, destinados ao público infantil, em sua tese de doutorado, Maria Laura Spengler trouxe apontamentos bem amplos sobre a literatura infantil, nos fazendo refletir a respeito de uma duplicidade de leitura, em sua interpretação.

Ainda que tenha como destinatário a criança, a Literatura Infantil é conhecida por ter leitor duplo: primeiro o adulto, depois a criança. Isso se dá porque até chegar às mãos e aos olhares das crianças, um livro de Literatura Infantil passa por muitos outros estágios de produção: a escrita (de texto e ilustração) é realizada por um adulto, até que chega à editora, lugar onde outro adulto organizará o livro, por meio da edição, design, divulgação, para, então, chegar às livrarias e bibliotecas, ser escolhido por outro adulto – pais ou professores –, para, finalmente, alcançar seu leitor, a criança. (SPENGLER, 2017, p. 55)

Nesses recortes temporais trazidos para os dias de hoje, buscamos estudiosos que multiplicaram um discurso para a literatura infantil, valorizando o imaginário e todas as pulsões que a imaginação eleva. Escritores que espalharam pelo mundo a sua força criativa enquanto outros se debruçaram sobre essa criatividade para nos orientar. No entanto, em desalento aos homens e mulheres que buscaram renovar a linguagem, em desalento a pensadores e escritores que veem na liberdade e na diferença entes que possibilitam uma melhor leitura sobre a igualdade, continuam e continuarão existindo, mesmo que em número cada vez menor, autores tradicionais que queriam manter na cabeça das crianças a linguagem pueril dos antigos contos europeus, principalmente.

### 2.3 A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL PRODUZIDA EM SANTA CATARINA ENTRE OS ANOS DE 1950 E 1960

Neste subcapítulo apresentamos um estudo sobre os autores importantes para a literatura de Santa Catarina entre os anos de 1950 e 1960. Esse recorte histórico destaca-se no período em que foi publicado *O Coelho do Halo Azul*, de Adolf B. Schneider. Imersa numa produção que não primava pela ousadia, mas que reproduzia um discurso pertinente à sociedade e ao sistema educativo da época, a literatura infantil de Santa Catarina deste período se compõe, em sua maioria, por histórias que veem na criança, entre outras características, um ser humano que como uma fôrma, recebe informações para então, moldar-se. Quando não, um ser frágil e delicado com o qual devemos ter o máximo de cuidado, principalmente no tocante a determinados assuntos.

A pesquisa da história da literatura em Santa Catarina encontra em Celestino Sachet um nome bastante pulsante, e é também em seus estudos que nos deparamos com o que foi produzido para o público infantil no estado.

Celestino Sachet, em *A Literatura dos Catarinenses* (1985), faz um estudo sobre a produção literária de Santa Catarina, e apresenta o grego Esopo como o primeiro (se é que podemos chegar até esta gênese) a produzir para os pequenos. Segundo Sachet, Esopo escreveu quinhentos anos antes da Era Cristã e angariou respeito como “contador de histórias de animais, usadas simbolicamente para criticar costumes das camadas dirigentes do seu tempo, entre os quais se incluía a corrupção dos governantes, as intrigas da sociedade, o abuso dos poderosos” (SACHET, 1985, p.213). Em *O Coelho do Halo Azul*, entendemos que Adolfo Bernardo Schneider aciona uma literatura com fins estratégicos, assim como fez Esopo, porém não com o intuito de combater a tradição ou denunciar atitudes retrógradas e pusilânimes, e sim apresentar sua história por meio dos costumes de seu tempo, evidenciando conceitos de valores que para ele deviam permanecer solidificados.

Passadas quase três décadas desde a publicação de *O Coelho do Halo Azul*, em 1985 Sachet indica como a literatura infantil passou a ser pensada nesse período. Não mais aquela pautada apenas para formar, induzir ou ensinar, como uma literatura pedagógica ou escolar:

[...] o princípio de que a LIJ não deve funcionar como força de ajustamento do pequeno leitor à escala de valores, hábitos e atitudes do produtor da história. A magia do texto escrito ou daquilo que está sendo ouvido deve funcionar como

alavanca para superação da dependência, pela aquisição de autonomia no raciocínio e nos modos de agir (SACHET, 1985, p.213)

Sachet (1985) divide em dois momentos a história da literatura infantojuvenil em Santa Catarina: no primeiro momento, faz referência a quatro escritores que teriam sido produzidos na década de 1950: Lausimar Laus, Heitor Luiz Filho, Balbino Martins e Adolfo Bernardo Schneider, os quais denomina de “pioneiros”. E é sobre esse momento que o subcapítulo se pauta neste levantamento de nosso objeto de estudo.

Como toda historiografia, dados e fatos acabam por se perderem no tempo, principalmente quando entendemos que determinados temas, como a literatura infantil, não possuíam o mesmo peso que tem agora. Tanto que é fato que ainda em meados dos anos noventa, de acordo com Debus (1996), pouquíssimos estudos críticos e teóricos podem ser encontrados sobre a produção literária para crianças e jovens, em Santa Catarina. Decorridos alguns anos já despontam trabalhos de pesquisa como o de Carlete Maria Thomé (2015), que em sua dissertação analisou a produção literária de escritoras do oeste catarinense que tiveram na criança o seu material de trabalho, ou a pesquisa de doutorado (2003) de Danusia Aparecida Silva, que abordou a representação da criança na obra de Werner Zotz<sup>14</sup>.

Outro trabalho significativo e coletivo foi realizado pelo grupo de pesquisa Literalise (CNPq/UFSC), por meio de uma pesquisa que envolveu vários alunos de graduação e de pós-graduação, resultado num inventário sobre os escritores e as suas produções, no âmbito da literatura infantil e juvenil de Santa Catarina. Desse inventário surgiu o livro eletrônico *Literatura infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina*, que em sua primeira edição trouxe a biografia de 50 escritores e a resenha de um total de 160 títulos, incluindo *O Coelho do Halo Azul*.

Nesta dissertação, envolvendo o livro *O Coelho do Halo Azul*, de Adolfo Bernardo Schneider, adentraremos nos estudos da literatura para a infância produzida em Santa Catarina. Sachet (1985), por exemplo, traz Adolfo Bernardo Schneider como um historiador e escritor que se destacava na temática da colonização, e publicou para as crianças o quarto livro infantil escrito e publicado em Santa Catarina, e o primeiro, na cidade de Joinville. Os estudos de Sachet avançaram com a publicação, em 2012, de um inventário da literatura catarinense de ficção, com o livro *A Literatura Catarinense – Espaços e caminhos de uma*

<sup>14</sup> Nascido em Indaial, mora atualmente em Florianópolis. Entre suas publicações encontramos *Apenas um Curumin*, *Não-me-toque em pé de guerra*, *Mamãe é mulher do pai*, entre outros títulos. Recebeu vários prêmios internacionais, entre eles, o Prêmio Milors Blanco, promovido pela UNESCO.

*identidade*, mas não trouxe nenhuma informação em relação ao livro *O Coelhozinho do Halo Azul*.

Não deliberaremos aqui os méritos artísticos nem humanísticos de Schneider ou escritores contemporâneos a ele, ao analisar, na atualidade, que em alguns momentos, trechos dessas histórias, como por exemplo, recortes de autores como Jorge Amado ou Monteiro Lobato, têm elementos racistas e/ou xenofóbicos, até mesmo porque fazemos uma leitura a partir daquele contexto histórico, considerando o recorte daquele tempo. Em relação ao *Coelhozinho do Halo Azul*, discutimos a esse respeito quando refletimos a sociedade joinvilense daquela época, que segundo pesquisado em fontes como o Arquivo Histórico de Joinville por meio do acesso aos jornais daquela época, os integrantes da sociedade que descendiam dos colonizadores europeus, reuniam-se em clubes destinados a manter acesa suas tradições. Os jovens eram cooptados a casarem-se com a mesma etnia. Observemos o que diz Rech sobre o comportamento a partir da colonização. Adjetivos como “de origem” ainda são ouvidos na cidade.

Apesar da existência de moradores luso-brasileiros na região, e anterior a eles a presença e ocupação por povos indígenas e sambaquianos, a história da cidade costuma iniciar-se com a “fundação oficial”, ocorrida com a chegada dos primeiros imigrantes europeus, no dia 09 de março de 1951, moradores da atual Alemanha. Apesar da existência de noruegueses e de a maioria dos imigrantes serem suíços, o perfil da cidade foi tornando-se germânico, preservando as práticas culturais dos antepassados. Mesmo no final do século XIX e meados do XX, apesar da existência de uma elite luso-brasileira, firmada na cidade principalmente a partir da atividade ervateira, as práticas culturais alemãs se sobressaíram. Constituindo um grupo mais numeroso, imigrantes e descendentes, também denominados teuto-brasileiros, colaboraram para a (re) produção de uma ideologia baseada na etnicidade. Assim, a expressão “de origem” é utilizada pelos imigrantes e descendentes como diferenciação dos outros grupos étnicos, principalmente dos brasileiros, comumente denominados “lusos” ou “caboclos”. (RECH, 2008, p. 8).

Em pesquisa via e-mail, à Academia Joinvilense de Letras, que teve como um dos sócio-fundadores o senhor Adolfo Bernardo Schneider que hoje é o patrono dessa Academia, tivemos resposta do atual secretário daquela instituição, senhor Paulo Roberto da Silva<sup>15</sup>, que confirmou que *O Coelhozinho do Halo Azul* foi o primeiro livro de literatura infantil escrito na cidade de Joinville. Num tempo em que a literatura infantil não era referência no mercado livreiro nacional, torna-se cauteloso pensar contextualmente. Após os anos de 1950, é que

---

<sup>15</sup> Advogado atuante, membro da Academia Joinvilense de Letras autor de livros da área de jurisdição. Entreviú de forma pontual em alguns questionamentos sobre Schneider, no decorrer da pesquisa, repassando informações via e-mail.

ocorreu a primeira publicação no Estado de Santa Catarina. Analisar esse período é assunto de ourivesaria, a ser tratado com muita delicadeza e cuidado, quando afirmamos este é o primeiro, aquele é o quarto título lançado, já que nada é definitivo. Afinal, em algum lugar, em alguma pequena cidade catarinense, títulos que por terem sido lançados de forma abrangente, ou em edições artesanais, podem não ter atingido o grande público.

Santa Catarina começou com atraso a publicar livros, e com mais atraso ainda, a enveredar pelos livros infantis. Andei pesquisando no Google e encontrei uma menção de que o primeiro livro infantil do Estado foi publicado em 1949 por Lausimar Laus, escritora de Itajaí. O trecho é este: Em Santa Catarina a Literatura Infante-Juvenil começou a ganhar espaço em meados da década de 80. Em se tratando de panorama historiográfico, não se pode esquecer, no entanto, do primeiro livro que se tem registro, direcionado a esse tipo de público. Trata-se de obra de Lausimar Laus, datado de 1949, cujo título é *Brincando no Olimpo*. Conta a história de crianças que vão visitar o Olimpo, ocasionando muitas aventuras. Foi publicado numa revista, e mais tarde, em livros. A escritora enfatiza, em sua literatura, o apelo pedagógico. (SILVA, 2017).

Além dessas indicações, o senhor Paulo Roberto da Silva apresentou respostas e curiosidades sobre o escritor Adolfo Bernardo Schneider e sua incursão pela literatura infantil. No mesmo e-mail ele continua com seu relato sobre o ineditismo do livro infantil de Schneider, em Joinville. Essa mensagem apresenta informação trazida por Debus (2011), em artigo intitulado *A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina: o caso Lausimar Laus*:

Celestino Sachet (1985) ao apresentar a obra infantil e juvenil produzida em Santa Catarina, insere Lausimar Laus no grupo dos pioneiros, a escreverem para crianças e jovens, juntamente com Heitor Luz Filho com *Uma Aventura no Céu* (1951), Balbino Martins com *Um Grande Entendimento* (1957) e Adolfo Bernardo Schneider (1959) com *O Coelho do Halo Azul* (DEBUS, 2011, p.179).

Ao pesquisar a biografia do autor na Academia Joinvilense de Letras, buscando vestígios de uma época (pormenores deste período girando em torno dos anos de 1950 veremos num capítulo à parte) a fim de descobrir se realmente o livro de Schneider foi o pioneiro na cidade no seguimento da Literatura Infantil, encontramos os nomes de Ignácio Bastos e José Diniz, ambos também patronos da referida Academia. Escritores que eram também teatrólogos, da qual encontramos suspeitas de que talvez estes tivessem escrito para as crianças anteriormente à Schneider. De suas obras há apenas informações registradas em atas, de apresentações as quais os títulos, nos possibilita inferir que pudessem ter sido

produzidas para a infância. No entanto, mediante a falta de evidências de registros materiais ou outras fontes à história permanece inalterada, no tocante ao ineditismo do autor na cidade de Joinville.

A literatura infantil e juvenil produzida em Santa Catarina, no período das décadas de 1950 a 1960 do século XX, trazia consigo marcas da tradição e do conservadorismo, apresentando-se, na maioria das vezes, de forma pueril, educativa, pedagógica ou uma Literatura Escolar, como já destacado. O escritor, mediante a questão da autoria, imprime no seu texto as suas referências imediatas, a sua experiência de vida, fatores dos quais acredita, sua fé, suas crenças e costumes, sua assinatura, as marcas da sua linguagem, do seu discurso. Antevemos Schneider escrevendo sua narrativa como um texto necessariamente injuntivo, como uma receita repleta de ensinamentos.

Hunt, ao ser entrevistado por Urbin (2016), e questionado se os livros infantis precisavam ser didáticos, responde, corroborando o que disse a respeito de possíveis mensagens atreladas ao texto infantil:

Porque há um desequilíbrio de poder nos livros infantis – em que o adulto autor está numa posição em que pode, efetivamente, influenciar o leitor – é inevitável que autores adultos tentem expressar algum ponto de vista, queiram passar alguma mensagem. Todos os livros e, todos os livros infantis têm alguma posição ideológica. No século passado, qualquer didatismo, ensinamento, posicionamento, tendia a ser disfarçado. (URBIN, 2016).

Essa afirmação de Peter Hunt precisa ser refletida quando defendemos a ideia de que a literatura fala por si só. Mesmo quando apresentada sem querer defender, uma ideia, seja contando uma história em que a diversidade humana é descrita de forma harmoniosa, também defendemos essa ideia de que a contemporaneidade clama por isso. Indiferente de ela ter a visão que se tem a partir do hoje, em respeito à condição humana – quando falamos de igualdade e de diferenças – é uma mensagem que estamos validando. É natural, dadas as proporções, escolhermos sempre um lado, defendermos as nossas crenças, apresentarmos o que achamos melhor. Em determinado tempo, Schneider pensou que ele estava certo. Nos dias de hoje, quem sabe entendesse as lutas que vamos ganhando para apresentar como mais harmônico, um mundo onde todo mundo tem voz.

Pensemos também que, no caso de *O Coelhozinho do Halo Azul*, seu autor era de descendência alemã, trazia resquícios do século XIX, por ter nascido em 1906. Ele vivia numa

cidade, Joinville, que, em 1959, era quase uma província alemã, tamanhas as tradições europeias intrínsecas na cidade, neste período; ou seja, não há como esse autor não ter trazido para suas histórias impressões do seu tempo. O texto de *O Coelhozinho do Halo Azul* é marcado pelas tradições germânicas e nota-se nele uma tentativa de resgatar um tempo mais antigo ainda, quiçá dos tempos da sua juventude em que o autor comunica seja na ficção, seja no prefácio, momento introdutório no qual imprime suas impressões sobre o mundo.

Não há nenhuma inocência na transmissão de uma ideia, seja esta ideia, inscrita numa literatura reconhecida universalmente como, por exemplo, *Alice no País das Maravilhas*, escrita por Lewis Carroll, em 1845, ou essa construção quase desconhecida de Schneider, *O Coelhozinho do Halo Azul*, de 1959. Todas carregam em si os experimentos linguísticos e filosóficos do seu autor. Cada autor expressa em sua obra vestígios da sua linguagem, principalmente de seu discurso, por meio da temida “doutrina” que, pode estar atrelada ao seu texto. Giorgio Agamben, em estudos sobre a assinatura, sobre as marcas do autor no texto, evidencia

El archivo de las firmas que, en la Archéologie, recoge la masa de lo no-semántico inscrita en todo discurso significativo y circunda y limita los actos de habla como un margen oscuro e insignificante, define sin embargo, también, el conjunto de las reglas que deciden las condiciones de existencia y de ejercicio de los signos, de su producción de sentido u de su yuxtaposición y sucesión en el espacio y en el tiempo. [...] Nietzsche, la genealogía, l'histoire (1971) hacer la genealogía del conocimiento o de la moral no significa ponerse en busca de su origen, descartando como irrelevantes o inaccesibles los casos y las meticulosidades de sus inicios, los episodios y los incidentes de su historia; significa, por el contrario, mantener los eventos en la dispersión que les es propia, demorarse en las ínfimas desviaciones y en los errores que acompañan y determinan su sentido. Significa, en una palabra, buscar en todo evento la firma que lo cualifica y especifica, y en toda firma, el evento y el signo que la soporta y condiciona. Es decir, aún más, en las palabras de Foucault: mostrar que hablar es hacer algo, y no simplemente expresar un pensamiento<sup>16</sup>. (AGAMBEN, 2010, p. 105).

Percebemos que muitos escritores de literatura infantil, assim como Schneider, eram comprometidos com a manutenção da tradição que, nos anos de 1950, girava em torno de

---

<sup>16</sup> O arquivo das assinaturas que, na Arqueologia, recolhe a massa da não-semântica inscrita em todo discurso significativo e circunda e limita os atos de fala como uma margem sombria e insignificante, no entanto, define também o conjunto de regras que determinam as condições de existência e exercício dos signos, de sua produção de sentido ou de sua composição e sucessão no espaço e no tempo. Nietzsche, em a Genealogia e a História (1971) fala que fazer a genealogia do conhecimento ou moralidade não significa procurar sua origem, descartando como irrelevantes ou inacessíveis os casos e a meticulosidade de seus inícios, os episódios e incidentes de sua história; significa, pelo contrário, manter os eventos na dispersão que lhes é própria, retardar os desvios minuciosos e nos erros que acompanham e determinam seu significado. Significa, em uma palavra, procurar em qualquer evento a assinatura que o qualifique e especifique, e em qualquer assinatura, o evento e o sinal que o apoie e condicione.

elementos pertinentes como os mitos do Papai Noel, do bem e do mal, da proibição da criança em se envolver nas conversas dos adultos, preocupados, com o advento da televisão que surgia, trazendo um mundo perigoso “de novidades e informações”. Esses autores pioneiros usaram a literatura pueril como uma espécie de doutrina, tentando fazer dela uma barreira contra as ideias advindas com o progresso. Há em cada autor, e em cada tempo, as marcas da sua época, pensamentos que se propagam por meio da música, da política, da educação, e/ou pela literatura. A esse respeito, Nunes fundamenta:

Não existe necessariamente uma coincidência entre as pretensões de um autor e o significado do que produz, reconhecemos também, que é muito difícil desvincular o indivíduo de sua obra, a estrutura social e política da época da história individual, as relações entre a obra e a militância de um sujeito e a formação social concreta. (NUNES, 2000, p. 11)

Em meio a essas reflexões sobre literatura percebemos infantil e juvenil como focos da investigação, somadas a fatores como intencionalidade, discurso, vestígios, sinais<sup>17</sup>, experiência, assinatura do autor. Pensando em uma literatura que atingirá diretamente a criança é de fundamental importância reconhecer, primeiramente, a excepcionalidade da literatura infantil. Possivelmente, teremos daqui a alguns anos um arsenal de material sobre ela que a cada vez encontrará mais acréscimos, mais pesquisas. Veremos as possibilidades de pesquisa quanto mais esse tema for esquadrihado em seu teor narrativo ou pelo discurso utilizado, a maneira como os personagens foram representados, a influência que tem ou teve sobre o cotidiano.

---

<sup>17</sup> Sinais e Vestígios são conceitos debatidos em teoria literária, que refletem as marcas do autor, os vestígios da sua escrita, do seu tempo, os sinais impressos como parte de sua caligrafia, mas não olhando a caligrafia apenas como um exercício de escrita, mas como um exercício de registro do próprio autor e do seu tempo. Em *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História* (1990) Carlo Ginzburg faz uma análise dos pormenores existentes nas coisas, nos sinais deixados, sinais que indicam uma interpretação sem que precisemos fazer uso de deduções.

### 3 O TEMPO HISTÓRICO DE SCHNEIDER

Não poderíamos entender as discussões sobre criança, infância e literatura infantil nos dias de hoje, se não olharmos para trás, percebendo todos os avanços e retrocessos, como se dava o comportamento social daquele ano de 1959, e todo o desenvolvimento técnico que transformou também a postura do homem, seus movimentos, as apropriações que foi fazendo, inserido num mundo que cada vez mais buscava a automação e a velocidade.

Ressaltamos que Schneider era conservador, mas vamos evidenciar melhor esta constatação a partir deste capítulo, quando apresentaremos o autor, e alguns apontamentos sobre a cidade de Joinville, naquele período. Poderemos vislumbrar melhor o livro *O Coelhinho do Halo Azul* e quem sabe traçar um parâmetro entre aquela época e esta.

#### 3.1 “O VELHO SCHNEIDER”

Adolfo Bernardo Schneider nasceu em Joinville, no ano de 1906, ou seja, tinha 53 anos quando lançou *O Coelhinho do Halo Azul*, livro que abriu as portas para a literatura infantil na sociedade joinvilense. Pioneiro nesta área, mas não na imersão nas palavras, já que, como historiador, já publicara até então, memórias, crônicas e estudos referentes à família real, aos imigrantes e migrantes e à formação da colônia (Joinville era em seu primórdio chamada de Colônia Dona Francisca). De tradicional família alemã, conservou até o final de sua vida o sotaque germânico. Foi descendente de uma das famílias responsáveis pela transformação da antiga colônia numa cidade pujante, que até hoje é dona de uma das empresas mais tradicionais de Joinville: Cia. Industrial H. Carlos Schneider. A família também possui terras e outras empresas espalhadas por toda a cidade. Esse fato é relevante para entendermos de que lugar Adolfo Bernardo Schneider olha sua sociedade: de uma forma que reflete sua cultura alemã, e tradicionalista. É importante estar atento a isso, e também ao fato de que falamos de um escritor com mais de meio século de vida, vivendo no fim dos anos de 1950, ou seja, trazia vestígios de uma infância do início do século XX, comuns a uma família singular, e colonizadora, que buscou reconstruir sua vida em novas terras.

Figura 2 - Imagem 1: Schneider no jardim da sua casa, meses antes de falecer / Imagem 2: com as irmãs, em 1912.



Fonte: arquivo pessoal do falecido escritor

Em sua biografia (detalhes cronológicos estão descritos numa tabela, junto aos apêndices desta dissertação) destacam-se os movimentos que fez para a formação de alguns dos mais importantes espaços de cultura e memória de Joinville. Foi um ávido pesquisador da Família Real Brasileira, pelo fato de que a Princesa Dona Francisca, filha do Imperador Dom Pedro I, ganhou como dote de casamento, as terras que hoje formam a cidade de Joinville. No acervo que deixou encontram-se cartas trocadas com as mais importantes autoridades de sua época, principalmente pessoas ligadas à área da história das colonizações e à causa indígena. Destacam-se a certidão de casamento entre a princesa Dona Francisca e o almirante francês François Ferdinand Filipp, e algumas citações, coladas junto a jornais franceses daquela época, que dão conta da amizade da referida princesa e do canônico escritor francês Victor Hugo, quando da mudança da então Princesa do Brasil, para Paris, depois do seu casamento.

Lembramos que sua curiosidade em esclarecer fatos sobre a ligação de Joinville com a Família Real Brasileira é devido ao fato de que as terras que formam Joinville foram, na primeira metade do século XIX, um presente de casamento à Princesa Dona Francisca (quarta filha do imperador Dom Pedro I), com o Príncipe François, terceiro filho do Rei da França, Luís Felipe I. Motivado por essas pesquisas como historiador, Schneider acabou se tornando o responsável pela inserção por espaços de saber e de memória em Joinville. Ele teve um papel

relevante na formação cultural joinvilense, tendo vivido durante o tempo em que a cidade se fortalecia como polo industrial, e se tornava, a Manchester Catarinense<sup>18</sup>.

Uma causa muito presente, e pertinente entre os documentos e livros de Schneider são seus estudos sobre a presença de indígenas na região de Joinville na época de sua colonização. Chamados de “Bugres”, ou “Selvagens”, o povo indígena se apresenta sob variados registros, em matérias de jornais do início do século XX. Algumas inclusive em alemão, no então jornal *Kolonie-Zeitung*, criado em 1862, extinto no ano de 1942, possivelmente devido à Campanha de Nacionalização<sup>19</sup>, promovida por Getúlio Vargas, que impediu o uso de outra língua, que não a portuguesa, em todo o território nacional. Nessas matérias, observa-se que os indígenas eram tratados como selvagens, e grande parte deles, cristianizados pela religião luterana, que era predominante na cidade, por ser uma tradição religiosa com raízes alemãs.

Crescido numa cidade onde o alemão era quase língua oficial, tendo ido estudar em Berlim nos anos de 1930, quando tinha seus vinte e poucos anos, Schneider acostumou-se com a língua alemã e seus costumes; ser “deutsche<sup>20</sup>” nesse período, na cidade, era motivo de orgulho. Dentro deste contexto, cresceu ouvindo a mãe tocar piano, o pai trabalhar dioturnamente para fazer da pequena indústria o que ela é hoje, vivenciando momentos que, imaginados, parecem tirados de um livro de alguma literatura fantástica. Pelo menos assim são feitos os relatos em seu livro *Memórias I – De um menino de 10 anos*, quando escreve que num determinado dia, chegou a Joinville um circo que desfilava pelas ruas com alguns artistas, e uma espécie de arauto anunciando por todos os ares que alguns moradores de Liliput<sup>21</sup> visitariam a cidade. Ao chegar ao circo, conta Schneider que ficou encantado com aquele universo mágico, e só alguns anos depois, mais crescidinho, entendeu que aqueles liliputianos eram na verdade, alguns anões: humanos que ele nunca tinha visto na Joinville provinciana.

---

<sup>18</sup> No final da Segunda Guerra Mundial, o país não recebia mais os produtos industrializados importados da Europa e teve que se virar. E Joinville se virou muito bem: entre as décadas de 50 e 80, a cidade viveu um surto de crescimento tão grande que se tornou um dos principais polos industriais do país. Assim como Manchester, a cidade inglesa que teve papel importante na Revolução Industrial e entrou para a história ao usar a máquina a vapor na indústria têxtil pela primeira vez em 1789.

<sup>19</sup> A campanha de nacionalização foi o conjunto de medidas tomadas durante o Estado Novo de Getúlio Vargas para diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e forçar sua integração junto à população brasileira.

<sup>20</sup> Alemão.

<sup>21</sup> Cidade fictícia do romance de Jonathan Swift, onde se passa a trama da história de Gulliver – um naufrago que era considerado gigante numa terra de pessoas minúsculas.

No final dos anos de 1950, na sociedade como um todo, despontava o *rock'n roll*, o rádio se popularizava, o cinema hollywoodiano vivia sua época de ouro e a televisão surgia adentrando à casa dos brasileiros, cheia de novidade, trazendo assuntos, digamos, ameaçadores, se contextualizarmos aquela época - como o feminismo, o divórcio, o beijo na boca, a música com duplos sentidos, a subversão da linguagem, as gírias. A figura de um jovem chamado Elvis Presley era, por muitos, considerada um atentado ao pudor, e sua postura, seu comportamento, sua popularidade, era uma afronta à moral e aos bons costumes, pelo menos à visão de Schneider. Segundo conversas com as pessoas que estiveram ao seu redor, como o escritor joinvilense Carlos Adauto Vieira, que quis colaborar informalmente, relatando fatos pessoais de Schneider, com quem conviveu. Adolfo Bernardo Schneider, clara e indiretamente, escreveu sobre esse ataque massivo da quebra desses enraizados códigos de ética: homem tem de ter um comportamento fechado, a sensualidade deve ser algo velado e combatida inclusive, guiada possivelmente pela conduta religiosa, destacando no prefácio do livro esse registro:

Pois esses ídolos, que nos umbrais da adolescência todo rapaz e toda mocinha possuem e que antigamente era algum dos pais, talvez a avó, sempre bondosa e compreensiva, algum professor, alguma figura da Bíblia, algum santo ou santa, um herói nacional, etc., hoje em dia são substituídos por um ator ou por uma estrela de cinema, cuja vida particular em 99% dos casos, é um exemplo de uma existência fracassada. [...] Assistimos o espetáculo, inesperado, de algum fantoche gesticulante e bamboleante, de guitarra à mão, transformar a ordem e o bom comportamento de adolescentes. (SCHNEIDER, 1959 p. 5).

Devemos compreender o autor inserido no seu momento histórico, para não sermos maniqueístas ao ponto de vê-lo como conservador ou retrógrado. Devemos pensar na relação do outro com o seu tempo, para entendermos que naquele momento a preocupação não era só de Schneider, que possivelmente repetia comportamentos e quereres de uma grande parcela da sociedade joinvilense em si, primando pela manutenção de padrões comportamentais já sistematizados, da mesma forma como ainda hoje certos assuntos são tratados como tabus. Para melhor ilustrar esses argumentos, percebamos os vários questionamentos que Schneider levanta em relação ao comportamento social, nos permitindo contextualizar com mais aproximação aquele final dos anos de 1950 na cidade de Joinville.

Será comodismo dos pais? Estarão estes, pecando pelo desinteresse na educação dos filhos? Concederá a legislação vigente liberdade por demais generosas aos estudantes, nas escolas? Privando o professorado da autoridade necessária para a manutenção da ordem dentro do recinto das aulas? Será culpa de certas revistas, cujos títulos são conhecidos por todos? Cujas difusões escapa ao controle das autoridades, controle este, que muitas vezes ,até nos parece inexistente? Será de certas fitas de cinema? Será das duas guerras mundiais? Porque as guerras e as revoluções sempre andam de mãos dadas com um declínio acentuado da Moral. Serão os sinais dos tempos? O alheamento progressivo, o afastamento das populações do mundo, da religiosidade, imprescindível e absolutamente necessária para manter e para garantir um mínimo de franqueza nas relações humanas? (SCHNEIDER, 1959, p. 5).

Provavelmente, ao vasculharmos livros, crônicas, declarações, perceberemos indivíduos preocupados com questões contemporâneas como: o gênero, a transexualidade, a homofobia, as novas formações familiares. Os tempos mudam e as preocupações sociais sempre buscam na tradição, defesas contra o movimento da sociedade em direção às novas formas de viver. Percebemos que as questões temidas por Schneider em 1959, ainda são tão pontuais e presentes em pleno ano de 2019. Ao contextualizarmos o tempo de sessenta anos atrás, percebemos alguns posicionamentos inalterados.

Não poderíamos avançar na pesquisa sem ressaltar uma palavra que é tão ampla, e que, apesar de não diretamente citada, é tão temida por Schneider: a modernidade, se a considerarmos pelo viés do progresso, assim como as transformações advindas desta. Atentamos para sinônimos que não se abrem a tantos desencadeamentos, como contemporaneidade ou atualidade, mas, encontramos na modernidade a palavra que representava mais corretamente os temores de Schneider, contextualizados na narrativa de *O Coelhozinho do Halo Azul*, e explícitos no prefácio deste mesmo livro. Temores que não eram ligados à preciosidade da tecnologia, mas o que essa tecnologia poderia fazer para degradar o comportamento social, começando pelas crianças, no contato com imagens catapultadas, na ocasião, pela televisão e pelo cinema. Escreve o autor

E os adultos mais idosos, em parte estupefatos, assistem a esse desenrolar dos acontecimentos. Compreendem que está havendo um processo de decomposição moral. Inesperada para uns, natural e lógica para outros, que lhe conhecem e estudam as causas! (SCHNEIDER, 1959, p.5)

Atentamos para as promessas que a modernidade não cumpriu, debatidas nos mais diferentes ensaios e dissertações por meio do conceito da “modernidade líquida”, termo

cunhado pelo filósofo Zygmunt Bauman<sup>22</sup>, e que virou livro com o mesmo nome, cuja edição, de 2001, serviu de base para esta reflexão.

Tão absolutamente debatida, a modernidade, esta palavra que sintetiza o progresso que tanto assombrou Schneider, é percebida como fluído, como líquido, e Bauman (2001), logo no prefácio, traduzido por Plínio Dentzien, a anuncia:

Os fluídos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam; são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intatos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluídos é o que os associa à ideia de “leveza” há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico (sic), são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN, p.8, 2001).

Adentrando nessa visão de líquidos e sólidos para reiterar a modernidade, percebemos que Bauman fez da metáfora da liquidez um contraponto com as regras sociais estabelecidas, principalmente no tocante a posição do homem na sociedade após o entrelaçamento de culturas advindas com a globalização. Segundo a professora de história Joana Bezerra (2018), em artigo publicado no site *Toda Matéria*, “na modernidade sólida as instituições eram firmes, existia a segurança no trabalho e um salário que permitia ao indivíduo viver com dignidade”. Ela também comenta que a religião e o nacionalismo davam um sentido para a comunidade e um sentimento de pertencimento, onde o ser humano, íntegro a essa sociedade, construía sua identidade a partir dessas referências. Com essa modernidade, digamos líquida, acontecendo com a aplicação cada vez mais da industrialização, e conseqüentemente dos avanços do comércio, das importações e exportações, das novidades chegando de todos os

---

<sup>22</sup> Sociólogo polonês que tem na modernidade, na globalização e nas suas conseqüências, o fluído de seus estudos, cujas preocupações o levaram a publicar diversos livros que partem dessa temática, fazendo análises e assertivas a respeito da movimentação do homem com o advento da globalização, levantand questões como o consumo, o capitalismo, o mercado de trabalho, a flexibilização, e inclusive, a formação dos casais, e conseqüentemente das famílias, no meio desse movimento.

lados, da globalização acontecendo, dos estrangeirismos se fazendo presente na língua, Schneider começava a sentir a erosão no então solidificado sistema social em que viva.

Buscando referendar a questão da modernidade por meio de um panorama, sinalizamos que os leitores farão suas sinapses, interpretando e contribuindo com seu conhecimento às questões relativas ao que é moderno, dado que este tema é amplo. Vivemos a época da pós-modernidade, que por ainda estar na construção de seu próprio conceito, nos faz refletir como o debate é amplo. Pois se para delimitarmos o que é moderno não conseguimos apresentar um conceito definitivo, pensemos nesse pós-moderno. Poderíamos partir da suposição de que o moderno teria ligação com o que é novo, e o pós-moderno com o que é transformador? Teríamos de lembrar questões que a modernidade não cumpriu, como o êxito pleno dos Direitos Humanos, o acesso à educação básica que é inexistente em várias partes do mundo, inclusive em nosso país se levarmos o nosso olhar até as regiões ribeirinhas, para situar apenas um dos espaços geográficos aqui existentes. Teríamos que lembrar que a modernidade não trouxe a paz esperada, que ela não surgiu como um novo messias assim como este o é para os povos judeus. Talvez a modernidade ainda não tenha chegado a sua plenitude e por isso, tantos ainda estão à espera de sua luz.

Debates como este é que mantêm o discurso em voga, o que é bom, pois o manterá sempre em constante avaliação e análise. No entanto, se faz necessário abrir estes parágrafos à apresentação de Schneider, para fazermos uma relação mais estruturada com o tema. Atualidade, contemporaneidade, modernidade, pós-modernidade acabam também sendo conceitos fluídos, ou são sólidos? Bauman orienta:

Concordo prontamente que tal proposição deve fazer vacilar quem transita à vontade no discurso da modernidade e está familiarizado com o vocabulário usado normalmente para narrar a história moderna. Mas a modernidade não foi um processo de liquefação desde o começo? Não foi o derretimento dos sólidos seu maior passatempo e principal realização? Em outras palavras, a modernidade não foi fluída desde sua concepção? (BAUMAN, p. 9, 2001)

A mudança dos tempos acabava por ser um choque para Schneider. O mundo girava e sua engrenagem era um motor que jamais havia parado, e isso ele sabia, tendo como princípio o fato de que o movimento, a renovação constante da sociedade era uma roda que girava mesmo mediante as forças contrárias de quem, como ele, queria evitar. Sendo assim, é desse avanço, desse progresso, dessa modernidade refletida nas movimentações de sua época, que

partimos para analisar o homem Schneider, sempre no encalço de entender melhor sua produção literária infantil.

Adolfo Bernardo Schneider, herdeiro com outros irmãos de uma empresa de parafusos, não quis seguir os passos da família, abandonando o legado que lhe foi oferecido como empresário para se dedicar à cultura, segundo informação de Romilda Kraemer<sup>23</sup>. Esse campo<sup>24</sup> era importante na construção de uma sociedade fundamentada no pensamento, na reflexão, na proteção de sua história. Observemos os caminhos percorridos por Schneider em seus 94 anos de vida: historiador autodidata, escritor de dois livros infantis (publicou também, em 1982, *Cantam as Cigarras*, este também uma peça de teatro), seis livros de memória, outros tantos títulos expostos ao fim desta dissertação, além de crônicas e correspondências trocadas com grandes historiadores do Brasil, tendo atuado em repartições alemãs que detinham os registros dos que chegaram a Joinville, como imigrantes.

Atentos ao processo de escrita da apresentação do homem Adolfo Bernardo Schneider, especificamente no tocante ao seu papel como escritor e historiador, tivemos que buscar mais do que o seu livro para elencar alguns elementos que nos desse ao menos uma noção de quem ele era. Nos arriscamos dizer que o autor está composto em sua obra e, dessa forma, pudemos entender sua assinatura por meio de suas ideias.

Adolfo Bernardo Schneider, em seu livro de memórias de título *Memórias I – De um menino de 10 anos*, também trata suas recordações com o mesmo zelo, mas, diferente do filósofo francês, mais saudosista, não dialogando com a transgressão dos costumes, mas preocupado com a manutenção dos mesmos. É reconhecível o espírito de regresso quanto seria uma sociedade mantida às guardas de velhos costumes, quando lemos, por exemplo:

---

<sup>23</sup> Romilda Kraemer cuidou não só de Adolfo Bernardo Schneider, como de toda sua família nas últimas três décadas. Conheceu sua antiga esposa, os amigos de Schneider, a filha dele que tinha uma deficiência física e cognitiva e que morreu afogada. Após a morte da mulher e desta filha, foi ela, Romilda Kraemer, que morou com o historiador até seus últimos dias, tendo acompanhado muito do que ele escrevia, relatando sempre, à medida em que as lembranças surgiam, detalhes de como ele se sentia em relação ao mundo, e como se sentia por não ter sido valorizado como escritor. Falou, nesses encontros informais, em meio às suas ocupações e atividades domésticas, do amor do velho Schneider pelas palavras, pela cidade de Joinville, e pela história da cidade, uma pequena Alemanha como era conhecida, em sua infância. Na casa, nos deixava a vontade para visitar o sótão, lugar onde estão guardados o seu acervo, e nunca disse, não mexa nisso, não toque naquilo. Só solicitou para escrever na dissertação o amor que ele tinha pela palavra, e como consagrava a memória como o bem mais precioso. Essa pesquisa aconteceu entre julho de 2016 e junho de 2018, por mais de vinte vezes. Afirmava que era uma honra, pra ela que acompanhou as últimas décadas de vida do senhor Schneider, saber que ele hoje é objeto de estudo. A última vez que falamos, indagou sobre a escrita?. “- Por favor, mostre a esta cidade o valor que teve este homem”.

<sup>24</sup> Campo, na teoria proposta por Pierre Bourdieu representa um espaço simbólico, no qual lutas dos agentes determinam, validam, legitimam representações.

Quanta pena eu sinto, ao observar, pelos cantos dos olhos, a nossa atual infância, nossa juventude de hoje. Pendulando entre apartamento e escola e depois entre apartamento e escritório. Eles não estão vivendo o Brasil. Eles estão vivendo em qualquer país, Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e até no Japão. Somente as línguas são diferentes, neste nosso caso, um detalhe muito sem importância, pois o restante é inteiramente igual. Nós não estamos criando homens brasileiros. Nós estamos criando homens cósmicos, gente sem pátria. (SCHENEIDER, 1997, p. 22).

Memória e história são interligadas: uma se faz na outra, embora sejam áreas distintas. Para muitos, o presente é feito de passados, e se nós somos imbuídos de passado, podemos pensar que aprendemos como o que tocamos e com o que fomos tocados. O passado por ser parte ontológica do ser, está sempre presente. A memória, se não registrada, principalmente a oral, poderá sempre ter suas lacunas preenchidas por algo próximo do que foi, ou ainda, por algo que o interlocutor, aquele que viu ou ouviu, se extasiado ou enraivecido pelo fato, remontou com sua lembrança. E isso, quando rememorado, pode vir à tona por diferentes enfoques. Memorialista como era, será que Adolfo Bernardo Schneider, ao compor seis livros de memórias, preencheu as lacunas do esquecimento envolto em sua lembrança ao escrever sobre sua infância? Como essa lembrança, nunca perfeitamente vivaz, interferiu na sua escrita ao compor *O Coelho do Halo Azul*?

Em *As Palavras* (1978), Jean Paul Sartre, numa autobiografia escrita com requintes de poesia, traz recordações da sua infância, refletindo sobre qual literatura ele, como criança, buscava. Pelo fascínio da rememoração, percebe-se como ele antevia o mundo, como sentia o movimento da vida a sua volta:

Minha mãe pôs-se a procurar obras que me devolvessem a infância: houve primeiro ‘os livrinhos rosa’, coletâneas mensais de contos de fada, depois, pouco a pouco, Os Filhos do Capitão Grant, O Último dos Moicanos, Nicolas Nickleby, Os Cinco Soldos de Lavarède. A Júlio Verne, ponderado demais, eu preferia as extravagâncias de Paul d'Ivoi. Mas, qualquer que fôsse o autor, adorava as obras da coleção Hetzel, pequenos teatros cuja capa vermelha de borlas de ouro representava o pano de bôca: a poeira de sol, sôbre as bordas, constituía a rampa. Devo a estas caixas mágicas — e não às frases equilibradas de Chateaubriand — meus primeiros encontros com a Beleza. Abrindo-as, eu esquecia tudo: isso era ler? (SARTRE, 1978, p. 46)

Livro encontrado aberto e com vestígios de que era bastante consultado, dada o amassado das páginas e as dobraduras nas páginas, *As Palavras* absorveu a atenção de Schneider. Numa descrição quase que cronológica da rememoração de Sartre sobre sua

infância, entendemos como as questões da memória, e as lembranças da família envolviam o autor joinvilense, ele próprio, autor também de vários livros de memória.

Consideramos essas questões para perceber como se dá a construção de alguém, e como a experiência de cada um influi na construção de sua obra. Ao ler o primeiro livro infantil de Schneider, e depois, em 1982, a manutenção de sua marca conservadora na composição do enredo: crianças obedientes, linguagem formal, religiosidade cristã, hierarquia familiar, família tradicional, lição de moral, conselhos, discurso maniqueísta, pudemos inferir que seu texto está carregado de mensagens pertinentes às suas crenças: ele estava ali? Perguntamos e o encontramos de forma explícita nesse livro pesquisado, primeiramente dentro do prefácio e na sequência, com exposição de sua narrativa ficcional. Fica claro o seu posicionamento dentro da história de Joinville.

Em *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si mesmo* (ABRAHÃO, 2016, p. 313), livro que reúne trabalhos apresentados no Segundo Congresso Internacional sobre Pesquisa Autobiográfica, a pesquisadora Yara Dulce Bandeira de Ataíde afirma em seu artigo “História oral e construção da história de vida” que, ao estabelecer uma nova relação entre os pesquisadores e os sujeitos, a história oral pressupõe a realização de relações simétricas e de colaboração entre eles, favorecendo uma relação empática que estimula a reflexão, a afetividade e a memória. Durante o processo de pesquisa, histórias e recordações foram ouvidas, no entanto, respeitando a ética, não as transformamos em entrevista porque eram apenas recortes de tempo, mas pudemos perceber como a assertiva de Ataíde foi comprobatória.

Em homenagem póstuma, a família Schneider conserva em seus domínios todo o acervo do velho historiador e pensa em transformar sua antiga casa num memorial, como um espaço para contar grande parte da história da cidade. Quando Schneider faleceu, Joinville tinha 152 anos de fundação, ou seja, em 94 desses anos, o escritor esteve presente, estudando e registrando a cidade em seus múltiplos aspectos. Num arquivo eletrônico, cedido para esta pesquisa pelo departamento de marketing da empresa Cia. Industrial H. Carlos Schneider, está um release interessante da trajetória do “Velho Schneider”, como carinhosamente ele passou a ser chamado por alguns familiares e inserido ao final, entre os anexos. Neste arquivo-apresentação constam informações, dados pessoais como nascimento e filiação, até curiosidades quanto aos temas que ele escrevia em suas crônicas.

Figura 3 - Recorte de jornal com nota de falecimento de Schneider e relato sobre os órgãos que ajudou a promover



Fonte: Jornal A Notícia / Arquivo Histórico de Joinville

Nos poucos estudos encontrados sobre ele, mesmo que nenhum diretamente ligado a sua pessoa, encontramos a dissertação de mestrado, *A cidade da ordem: Tensões Sociais e Controle* (Joinville 1917/1943), de Iara Andrade Costa, orientada pelo professor Euclides Marchi, da UFPR (1996). No estudo de 255 páginas, a autora/pesquisadora fez um levantamento de informações sobre a cidade de Joinville, entre os anos de 1917 a 1943, englobando as duas grandes guerras, em que discute a construção desta cidade no pujante polo industrial que se transformou. Em cerca de dez páginas de entrevista com Adolfo Bernardo Schneider, Costa discorre sobre o trabalho, greves, política e nazismo, respondidas pelo entrevistado. Em determinado momento da entrevista reflete sobre a educação alemã transmitida por seus pais, e rememorou o tempo em que estudou em Hamburgo. Como somos reflexos de nossas experiências, entendemos que esse seu jeito de interpretar o mundo tenha recaído sobre sua obra, no tocante à literatura infantil, e no prefácio do livro *O Coelho do Halo Azul*, que será analisado, em que a preocupação de Schneider está no crescente processo de aceleração da infância, em que o atrevimento, e não a obediência, é uma das ameaças ao futuro das famílias.

A respeito desta obediência cega às normas pré-estabelecidas e a questão da ordem dos teuto-alemães, o Sr. Schneider afirma que 'eles eram muito obedientes', e atribui esta atitude à cultura alemã. 'A Alemanha era, hoje eu não sei se ainda é considerada uma nação policiada. Na Alemanha a gente anda em todo lugar, tem uma placa, 'é proibido pisar no gramado', é 'proibido andar por aqui', é proibido

isso, é proibido aquilo. Então o alemão é um povo que vive sob proibição. As crianças, na escola, já recebem proibição, (...) estão fazendo isso em diversas gerações, e o alemão se transformou em um povo obediente (...) disciplinado também (COSTA, 1996, p. 130)

Schneider reafirma que a educação alemã é marcada por prescrições; no restante da entrevista caminha por assuntos ligados ao trabalho, foco da pesquisa e tema da referida dissertação. Mesmo assim, podemos perceber que Schneider, aos 87 anos, mantinha posições e argumentos sobre culturas historicamente constituídas. O quanto desse pensamento guiou seus escritos para as crianças?

Celestino Sachet (1985) afirma que Adolfo Bernardo Schneider era da classe de autor que escrevia às rédeas de uma pedagogia impositiva, e que este livro, *O Coelho do Halo Azul*, é um exemplo do quanto uma literatura pode ser impositiva. O autor cita Schneider como um autor de “visão pedagógica, preocupado com a criação de textos com fundamentos éticos para ordenar a História de maneira impositiva” (SACHET, 2012). A palavra “impositivo” tem uma série de sinônimos que deixam bem mais claro o que ela significa, mas que circulam em torno de dois pontos cruciais quanto ao que é ser impositivo: que consegue se impor ou que tende a dominar. São duas maneiras bem interessantes de se perceber a imposição. Em concordância com Sachet, percebemos neste livro em análise, essa preocupação. Havia Schneider tido, também, uma educação impositiva? É de se esperar que sim, ao avaliarmos seu tempo histórico.

Tendo aberto mão de ser um homem da indústria, embora não tenha largado o vínculo com o empreendedorismo (Schneider foi fundador da sorveteria mais tradicional de Joinville, a ainda lembrada, Sorveteria Polar), durante toda a sua vida, desde que retornou de Hamburgo, onde se formou na Escola Superior de Comércio, nos anos de 1930, andou de braços com a cultura. Além dos espaços de memória que ajudou a criar em Joinville, era inegável sua ligação com os livros, mas principalmente, com a história, e é por esse capital cultural, e não pela fábrica de aço de sua família, que ele conseguiu reconhecimento, tendo sido agraciado com o título de Cidadão Benemérito da cidade em 1994, devido as causas culturais.

Segundo Bourdieu (2008), o capital cultural é um ter que se tornou ser, e não tinha como ser diferente, se estudamos e buscamos na educação, também, melhores condições de vida. Um diploma, por exemplo, é o certificado da apreensão de determinada cultura, mas ele também serve, indiretamente, como argumento consistente em troca de trabalho, e consequentemente, de retorno financeiro. Mas, o que nos levou a buscar um diálogo como a

questão das diferentes formas de capitais que existem, segundo Bourdieu, é que este capital pode ser adquirido de três formas: o estado incorporado, o objetivado e o institucionalizado. Acreditamos que esses capitais, essas moedas hipotéticas fermentadas por meio da educação e da cultura, podem sim servir de avalistas ao trabalho do autor joinvilense, assim como ao trabalho de qualquer pessoa que esteja envolvida com a arte.

É fato que a maioria dos trabalhadores da arte: escritores, músicos, atores, artistas em geral, não tem um destaque midiático que os elevem à condição de homens que sobrevivem pelo que produzem, ou seja, uma parte desses profissionais muitas vezes são financeiramente instáveis, mas, é por meio dessa mesma arte, que adquirem um status de destaque, e é esse capital que lhes abre portas. Genericamente, não teríamos mais como entender por capital cultural só aquilo que Bourdieu explanava em suas obras, no tocante a uma melhor condição social de vida àqueles que tem escolaridade e diploma adquirido por meio da educação, porque o conceito de Bourdieu virou quase que um slogan, e capital cultural virou sinônimo, também, da espécie de poder que os homens envolvidos com a cultura adquirem ao ponto de lhe abrirem portas. Artistas populares, às vezes artesãos, participando de editais de cultura e expondo em galerias de arte. Gente de reconhecimento internacional, como o artista plástico Kobra, por exemplo, que começou como pichador e hoje tem painéis gigantescos em vários países do mundo. Sem o berço, sem o sobrenome escrito em gradação, mas com um valor inestimável atrelado a sua assinatura.

Dessa forma, entendemos como capital cultural os ganhos recebidos por meio da arte, as portas que ela abre, os caminhos que a cultura mostra aos que dela se alimentam, seja por meio do ingresso à determinada instituição, como por exemplo, uma Academia de Letras, como o prestígio promovido dentro do meio cultural. Segundo artigo de Serem (2012, p. 1):

O estado incorporado acontece sob a forma de disposições duráveis do organismo, tendo como principais elementos constitutivos os gostos, o domínio maior ou menor da língua culta e as informações a respeito do mundo escolar. O capital cultural no seu estado incorporado constitui, assim, a herança familiar que atua de forma mais marcante na definição do futuro escolar dos descendentes, uma vez que as referências culturais, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos, facilitam o aprendizado dos conteúdos e dos códigos escolares. No estado objetivado, o capital cultural acontece por meio de bens culturais – pinturas, livros, esculturas, etc. Esse capital cultural objetivado é transmissível em sua materialidade. O estado institucionalizado, por sua vez, representa o capital cultural sob a forma de títulos escolares. Assim, o capital institucionalizado permite estabelecer taxas de conversão entre o capital cultural e o capital econômico: o que garante um valor em dinheiro de determinado capital cultural. Esse capital cultural, garantido pelo diploma, pode ser trocado no mercado de trabalho. (SEREM, 2012, p. 1)

Dentro desta perspectiva Schneider detinha as três modalidades de capital cultural, o que só ressaltou, por meio do capital institucionalizado, com o seu mergulho nos estudos e na pesquisa, tanto que hoje ele não é lembrado, como já dito, pelo seu vínculo com o grupo empresarial mas, sim, pela herança cultural que deixou, sendo a história e memória moedas muito mais pertinentes quando se fala sobre ele e seu legado. Não podemos negar que o conhecimento é um capital cultural, e que este bem é um componente agregador dentro do capital social, que abre portas e oferece oportunidades, que dá reconhecimento. O capital social e cultural, em determinados lugares, tem mais peso que o econômico. Por sua vez, o capital social é mobilizado pela nossa rede de relações.

Eram relações que Schneider construía entre a pesquisa histórica e a produção de literatura. Era uma contiguidade dessas relações que ele imaginava oferecer por meio de uma literatura tão enraizada em tradições europeias, tão diferente do que se procurava, naquele período entre a primeira e a segunda metade do século XX, quando se buscava uma literatura infantil com características do Brasil e do seu povo. Enraizado e sedimentado, cremos, num estado incorporado em relação à cultura, Schneider buscava um mundo que mesmo em constante movimento mantinha as raízes das tradições que fizeram dele um homem saudosista.

Elaine Aparecida Teixeira Pereira, em seu artigo *O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira* (2015) apresenta nos temas em questão, pontos cruciais referente ao papel desta pesquisa, do quanto temos que contextualizar um tempo histórico, se refletirmos determinada obra ou movimento artístico, para entendermos de que forma essas obras ou movimentos se apresentaram, e quais valores são aplicados a ele. Segundo ela,

Afirmar que *O Coelho do Halo Azul* teve alguma contribuição social após sua apresentação é uma guerra inelutável, pelos sessenta anos passados, e por não sabermos como deu-se a recepção do livro, nem haver registro da audiência do programa reproduzido pela rádio Cultura Joinville naquelas duas vésperas de Natal. Entender as reflexões de Schneider como definitivas seria uma afirmação amadora, mesmo mediante a força afirmativa de suas convicções a serem debatidas quando apresentarmos o estudo do prefácio. A esse respeito, Pereira (2015, p. 352) pontua:

A contribuição de Bourdieu à produção acadêmica é bastante interessante, principalmente para pesquisas que tenham como foco a leitura e interpretação de obras, clássicas ou não. A leitura de textos escritos e de discursos sobre a realidade precisa ser realizada com cuidado, e se tais textos forem produtos de contextos históricos diferentes daqueles nos quais estão inseridos os sujeitos que realizam tais

leituras, a vigilância epistemológica precisa ser ainda maior: tanto para que não se impute aos textos o status de verdade ou de retrato fiel e real de uma situação, quanto para não olhá-los desconectados de conjunto de relações, variáveis, condições relacionadas à sua produção, circulação, aceitação ou recusa. (PEREIRA, 2015, p. 352)

Envolvidos por esta narrativa, e ao mesmo tempo atentos aos direcionamentos recebidos dos estudiosos durante a leitura das teorias, e pela orientação, buscamos seguir, capítulo a capítulo, atentos ao que acontecia no tempo de Schneider, reconhecendo *O Coelho do Halo Azul* como fruto de sua época. Ou melhor, da época de Schneider, que parecia não se envolver com o progresso e a industrialização acelerando nos meados do século XX.

### 3.2 A JOINVILLE DOS ANOS DE 1950

Schneider escrevia *O Coelho do Halo azul* no tempo em que a cidade de Joinville dava início a sua transformação fabril, deixando de ser uma produtora de arroz e erva-mate para industrializar-se, tendo alcançado seu ápice nos anos de 1970, mas que começou lá no final dos anos de 1950. Neste período a cidade começava a se abrir para o mundo, seja por meio do seu crescimento advindo com o desenvolvimento das indústrias, seja por força do progresso e de tudo o que veio com ele naqueles anos: a força da mídia, uma nova postura em relação ao sexo, à música, o comportamento social influenciado cada vez mais pela inserção de recursos, como o cinema e a televisão.

A força industrial fez a cidade crescer, e sua população, só aumentar. No *Blog* da jornalista Maria Cristina Dias (2018) encontramos diversas histórias sobre o cotidiano da cidade, já que a autora adentra no ramo da memória, buscando registrar fatos marcantes da cidade de Joinville, reportando acontecimentos e personalidades que marcaram a cidade.

Nesse canal há registros da população da cidade de Joinville, que se hoje gira em torno de 600 mil habitantes, em 1960, um ano após o lançamento do livro de Schneider, não passavam de 88 mil pessoas. Entre dados demográficos, há também curiosos relatos das pessoas que fizeram parte diretamente, como descendentes dos primeiros imigrantes, sobre o cotidiano da cidade. Havia o fato de essas pessoas frequentarem, naquela época os mesmos

lugares, se relacionando com as mesmas pessoas, tentando manter viva uma tradição de costumes, tanto quanto o idioma alemão.

Em 1957, ainda segundo a pesquisa de Dias, a advogada Lucinda Boehm, sob o pseudônimo de Luciene, escreveu para um antigo periódico intitulado *Jornal da Cidade*, informações que hoje ajudam a compor um retrato de uma época. Em determinado trecho, a cronista informa que os tempos eram outros – 1964 – já que nos bailes, as moças já podiam sentar à mesa com os rapazes e não precisavam ficar esperando em tirá-las para dançar. Sua coluna chamava-se “Vendo...Ouvindo...Comentando...” Segundo Dias, Luciene lhe confidenciou que comentava numa linguagem voltada para a mulher da época, e por meio desses relatos, ela retrata dos Bailes de Debutantes, das festas nos salões do Harmonya-Lira<sup>25</sup>, trazendo uma informação que estava até então, perdida: que houve na cidade um clube chamado “Clube da Lady em Joinville”, a exemplo de um clube similar, que existia em Florianópolis. A intenção do clube era o assistencialismo. Joinville sempre foi conhecida por ser uma cidade com os mais variados grupos de voluntários. O Corpo de Bombeiros Voluntários, da cidade, inclusive, é a mais antiga instituição do gênero no Brasil, segundo histórico da própria corporação.

Foi entre os anos de 1950 e 1960, que foram inauguradas as principais instituições do saber e da memória na cidade: A Biblioteca Pública Municipal, que leva o nome do antigo prefeito Rolf Colin<sup>26</sup>, e a fundação do Museu Nacional de Colonização e Imigração, situado onde seria a então residência oficial da Princesa Dona Francisca, em Joinville.

Os costumes da cidade no tocante aqueles ligados aos colonizadores, eram mantidos por meio de clubes de caça e tiro, grupos folclóricos, lugares de encontros, jornal escrito em Alemão: era quase uma questão de status. As classes dominantes conseguiram implantar uma história da cidade desplugada do que existia antes da chegada dos Alemães, Suíços e

---

<sup>25</sup> Primeiro teatro de Joinville, e construído à moda europeia.

<sup>26</sup> Nascido em 1910 e falecido precocemente aos 54 anos no ano de 1964, Rolf Colin foi político, tendo sido vereador e prefeito de Joinville, entre, 1951 e 1955.

Noruegueses<sup>27</sup>, chegados de forma quase lendária na Barca Colon<sup>28</sup>. A arquitetura da cidade, construída à moda da europeia, fundamentava cada vez mais a ideia de que essas eram terras alemãs, e assim, por muitos anos, a história dos que já habitam essa região, tanto os índios quanto os descendentes de portugueses chegados à vizinha São Francisco do Sul, e que habitavam esses arredores, foi deixada de lado, como se Joinville só existisse a partir da chegada dos colonos europeus.

Joinville cresceu sob o forte domínio das famílias que trouxeram ares, em sua maioria germânicos, para a região onde ela floresceu. Reconhece-se o trabalho dos colonizadores no credenciamento da cidade para ser o que hoje ela representa, embora hoje discuta-se, historicamente, a posição e a quase ocultação das outras culturas que fizeram essa civilização. Entre os que estavam nos primeiros desembarques, figurava a família Schneider, trazendo consigo, entre todas as outras que desembarcaram, costumes, língua, religião, comportamentos diferentes.

Em 1951, cem anos depois da chegada dos primeiros imigrantes, quando a cidade fazia 100 anos, Joinville era grande produtora de Erva-Mate, tinha muitos moinhos e olarias. Tinha um porto bem próximo onde hoje é o centro da cidade, fundado em 1906, funcionado ali até meados dos anos de 1970. As embarcações saídas dali, pequenas, iam até São Francisco do Sul, onde faziam a baldeação. Foi justamente nesta época, nos anos setenta, que a cidade começou a se industrializar.

Em 1959, a nova capital do nosso país, Brasília, seria inaugurada; um ano depois, o presidente Juscelino Kubitschek pregava a industrialização como sinônimo de modernidade, e Joinville, hoje terceiro maior polo industrial do sul do Brasil, naquela época começava a implantar seu parque fabril voltado para a indústria metal mecânica. O mundo dava indícios, cada vez maiores, de que tudo sairia do lugar (haja vista a busca pela velocidade: aviões, informática, carros, mídia) e nesse tudo, estava imersa, a criança.

Até esse período, nenhum livro para a criança havia sido lançado na cidade que desde o princípio mostrou que tinha sido cunhada para o trabalho. Mas, para o trabalho eram

---

<sup>27</sup> Segundo os livros escolares, foram os primeiros imigrantes a chegarem as terras onde hoje foi erguida Joinville, chegados até aqui por intermédio da Companhia Colonizadora Alemã, que vinha promovendo uma espécie de germanização, em sua maioria, em várias partes do sul do Brasil.

<sup>28</sup> Nome da navegação que trouxe ao Brasil, alemães, suíços e norueguês para colonizar as terras onde hoje localiza-se Joinville. Por se tratarem de colonizadores, Joinville foi chamada de Colônia Dona Francisca; este segundo nome, em alusão à Princesa do Brasil, que havia ganhado essas mesmas terras como dote de casamento, mas que foram vendidas para a Companhia Colonizadora Alemã, devido aos problemas financeiros que a princesa, então morando em Paris, passou a ter após o exílio da realeza com a extinção da monarquia na França, em 1848.

necessários trabalhadores, e para esses trabalharem, fábricas e comércios, e na outra ponta, os empreendedores. Pessoas que tinham como um dos legados criarem seus filhos para dar prosseguimento ao trabalho dos pais. Foi pensando nessas crianças que Schneider, envolvido por esse período, crescido praticamente junto com a história de Joinville, escreveu sua narrativa infantil.

Schneider atentava para esse poder na literatura, e por isso, conduziu a escrita de *O Coelho do Halo Azul*, com este amparo quase didático, não deixando explícita sua opção por uma sociedade aos moldes da Alemanha, mas que se torna visível quando analisamos que os elementos que compõe a narrativa são todos europeus. Há velada, ali, uma opção, ou melhor, uma escolha de Schneider pelas fábulas importadas, num tempo em que personagens com traços brasileiros já eram referência, se analisarmos Lobato, por exemplo.

Outro trabalho de pesquisa que chama a atenção por levantar informações e olhares sobre a sociedade joinvilense da década de 1950 é a dissertação de mestrado em História de Jeysa Rech (2008), orientada pelo professor Doutor Marcos Fábio Freire Motysuma, na Universidade Federal de Santa Catarina. Com o título de *Memórias sobre namoros em Joinville na década de 1950*, a pesquisa traz informações sobre o cotidiano de Joinville daquele período, descrevendo, por meio de depoimentos de moradores que viveram aquela época, os vínculos sociais, a posição da mulher, o trabalho dos jovens, os lugares de encontros, a cultura da cidade.

Lendo a pesquisa de Rech, podemos imaginar como era Joinville em 1959, e entender um pouco melhor quais eram as aflições de Schneider, mediante tantas transformações. Romantizada pela mídia e pelo imaginário popular, os anos de 1950 são olhados pelo retrovisor como um tempo de inocência. Rech assim apresenta essa reflexão:

Popularmente conhecida por “Anos Dourados”, devido ao seu crescimento econômico e aspectos “modernos”, a década de 1950 é caracterizada pelas transformações de ordem política, econômica e social, em conjunto com as alterações no estilo de vida do brasileiro. A internacionalização da economia trouxe uma mudança de hábitos e padrões de consumo, principalmente nos centros urbanos. As transformações no cotidiano da sociedade imprimiam um novo modelo de vida...[...] O Brasil da década de 1950 teve grande apoio do governo à expansão industrial, visando o crescimento de bens de consumo. O ano de 1951 ficou marcado pela volta do presidente Vargas e o seu programa de governo baseado na industrialização. [...] Na cidade de Joinville, foram fundadas diversas indústrias, beneficiadas pela expansão do mercado consumidor, pela queda das importações e benefícios de ordem federal e estadual, principalmente do ramo têxtil e metal-mecânico.[...] Empresas em funcionamento ainda hoje, como: Tupy, Tigre, Douat, Duque, Docol, Ciser, Kavo. (RECH,2008, p.6).

Schneider, em contato com esse universo de transformações, não via mais expectativa (se nada fosse feito para barrar) de encontros como da sua juventude, nos idos de 1920, quando era um adolescente, em bailes onde os encontros das famílias tradicionais eram costumeiros. Foram mudanças estruturais. É nesse *continuum* que se estabelece o progresso, embora o medo do novo sempre tente ocultar questões que uma grande parcela social acredita que nunca devem ser mexidas, como o conceito de família, da infância e da mulher. O progresso atacava diretamente essas questões, quando olhamos para as transformações sociais das últimas décadas. Rech avança nesta questão:

As mudanças de comportamento foram também influenciadas pela imprensa, através da expansão dos meios de comunicação, tais como o rádio, jornais, revistas. Os anúncios vendiam não apenas o produto, mas um novo modo de vida, associado ao novo, moderno e tecnológico; os artigos, os conselhos, ditavam formas de se comportar. A imprensa crescia em ritmo acelerado, tornando o jornal um veículo dinâmico para a notícia e para a propaganda. Em Joinville circulavam os jornais *Jornal de Joinville* (04/1931 a 08/1935) e *A Notícia*, publicando anúncios e artigos. [...] Na década de 1950 foram surgindo e se expandindo revistas semanais e as revistas femininas. Na cidade de Joinville, tem-se na década de 50 a revista *Vida Nova*, uma revista mensal ilustrada que trazia entre as reportagens de cunho político, propagandas, notas sociais, receitas e conselhos, poemas, humor, ou seja, um importante veículo que além de notícias, construía arquétipos femininos, sugerindo um “modelo de mulher joinvilense”, pautado na valorização do casamento e da maternidade. (RECH, 2008, p. 7)

Segundo relato de Dias (2012), a partir dos registros da advogada e cronista Lucinda Bohem, e atentos à pesquisa de Rech que traz declarações feitas pelos próprios pesquisados – moradores de Joinville com idade entre 14 e 24 anos, na década de 1950 - entendemos que Schneider frequentou esses ambientes, onde a manutenção das tradições alemãs eram quase regra. Sob esta ótica podemos vislumbrar o contexto social em que ele vivia, a fim de avaliar com mais afinco seu comportamento e a história que produziu.

### 3.3 ASPECTOS DA INFÂNCIA NA JOINVILLE DOS ANOS DE 1950

As crianças nos anos de 1950, na sociedade joinvilense, reproduziam comportamentos inerentes a qualquer criança desse período, se olharmos para as que viviam em cidades como

Joinville. Como somos constituídos de histórias, das nossas e das que nos apropriamos, procuramos em relatos e documentos dessa época, alguns elementos que nos pudessem apontar características das histórias da infância joinvilense, que constituíram Schneider e que posteriormente contribuíram para a infância que ele idealizava para a posteridade.

Analisando a história e os caminhos que nos trouxeram até aqui, passamos a perceber injustiças que hoje são incabíveis, e a entender como determinados grupos sociais, a criança inclusive, foi apresentada perante o decorrer dos tempos. Por isso, se faz necessário o aprofundamento cada vez maior de pesquisas que visem elucidar determinados posicionamentos históricos, para assim termos respostas mais estáveis para a literatura que é concretizada hoje.

Situamos alguns aspectos da infância naquele período para tornar o solo onde pisamos, mais firme, menos caudaloso. Carlos Adauto Vieira aponta algumas referências dessa época. Confidencia sua amizade com Schneider, e fala sobre as preocupações do historiador com a manutenção dos costumes. A respeito da infância daquele período, em resposta a um e-mail enviado a ele, sugere que a infância em Joinville, nos anos 1950, era um reflexo da infância nas cidades do mesmo porte. Traz à tona brincadeiras daquela época, lembra de algumas escolas tradicionais que hoje já não existem, fala das matinês no Cine Palácio, inaugurado em 1917, e que até 1943 se chamava Cine Nicodemus. Essas memórias vêm à tona embasado sempre, como sublinha Adauto, em apontamentos informais. Recortes que providenciamos inserir nesta dissertação para conhecermos particularidades da vida de Schneider e de sua época<sup>29</sup>.

Sofrendo constantemente com enchentes, principalmente em seu eixo central, Joinville, quando alagada, servia de brincadeira às crianças que se divertiam nas ruas, que se transformavam em riachos. Brincadeiras que sobrevivem até hoje, como Amarelinha, Pique-Esconde, Peteca e a insubstituível Bola, eram pertinentes no cotidiano das crianças.

Joinville, segundo os moradores mais velhos, tinha muitas “vendinhas”, ou seja, mercadinhos e mercearias onde os fregueses mais costumeiros tinham uma caderneta para anotar as compras. As crianças se divertiam indo e vindo aos mercados, vendo-se responsáveis por fazerem as compras, “várias vezes dando um jeitinho de colocar um doce nos meio das encomendas da mãe, que vinham em bilhetinhos”.

---

<sup>29</sup> Carlos Adauto Vieira é advogado e escritor. Nos anos de 1970, perseguido pela ditadura, escrevia sob o pseudônimo de Charlotte, publicando crônicas de cunho político. Infelizmente, por motivos de agenda, não conseguimos entrevistá-lo pessoalmente. No entanto, fez questão de enviar-nos um email fazendo esses apontamentos descritos nesta dissertação.

Apesar de estar já num processo de industrialização, Joinville era uma cidade rural, tanto que sua grande capacitação econômica até então tinha sido a Erva-Mate. As famílias estabelecidas nas regiões às margens do centro da cidade, desenvolviam (como ainda hoje desenvolvem) atividades do universo da agropecuária, e por isso, muitos pais almejavam dos seus filhos a continuidade dos negócios. Educação, leitura, ampliação de conhecimentos extracampo, poderiam ser até perigosos para a manutenção desses trabalhos.

Em *Tempos de Educar*, livro que retrata a a educação em Joinville, entre 1851 e o ano 2000, Costa (2005) afirma:

No final do século XIX a cidade de Joinville passou a ser um centro econômico no nordeste do Estado por causa do beneficiamento e exportação de erva-mate, que se estendeu até a década de 1930, com declínio na década seguinte, atraindo um acentuado contingente de imigrantes. Da mesma forma e num período posterior, a indústria têxtil foi um importante setor produtivo responsável pelo crescimento econômico, imigratório e urbano. As famílias catarinenses não viam, no ensino ministrado nas escolas, um instrumento que dotaria seus filhos de status mais elevado e de maiores possibilidades de ascensão social. Muitas foram as leis relativas ao ensino, mas ineficazes, feitas de ocasião. Professores inaptos e mal pagos, a absoluta falta de fiscalização, bem como a intervenção dos poderes políticos locais e o desinteresse de uma população sobretudo rural contribuíram para esse descaso. Os pais achavam suficiente que os filhos soubessem ler e escrever, uma vez que eles (pais) não o sabiam e tinham “dado certo”. Preferiam ter seus filhos trabalhando a tê-los na escola. (COSTA, 2005, p. 34)

Sabemos que Schneider não vinha de uma comunidade rural, e que suas tradições germânicas o levaram a estudar no primeiro colégio de Joinville, a Escola Alemã. Sabemos que essa citação refere-se a um tempo anterior à escrita do livro, décadas de 1930/1940, mas foi nesse período também que Schneider viveu sua “mocidade”. É de lá, deste tempo em que seu senso crítico estava vitaminado pela temporada estudando na Alemanha, que vinham as reflexões sobre a infância que tinha vivido. Infância esta que estava à mercê dos novos tempos e suas conquistas eletrônicas.

Historiador que era, cremos que Schneider circulava pela cidade à procura de fatos, se correspondia com pessoas que viveram antes dele. Grande parte dessas pessoas devem ter sido filhos, ou os próprios produtores rurais que viam na escola uma ameaça pela retirada do homem do campo. Se um homem é composto das histórias que ouve e de suas próprias histórias, concebemos por meio desta reflexão sobre a educação dessa época, como se formou o caráter conservador de Schneider.

Outro fato que marca esse período em que Schneider se construía como homem adulto, foi o nacionalismo implantado na política nos anos de 1920; fato esse que atingia diretamente famílias alemãs como a de Schneider.

Nos anos 20 o nacionalismo foi um componente importante no clima social do país e estruturou-se como corrente de ideias que se sistematizava como movimento social e político. O nacionalismo exaltava o homem e as coisas brasileiras como um esforço para construir a história do seu povo. [...] Como medidas concretas do Governo Federal, foram fechadas escolas estrangeiras que funcionavam em diversos Estados do Brasil [...] ministrar aulas em vernáculo (o ensino da língua portuguesa só poderia ser oferecida por brasileiros natos). (COSTA, 2005 p.52).

Acessando esses registros, contidos num material fundamentado, fruto de pesquisadores ligados à Universidade da Região de Joinville (Univille), ampliamos a visão para além do cultural, percebendo como a educação era explorada neste tempo.

Na década de 1950, as implicações eram a revalorização do estudo. Costa (2005) traz:

A questão da educação estava sempre em pauta. Na década de 50 o tema era: como educar um(a) menino(a)? Pelo castigo, repressão? Pela persuasão? O temor, segundo as teorias, cria hábitos pouco estáveis e pouco firmes. Como prepara-los para a vida? As opiniões apontavam que a educação deveria ser integral. O “como fazer acontecer” mereceu muitas discussões de intelectuais e educadores, tornando-se assunto de vários congressos. (COSTA, 2005, p.98)

Não poderíamos deixar de abordar, mesmo que rapidamente, a questão da educação daquela época. Se faz vital entender o comportamento educacional, da formação tradicional e didática, para distribuir melhor os olhares sobre a literatura, quase sempre ela, reflexo do seu autor.

Peter Hunt (2010) efetivou um amplo estudo sobre o tema da literatura infantil e os aspectos humanos que ela abrange, em *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. Esse trabalho do pesquisador inglês tem contribuído muito com considerações não apenas sobre a literatura infantil em si, mas com a infância e com a criança. Identificando ponderações e informações sobre a infância em Joinville, na década de 1950, é salutar trazer esses dois elementos cruciais: infância e criança, a fim de abrirmos caminho para outras reflexões a serem completadas pelo leitor. Assim Hunt apresenta reflexos de seus estudos sobre a criança, apresentando características transculturais e diacrônicas nesta fase da vida:

[...]se incluem a brincadeira espontânea, a receptividade à cultura vigente, os constrangimentos fisiológicos (em geral, elas são menores e mais fracas que os adultos), e a imaturidade sexual (o que implica que certos conceitos não lhes são imediatamente relevantes). Elas tendem a formar laços emocionais com figuras maduras, a ter dificuldades quanto ao abstrato, a ter menor grau de concentração que os adultos e a estarem vulneráveis a percepções imediatas. [...] Na maioria das vezes, podemos dizer que, em estágios diferentes, as crianças terão atitudes variadas em relação à morte, ao medo, ao sexo, a perspectivas, ao egocentrismo, à causalidade, etc. Serão mais abertas ao pensamento radical e aos modos de entender os textos; serão mais flexíveis em suas percepções de texto. E, como a brincadeira é um elemento natural de seu perfil, verão a linguagem como outra área para exploração lúdica. Elas são menos limitadas por esquemas fixos e, nesse sentido, têm uma visão mais abrangente. (HUNT, 2010, p. 44)

Todos esses apontamentos trazidos por Hunt são determinantes para entendermos o que é infância e quem é essa criança que dá sentido a ela. Tão subjetiva quanto objetiva, a criança é esse ser que tanto vivencia e apreende o lúdico. Ela e a infância são dois conceitos separados por uma linha muito tênue, e que coexistem justamente porque se imbricam um no outro. Biologicamente, a criança é o ser humano que, segundo classificações atualizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069/1990 – Art. 2º, ainda não completou doze anos de vida. É aquela pessoa que durante este período de doze anos, passa por estágios de crescimento, da vulnerabilidade de não saber comunicar-se (daí vem o termo infância, do latim *infantia*, cuja raiz poderíamos traduzir como *aquele que não sabe falar*, ou *sem linguagem*) à descoberta dos sentidos, do próprio corpo, da sua presença e importância no mundo.

### 3.4 – CRIANÇA? INFÂNCIA? EXISTE DIFERENÇA?

A infância é um tempo constituído por seres peculiares, de características impressionantes. A infância é essa fase da vida que hoje consideramos tão imprescindível para ser observada e cuidada, mas que já foi entendida de forma quase indiferente ao ponto de sequer ser percebida. A infância é essa palavra cheia de simbolismo que nos impulsiona a saudade, e que nos faz voltar no tempo e lembrar das coisas mais simples: subidas em pés de goiaba, as primeiras letras, um amigo imaginário, um lugar maravilhado pelo ênfase do lúdico na imaginação infantil. Segundo Hunt,

Em termos diacrônicos, o conceito de infância é extremamente complexo e mal documentado. No passado, houve considerações radicais sobre a infância, da criança bom-selvagem do Romantismo, que está mais próxima de Deus, até a criança gerida má em consequência do pecado original. Em sociedades muito pobres, onde a taxa de mortalidade infantil era ou é muito alta, a infância como um estágio isolado de desenvolvimento dificilmente é possível. Se a infância é definida em termos de falta de responsabilidade, existem muitas sociedades em que mal se pode dizer que ela existia. [...] Portanto, a definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. Quando se tenta, por exemplo, descrever “infância” em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos. O que é infância na Grã-Bretanha no início do século XXI? No geral, há a segregação adulto-criança; ou seja, as crianças são encradas como uma espécie diferente de pessoa; elas são protegidas das preocupações adultas e transitam em lugares diferentes. (2010, p. 65).

Adentrar nesse universo da literatura infantil, na força da sua presença, é um movimento que deve ser feito também com cautela. Não à toa, porque reiteramos nada mais nada menos daquela literatura que vai motivar a leitura, que na visão de Schneider seria importante para a criança que viria a ser o humano futuro. Pensemos nessa idealização também antevendo essa criança como parte transformadora da sociedade, atentos para isso em pesquisas como a de Manuel Jacinto Sarmiento (2004), que defende a criança inserida na sociedade não como um ator social. Um ser que dá continuidade e faz renascer o mundo. Ou seja, a criança já é um ser, em transformação, naturalmente, como todo ser humano que nunca para de se transmutar. Assim como o adulto, a criança se apresenta, principalmente hoje, com certa autonomia, com personalidade, integrada ao mundo e ao meio.

A criança de hoje é compreendida como ser social. E a ela é direcionada uma projeção muito mais ampla, a ela é garantida muito mais importância, como destaca Sarmiento (2004) quando diz que há um processo de reinstitucionalização, isto é, o lugar social imputado às crianças já não é idêntico ao de outrora. Assim, o contato com a literatura infantil viabiliza ampliar relações com mundos possíveis.

Mas, quais as informações que temos sobre a postura de Schneider em relação a infância para nos situarmos de forma neutra numa análise sobre o que ele pensava? Encontramos algumas informações dentro da sua própria escrita. Pontuando o clima, o ambiente, as mídias, inclusive a hereditariedade, Schneider costura uma colcha de possibilidades sobre a infância e os perigos que ela poderia sofrer; ou sofriria.

A nossa vida decorre pois em etapas, em fases distintas, mas que não estão perfeitamente delimitadas entre si. Não seria mesmo natural, que essas fases fossem, em sua duração, perfeitamente rígidas. Sujeita a influências externas, que nunca faltam, uma e outra etapa pode se abreviada, assim como se pode estender

por um período muito longo. Um dos fatores mais importantes é o atavismo, como resultado imediato, do clima. Por exemplo, o clima mais frio costuma retardar, assim como realmente retarda, o aparecimento de certos aspectos, com que termina geralmente a infância. Não que termine abruptamente, porque todas as fases evoluem devagar, abrindo sempre mansamente as portas para a fase seguinte e alargando com isto sempre mais os horizontes da vida real. Porque, enquanto a criança se desenvolve corporalmente, também e paralelamente a mesma evolui mentalmente. (SCHNEIDER, 1959, p. 2)

No parágrafo seguinte, ele aponta o clima como um dos determinadores da construção do ser, e um dos elementos influenciadores das transformações na infância.

O clima possui uma influência decisiva. A criança norte-europeia, em virtude dessa influencia climatérica, é mais tempo criança, parecendo-me, que essa influência seja decisiva mesmo pra toda a vida do indivíduo. Olhemos para o povo suéco, um modelo de vida equilibrada, para todo o mundo contemporâneo. (SCHNEIDER, 1959. p. 2)

Percebe-se na maneira em que Schneider vai pontuando esse seu entendimento sobre a infância e a criança, um esforço para persuadir seu leitor a corroborar com suas ideias. Embora percebam-se elementos de defesa a sua tese que, no hall das conversas informais, parecem sempre verossímeis, não podemos deixar de apontar que ele tinha um modelo a seguir: a criança europeia, aquela que ele tinha sido um dia, perseguindo, quem sabe, a manutenção de suas tradições germânicas por meio da manutenção impositiva desse modo de se encarar a infância.

Schneider ainda traz o elemento da hereditariedade (p. 3) como um dos responsáveis pela formação da infância, utilizando-se do ditado popular “filho de peixe, peixinho é” para exemplificar seu enunciado. Adiante, (p.3), fala do ambiente em que vive as crianças. Sobre os costumes dos filhos dos vizinhos e dos colegas da escola, eu que esses lugares, e essas pessoas, determinarão “o desenvolvimento mental e principalmente moral, da juventude”.

Transformados com o passar do tempo, os conceitos estão sempre em movimento, em constante evolução. Alguns poderão dizer que no século XIX, por exemplo, ao examinarmos retratos e pinturas da época, as crianças vestiam-se a moda dos adultos, naquele tempo, porque não existiam estudos sobre ela, e nem mercado, inclusive. Hoje, ao olharmos as mídias televisivas e outras tantas, percebemos um mercado onde a criança tem vez, onde há uma maior liberdade para a criança se posicionar. Muitas delas, com tanta categoria, que passaram a se vestir como os pais, ou como os adultos, voltando à uma maneira de se vestir como tinha sido lá no século XVIII E XIX, embora agora por outros motivos.

Infância e criança, e isso já foi repetido e destacado nesta dissertação, são assim como tantos conceitos, vivos e sempre em movimento. O que não muda são os fatores que compõe a sua subjetividade: a capacidade de ignorar e poeticamente parecerem ser mais felizes com isso, a forma lúdica como interagem com o mundo, a maneira poética como vem à tona no mundo dos adultos quando esses nomes, criança e infância, são verbalizados.

É necessário refletirmos esses aspectos. Não conseguiríamos olhar para os anos de 1959 sem pensar nas transformações entre esses conceitos daquela época e desta. Não conseguiríamos entender claramente nossa própria pesquisa se não estivéssemos atentos de que essa mutação de conceitos e de posicionamentos da criança, e por conseguinte, da infância na sociedade, são fatores determinantes para falarmos do cerne deste trabalho, *O Coelho do Halo Azul*, e por conseguinte, a literatura infantil. Amplia Hunt que

Ao considerar a história dos livros para crianças, o tipo de infância para o qual se destinavam, ou seja, o tipo de infância por eles definido, varia consideravelmente. Os livros infantis para a criança da classe trabalhadora em muitas sociedades do passado parecem ser bem mais autoritários e severos que os livros infantis para as classes médias protegidas. De fato, mal chegam parecer livros infantis (2010, p. 66).

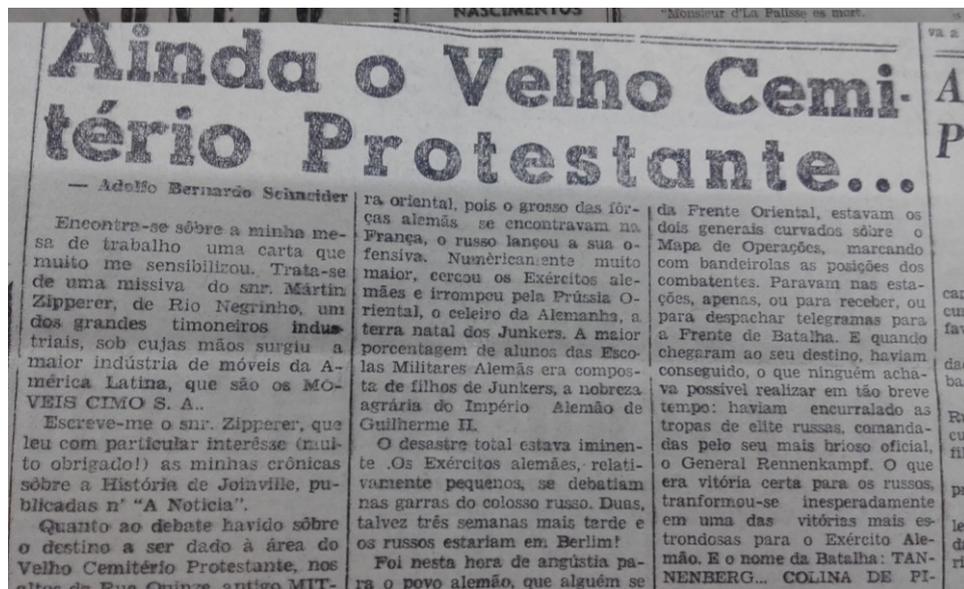
No processo de pesquisa, em busca de outras reflexões trazidas por Peter Hunt que não fossem extraídas de seus estudos científicos, encontramos uma crítica publicada por ele (2011), sobre a questão da atemporalidade de um texto, na Revista *Emília*. O tema discorria usado como exemplo o livro *O Jardim Secreto*, de Frances Burnett, em que Hunt aponta várias direções para o conceito de “jardim” e como esses conceitos poderiam ajudar a pensar a atemporalidade de uma obra.

O fato de que *O Jardim Secreto* toca em um assunto tão poderoso não significa que o livro não seja um produto de seu tempo – e, se ignorarmos as fontes mais imediatas e os “stimuli” do livro, perderíamos muito da sua riqueza. *O Jardim Secreto* – como todos os clássicos – precisa ser apreciado e compreendido em sua contemporaneidade para ser melhor saboreado. Burnett, a escritora desse livro, era uma mulher ligada ao jardim, numa era de jardins. Jardins abundavam nas pinturas pré-raphaelitas como nos quadros de Rossetti; Stevenson usou os jardins como marca para sua coleção de poemas para crianças em 1885; havia jardins, abandonos e assombros nos poemas de Swinburne. No mundo da educação, Friedrich Froebel escreveu *O Sistema de Jardins de Infância*, em 1855 e o termo Kindergarten (jardim de infância) foi popularizado por seus seguidores, entre os quais estava Burnett. A Baronesa Marenholtz-Bulow escreveu, em 1879, no livro *Criança e Criança-natureza*, que a criança que nunca teve um pedaço de terra para chamar de seu achará difícil se ater à capacidade humana de nutrir”. (HUNT, 2011, p.1/2)

Não podemos fazer uma análise de *O Coelhoinho do Halo Azul* com a mesma simetria com que Hunt fez sobre *O Jardim Secreto*, por uma questão pertinente: não existem materiais que sirvam como parâmetro para o livro do escritor joinvilense. Falamos de uma cidade pequena, ainda em construção, em contraponto a cidade de Manchester<sup>30</sup>, onde foi escrita a história do clássico inglês, em 1911. No entanto, buscando referências que tratassem dessa questão de atemporalidade ou não, procuramos nos jornais da época informações da sociedade como um todo, que fizesse com que, por meio dessas leituras, refletíssemos a questão da infância dentro desse sistema social.

No jornal mais importante da cidade na época (Novembro, 1959), o *JJ (Jornal de Joinville)*, encontramos particularidades que nos apontam a sociedade joinvilense daquele ano. Entre tantas notas, localizamos um artigo escrito pelo próprio Adolfo Bernardo Schneider, registros de nascimento, uma coluna policial falando de um ladrão de galinhas, os filmes em cartaz na época e a redescoberta de palavras hoje em desuso, tão formais; e parece ser até mesmo para aquela época. Por meio dessa maneira de se falar, antecipamos a sociedade que era reproduzida ou se idealizava.

Figura 4 - Matéria de Jornal com texto escrito por Schneider



Fonte: Jornal de Joinville (1959) / Arquivo Histórico de Joinville

<sup>30</sup> Joinville, por coincidência, é apelidada de A MANCHESTER CATARINENSE.

Na nota abaixo, copiada do *JJ*, publicada em agosto de 1959 e redigitada a seguir conforme a fotografia registrada a partir do original, observamos os conselhos de uma mãe, entendendo e estendendo a discussão: de que essas preocupações são registros de sua atemporalidade.

Figura 5 - Nota de Jornal com tabela "conversa com a mãe"



Fonte: Jornal de Joinville (1959) / Arquivo Histórico de Joinville

CONVERSA COM A MÃE

Você que é zelosa mãe de família, de oportunidade de sua filha gozar prazerosamente a infância. Vista-a de maneira a permitir-lhe a liberdade de brincar. Nada de fitas e rendinhas que dão muitas vezes motivos de pitos e sermões. E também limitam o movimento das crianças.
Se o seu filhinho aparece com febre, não administre antibióticos sem receita médica. Esses remédios são, às vezes, faca de dois gumes – se fazem bem em determinados casos, noutros baixam a resistência orgânica, o que é altamente inconveniente e nocivo. Preste atenção mãezinha: remédio só com receita médica
Poupe contrariedade a seu filho. Não o obrigue a mostrar habilidades na presença de estranhos. Evite, deste modo, que ele se exponha a olhares críticos sempre insensíveis aos sentimentos infantis.
Faça de seu filhinho um ser risonho e feliz. Mas como? É fácil conseguir que seu menino se sinta feliz e tranquilo no lar. Evite atitudes violentas, a agressividade, os rancores, Permita que ele sinta em torno, pessoas amáveis, que falem mansamente, sem agitações. Muito cedo as crianças recebem a influência dos adultos. O ambiente calmo, tranquilo, é importante para que se sintam a vontade, sem vãos temores.
O gosto pelas mãos bem lavadas, unhas limpas, é necessário ser despertado desde cedo, em todas as crianças. A alegria do contato da água será cultivada desde a mais tenra idade. Mais tarde eles saberão da necessidade de lavar as mãos antes das refeições, na hora de sair, e se possível, todas as vezes que sujarem.
Há mães que dizem: Nunca bati em meu filho. Mas grita (sic) com ele. E, muitas vezes, um grito é pior que uma bofetada.
Seus filhos devem “voar” sozinhos. Esta é uma advertência calcada na experiência no assunto. A superproteção é incômoda, sobretudo, quando a criança atinge uma certa idade. É de bom alvitre dar-lhe uma certa independência.

Por meio dessa nota de jornal conseguimos distinguir que as preocupações maternas são atemporais. Permitem nessa publicação se ater a um objeto de averiguação de como o tratamento às crianças eram feitos de forma zelosa. Conseguimos supor um tempo onde preceitos maternos eram publicados no jornal, dando ênfase a posição da mulher como mãe, também conseguimos supor um tempo menos violento, em que a notícia publicada dando ênfase à violência era esse roubo de galinhas, como na nota abaixo. Outro fato percebido nessa nota é a relevância dada à literatura infantil, que havia sido o terceiro gênero literário mais emprestado na Biblioteca Pública Municipal de Joinville, no primeiro quadrimestre daquele ano. Traçamos, assim, um esboço do perfil social e da infância de Joinville, da década de 1950, avaliando a cidade que Schneider gostaria de alguma forma, preservar.

Figura 6 - Matéria de Jornal



Fonte: Jornal de Joinville (1959) / Arquivo Histórico de Joinville

É de se constatar que as preocupações da época eram latentes, mas eram outras. Por esse caminho, podemos entender um pouco nossos avós quando diziam “os tempos eram outros”. Porém, mais do que isso, é relutante voltarmos ainda, um pouco mais à questão da atemporalidade, trazida em argumentação à figura 5. Por meio desse quadro, que ousamos chamar de atemporal, pelo teor da preocupação materna que permanece inalterada, percebemos pelo discurso utilizado, tratar-se de uma época. Não precisaríamos dimensionar o tempo, nem apontá-lo para entendermos que o tratamento e a linguagem utilizados hoje em dia são outros. Ao trazer o seu conceito sobre infância, Hunt (2010) acaba por nos posicionar

também diante desta reflexão: a infância e o seu tempo, considerando também o grupo social em que essa criança está inserida, qual o lugar em que está sendo vivenciada.

A definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. Quando setenta, por exemplo, descrever “infância” em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos. O que é infância na Grã-Bretanha no início do século XXI? No geral, há a segregação adulto-criança; ou seja, as crianças são encaradas como uma espécie diferente de pessoa; elas são protegidas das preocupações adultas e transitam em lugares diferentes. Por outro lado, tem havido um relaxamento dos limites da formalidade. Mesmo assim, a ubiquidade da participação da mídia pode significar que elas são menos protegidas de assuntos tabus – ou a TV dá apenas a imagem e não a sensação? Assim as roupas das crianças se tornaram menos diferentes, a moda para crianças as tornam clones de adultos. A música popular agora atende as crianças como parte de seu mercado. A alimentação se homogeneizou. [...] Em suma, a infância não é hoje (se é que alguma vez foi) um conceito estável. Por conseguinte, não se pode esperar que a literatura definida por ela seja estável. Assim, devemos ser muito cautelosos a cerca do descompasso entre as interpretações de um livro feitas quando este é publicado e as interpretações realizadas em outros períodos, com contextos sociais diferentes. (HUNT, 2010, p. 45)

Já quase nas considerações finais de seu artigo *Modernidade, Infância e Linguagem em Walter Benjamin*, Eloíza Gurgel Pires (2016, p. 269), cita Rainer Maria Rilke por meio de um aforismo, afirmando que para o poeta alemão, a infância é um “estado-em-perigo”, bem como a arte é um espaço poético de resistência aos modelos estabelecidos. Arte, infância, criança são temas atemporais, assim como atemporais serão sempre as preocupações com a evolução humana e as delimitações que os homens vão tentando dar a determinados temas, sempre querendo definir, conceituar, encontrar respostas, de dar conta de avaliações sobre a metafísica. O fato é que muitos conceitos que eram considerados definitivos, continuam em constante transformação, renovando determinadas verdades que pareciam sedimentadas. Ao final desta análise panorâmica da sociedade joinvilense dos anos de 1950, percebemos como as mudanças continuam. Como o movimento social é atemporal.

#### 4 UM LIVRO INAUGURAL: ESTUDO DA NARRATIVA

Lançado sob o patrocínio da Móveis Cimo S.A, empresa referência em móveis escolares e para escritório em todo o Brasil, com uma tiragem de mil exemplares, impressos de forma quase artesanal : sem ficha catalográfica, sem uma capa especial (o papel da mesma é o mesmo do miolo, por exemplo), em forma de brochura (com grampos centrais), *O Coelho do Halo Azul* levará consigo sempre esse legado: de ser, possivelmente, o primeiro livro para o público infantil publicado na cidade de Joinville. Como foi escrito para ser radiodifundido, a data não podia ser mais propícia para obter os ouvidos atentos da população joinvilense: o dia do Natal. Transmitido pela Rádio Cultura, a história de Schneider segue as referências da época, desatento ao movimento modernista que já há quase três décadas, vinha ditando moda na maneira como a arte, em todas as suas modalidades, vinha se comportando.

Figura 7 - Clichê em madeira e latão para a impressão da capa do livro *O Coelho do Halo Azul*



Fonte: Acervo do escritor

Feito sob o foco da tradição, *O Coelho do Halo Azul* traz elementos dum período em que à criança eram oferecidos elementos, por meio da literatura principalmente, que não adentravam no universo das polêmicas e temas tabus da época. Refletindo a sua época, mas olhando especificamente para trás, a história construída pelo escritor joinvilense nos mostra

elementos comuns a tantas histórias do universo infantil: a determinação, a fé, o instinto de sobrevivência, o elemento mágico, acrescentando aí suas crenças religiosas, citando Jesus como referência para a construção dessa narrativa. Alicerçando-a, ele antecipa a história fabulosa em um prefácio nu, apontando sem melindres o que para ele eram os problemas sociais da época, principalmente no tocante à infância: a antecipação da fase adulta trazida por meio do avanço do progresso e dos costumes que vinham com as mudanças comportamentais da sociedade.

#### 4.1 LITERÁRIO E LIBERTÁRIO

Usar o adjetivo libertário é fazer uma alusão ao que pretende a literatura, seja ela infantil ou não, por meio de seus indicativos, dos caminhos que ela persegue para aguçar a imaginação, para a ressignificação de pessoas, lugares, objetos. Não falamos aqui de um conceito chamado libertário, apenas damos ênfase a esta palavra porque consideramos que este deveria ser o cerne de toda literatura, seja infantil ou não: fazer voar. E não há, fisicamente, liberdade maior do que o voo. Não é à toa que na maioria das vezes em que procuramos um símbolo para a liberdade vamos encontrar, asas! O nosso libertário vem desse princípio.

Quando lemos literatura infantil, principalmente, percebemos como essas possibilidades de libertação são ainda mais contundentes, se aludirmos ao fato de que em grande parte das histórias infantis tudo é possível, desde uma árvore falar, até um tapete servir de veículo de transporte. Quando falo em libertação, não falo messianicamente, pois nem toda literatura busca ou se atreve a ser libertadora. Ênfase no sentido distópico, quando ela nos permite se deslocar da realidade para a fantasia num piscar de olhos. Pelo menos é assim que ocorre quando, por exemplo, nos deparamos com determinado trecho de uma narrativa em que está escrito “Olhem, tem um dragão saindo detrás daquelas nuvens!”. Não há dragões em nosso mundo real. Mas ao imaginarmos, ao materializarmos o modelo de dragão que aprendemos a decodificar desde pequenos, trazemos para a realidade algo que só a imaginação pode criar. É desse libertário, palavra derivada de liberdade que apresentamos como potência para oferecer como rima ao que é literário, para podermos brincar com essa possibilidade de criar é que a referendamos neste subcapítulo.

Fazemos isso propositalmente, porque, conservador que era, Schneider tudo o que menos queria era uma literatura subversiva, no sentido de romper barreiras socialmente estabelecidas. O texto do prefácio, escrito por ele, traz elementos suficientes, como poderemos ver adiante, para perceber esse conservadorismo nele. Quando fala dos artistas da televisão e do cinema, por exemplo, e dos novos comportamentos que esses traziam, argumenta: “Nota-se um desrespeito aberto e debochado, em parte até agressivo contra tudo o que possa significar ORDEM!” (pág. 5).

Pensando assim, buscando uma característica libertária dentro de seus textos, alguns autores constroem o seu discurso embasados em razões que eles acreditam. Assim, a cultura de cada um interage com ele e interfere na sua escrita. Não fosse dessa forma, todos escreveriam sob a mesma ótica, com personagens com o mesmo sotaque, com os mesmos ideais, com os mesmos sentidos, com as mesmas crenças, feitos sob a mesma égide. Literário e libertário são aspectos de histórias que nos apresentam possibilidades de ir mais além, de imaginar o que vem depois da montanha, ou de imaginar como é essa montanha. Por esta perspectiva analisamos muitas vezes de maneira inconsciente nossas possibilidades, nossos temores, até onde iríamos e se faríamos com o mesmo ímpeto, ao seguir pelo mesmo caminho para vencer o dragão, conquistar o castelo, e salvar a princesa.

O livro *O Coelhoinho do Halo azul*, a ser analisado, foi construído como uma “rádio-sketch”, a expressão do verbete alemão, significa, esquete teatral a fim de ser reproduzida ou radiodifundida como as antigas radionovelas brasileiras, com o objetivo de chegar ao maior número possível de ouvintes. Pelas particularidades do período, década de 1950, e do público-alvo em questão, a criança, encontramos preocupação análoga à de Schneider, em outro alemão, Walter Benjamin, que também se utilizou de narrativas radiofônicas, no início do século XX, para falar com as crianças e os jovens alemães, buscando levar à sociedade berlinense suas preocupações com a modernidade, com a manutenção das tradições. Existiria na época algo mais expansivo, que desse essa conotação com a liberdade, do que a audição de programas de rádio, sendo que o mesmo, era a Internet da época? Schneider sabia disso. Nos idos do lançamento de *O Coelhoinho do Halo Azul*, o rádio era o suprasumo da mídia, pois, embora a televisão já existisse há 9 anos no Brasil, era um objeto caríssimo, inexistente na maioria dos lares joinvilenses.

Segundo Rita Riber Pereira, em prefácio de *A Hora das Crianças* (2015), Walter Benjamin levou suas preocupações à Rádio como um esforço pessoal para colocar em debate, entre as crianças, temas que ele julgava fundamentais para a sociedade. Nesse impulso, reafirmava sua tese de que, se por um lado víamos nas crianças, pelo simples fato de

existirem, a reivindicação de suas especificidades enquanto crianças, por outro, elas não se constituíam parte de uma comunidade, quase sempre desviadas da dinâmica social e suas contradições. Schneider e Benjamin estiveram atentos tanto ao universo do adulto, quanto do infantil. Tornaram públicas suas preocupações com os pequenos, pensando-os para a formação de uma sociedade melhor.

O livro *O Coelhozinho do Halo Azul* está dividido em duas partes: o prefácio e a narrativa, composto de sete páginas cada uma. Tem como narrador o escritor Hans Christian Andersen, um contador de histórias que descreve as dificuldades sofridas por uma aldeia europeia às vésperas do Natal, misturando elementos sacros com pagãos, e em alguns momentos lembrando o conto do próprio Andersen, *A pequena vendedora de fósforos* (1993), que tem como personagens principais uma menina e sua avó, além do cenário da neve, do inverno e da pobreza, comuns às duas narrativas.

A primeira parte é composta pelo prefácio, em que Schneider discursa sobre suas preocupações envolvendo a “adultização<sup>31</sup>” da criança. Entendia essa adultização como inconcebível, porque no seu entender desvalorizava a ingenuidade (visão romantizada que tinha) própria do tempo infantil das descobertas do mundo, tirando-a do universo doce, puro e inocente dos primeiros anos da vida humana, de acordo com o depoimento de Schneider. Nesta parte, dá ênfase a uma citação da escritora Rachel de Queiroz, publicada na Revista *O Cruzeiro*, em 1959, “As coisas não andam bem num mundo em que flor, criança e passarinho não têm vez. Isso quer dizer que os corações estão ficando duros, sem uma margem para o lirismo e a gratuidade<sup>32</sup>” (SCHNEIDER, 1959, p.1).

Na segunda parte, Schneider narra uma história simples e comovente, num ambiente familiar que nos reporta a uma tradicional família europeia. Por meio de uma linguagem clara e objetiva, nos faz adentrar numa floresta, contando a história de uma menina que está determinada a ajudar sua avó e sua aldeia a terem um Natal melhor, enfrentando suas limitações. Inserindo como uma homenagem, Schneider destaca logo no início da narrativa que será contada, uma dedicatória ao escritor dinamarquês responsável por títulos de reconhecimento universal “Homenagem singela, embora tardia, à alma cristalina e pura de Hans Christian Andersen” (SCHNEIDER, 1959, p. 8).

---

<sup>31</sup> Termo utilizado para considerar as preocupações do autor, narradas no prefácio, com o crescente encurtamento entre a infância e a fase adulta, motivado pelo então, comportamento inadequado contemporâneo do progresso.

<sup>32</sup> Fica registrado, que a citação feita por Schneider não foi referendada pelo autor, não nos restando conclusões a respeito de qual texto de Queiroz foi destacado por ele, como fragmento.

Ao apresentar a narrativa na véspera do Natal, por meio de transmissão radiofônica na Rádio Cultura Joinville, o autor pôs em prática seu desejo de buscar massificar a literatura e encontrou no rádio, meio de comunicação de massa da época, uma possibilidade de atingir seu público leitor como ouvinte. Possivelmente chegou aos lares de grande parte das famílias joinvilense que, em 1959, girava em torno de 70.000 (setenta mil) pessoas. Consideramos nesse número, também, o fato da Rádio Cultura Joinville, ser a disseminadora dos programas de rádio mais populares da cidade. Como nota, ressaltamos que, em 1960, de acordo com o senso do IBGE<sup>33</sup>, a população de Joinville era de 70.687 pessoas. Salientamos, também, que foram dois programas natalinos transmitidos pela mesma rádio, difundindo *O Coelhozinho do Halo Azul*: ambos no dia 25 de dezembro, em 1959 e 1960, quando foram representados por crianças escolhidas pelo patrocinador que, naquela ocasião, apoiou a publicação do livro.

No prefácio, surge em dobro a argumentação do autor sobre a ausência de programas transmitidos pelos meios de comunicação, que privilegiassem a criança no que diz respeito à leitura literária e aproximação com o livro, expressando o desejo de usar a comunicação e a arte por meio da radiodifusão; a referência à fatores negativos advém das mudanças de comportamento proveniente do progresso, reiterado no prefácio em que usa a palavra “arma” (SCHNEIDER, 1959, p. 6) como sinônimo às manifestações artísticas usadas no combate ao que ele via com temor: a “desinfantilização” da criança. Entendemos que Schneider pensava a criança à sua época, 1959, e inferimos, inclusive mediante a leitura do seu discurso no prefácio - que está esmiuçado no terceiro capítulo - que ele olhava com preocupação a criança daqueles anos, buscando manter ou mesmo trazer a criança da sua infância, que viveu na década de 1910. Infância que era muito diferente da perspectiva que temos sobre a mesma. Infância que hoje, mediante a variedade de produtos culturais e comerciais a ela dirigidos, tem na desinfantilização, pelo menos para o mercado, um potencial cliente que pode opinar com a mesma força de um adulto.

Constata-se que uma das preocupações de Schneider era evitar que a modernidade, advinda com o cinema e a televisão, contribuísse com essa desinfantilização da criança, embora soubesse também, como veremos a seguir, que essa tecnologia poderia também ser uma aliada. Sabemos que hoje, tal preocupação não é mais cabível, já que a infância está inserida no que Sarmiento (2004) chama de segunda modernidade; sabemos que a diferença radical da infância, segundo este autor, consiste no deslocamento de normas e padrões

---

<sup>33</sup> <http://www.univille.edu.br/pt-BR/departamentos/cienciaseconomicas/observatorio-economico/populacao/index/781533>

constituídos pelos adultos, o que faz com que cada criança se insira na sociedade não como um ser estranho, mas como um sujeito que seja inerente e pertencente ao logus social, que é o que faz com que deem continuidade e renascimento ao mundo. Pensar em uma criança que tenha direção e ação, que queira, que tenha opinião, é fato recente, e aceitar crianças com essas posições, era algo impensável na época de Schneider.

Para Schneider a criança precisava viver sob constante vigília, sem imposições da realidade nua e crua. Na sua percepção os adultos deveriam dirigir esforços para preservar e alimentar o encanto infantil de ouvir uma história com fadas, duendes e outras figuras do imaginário. Por pensamentos assim, durante a trajetória da literatura infantil, pelo menos no Brasil, temas considerados tabus como separação, sexualidade e morte, por muito tempo foram ignorados. Historicamente, apesar da inovação de Lobato a tratar de temas mais complexos no decorrer de sua obra, constata-se que só a partir dos anos de 1970, é que a literatura infantil brasileira passa a tratar de temas mais densos, como o preconceito, de forma mais presente e mais realista. Até então, a criança devia, de forma pueril, ser preservada em sua linguagem, no seu comportamento, no seu posicionamento, e para isso, a literatura que Schneider escreveu, se analisadas essas pulsões, agia nesta direção. Lajolo e Zilberman (1999) trazem em seus estudos, inclusive, os livros que foram os precursores ao tematizar as forças e os impulsos que envolvem o humano e o social:

*Pivete*, de Henry Correia de Araújo, de 1977, faz parte da coleção do Pinto, lançada em 1975 pela editora Comunicação: parece ter caído a ela a consolidação (mesmo que ao preço de um certo escândalo) de uma literatura infantil comprometida com a representação realista e às vezes, violenta, da vida social brasileira. O resultado é um esforço programado de abordar temas até então considerados tabus e impróprios para menores. *O menino e o pinto do menino* (1975) de Wander Piroli, inaugura a coleção e a moda, tematizando a baixa qualidade de vida num condomínio apertado. A partir daí, várias obras se ocupam da representação de situações até então evitadas na literatura infantil: *O dia de ver meu pai* (1977) de Vivina de Assis Viana, por exemplo, trata da separação conjugal. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 126).

Diferente dos temas evidenciados a partir dos anos de 1970, em 1959 Schneider escreveu *O Coelho do Halo Azul*, como as clássicas narrativas infantis europeias comuns à circulação entre as crianças da Joinville de sua infância, para utilizar como um escudo contra o progresso que chegava. Sua narrativa dialogava com o seu tempo, mas era a partir deste que

ele via o futuro, da maneira que se desenhava, como uma grande ameaça; para as crianças, principalmente.

Schneider usa o termo “amortecedor” para adjetivar o que ele via como benefício aos impactos da infância em meio ao progresso que, ao fim da década de 1950, dava mostras de um comportamento infantil diferente do tempo em que ele próprio foi criança, no início do século XX. Ainda no prefácio são destacadas a educação da época, a necessidade da imaginação, a importância da ilustração, assim como o contexto da criança na sociedade, no qual o escritor reitera a necessidade de uma Educação Moral e Física.

Conjecturamos, a partir dos estudos da História da Educação que, ao se referir aos termos “educação moral”, e principalmente “física”, ele fazia menção às preocupações que eram latentes desde o advento da Escola Nova nos idos de 1932, à questão da higiene, e da saúde, por conseguinte. Observamos que o escritor estava atento também para a pedagogia daquela época, escrevendo uma peça formadora, possivelmente refletindo procedimentos culturais e tradicionais da sua própria vivência.

Mediante a potencialidade do prefácio, buscamos adentrar nas considerações expostas, estabelecendo reflexão de como os conceitos de infância mudaram nas últimas décadas. Foco de análise junto à narrativa propriamente dita de *O Coelho do Halo Azul*, nesta dissertação, seria inconcebível levantar questionamentos sem esse mergulho no prefácio, já que foi escrito em sete páginas, a mesma quantidade do texto da narrativa em si, o que denota a importância dada pelo autor a essa apresentação.

Durante o processo de escrita a preocupação foi contextualizar o objeto pesquisado na época, atentando para a memória do seu produtor, Adolfo Bernardo Schneider. Isto não significa compartilhar com as ideias dele, mas compreender a visão que tinha a respeito de infância, de literatura para essa infância. Perceber suas preocupações com o comportamento social advindo do progresso, denotando relação com sua época. Nossa proposta foi inserir o livro de Schneider em seu contexto social e histórico.

Entre o literário e o libertário, aproveitamos a rima entre os sujeitos e a metáfora do libertário para justamente adentrar na exposição de Schneider e o seu tempo em Joinville, refletindo sobre o que é literário na construção desta história schneideriana. Evidenciaremos a partir daqui elementos para evidenciar o que era libertário para Schneider, e que isso não vai muito além da liberdade de imaginar um coelho e um halo azul, e todas as simbologias que ele constrói à moda europeia. Que o libertário, relativo a libertador, era uma ação que ele realmente não intencionava. E o reforço na analogia, literário e libertário, é justamente para refletirmos o quanto alguns escritores perdem essa oportunidade de construir um texto que

não ensine caminhos mas os apresente, que não o apresente como a única verdade, que possibilite ao leitor fazer as suas construções.

Destaca-se que tanto Adolfo Bernardo Schneider quanto *O Coelho do Halo Azul*, são descritores inéditos em todas as plataformas de pesquisa em que foram procurados<sup>34</sup>, pelo menos como objeto de pesquisa e análise em artigos. Em dissertações aparece o descritor “Adolfo Bernardo Schneider” num trabalho de pesquisa executado na Universidade Federal do Paraná, que será referenciado nesta dissertação. Quanto ao livro que pesquisamos, ele é citado somente em duas ocasiões: na pesquisa de Celestino Sachet, e no livro online produzido pelos integrantes do grupo de Pesquisa Literalise, onde consta a resenha do livro *O Coelho do Halo Azul* e uma breve biografia do referido autor. No entanto estudos sobre o trabalho literário dele não existem, já que seu nome é citado em notas de jornais ou em textos jornalísticos ligados às funções que ele exercia na sociedade joinvilense. Trabalhar com esse ineditismo torna a pesquisa motivadora, apesar de ele nunca o ser de forma integral.

#### 4.2 MERGULHO NO PREFÁCIO

Denominamos “mergulho” a entrada neste subcapítulo, em razão de encontrar nas páginas do prefácio de *O Coelho do Halo Azul*, material primordial para o entendimento do que ele pensava, já que essa apresentação foi escrita pelo próprio Schneider. Outro fator importante para este aprofundamento se dá a relevância que Schneider deu a esse prefácio, dedicando a ele as mesmas sete páginas da narrativa infantil que criou.

Neste preâmbulo Schneider não se limita a falar da história que está por vir, nem da literatura infantil em si, mas, traz um panorama daquilo que ele acreditava estar acontecendo no mundo naquele final dos anos de 1950: chegando a ironizar o comportamento de alguns pais para com seus filhos. Vendo o mundo de uma forma conservadora, faz um relato, que poderia dizer, apaixonado – o que suspeita a cegueira sobre determinados assuntos que serão apontados – do que esperava do porvir, quando o assunto era eram as crianças e a propagação

---

<sup>34</sup> Scielo Educa - <http://educa.fcc.org.br/scielo.php>  
 Scielo - <http://www.scielo.org/php/index.php>  
 Capes - <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

delas como os futuros adultos a transformarem, ou não (se refletirmos na manutenção das tradições), o mundo.

Nas primeiras linhas do prefácio, Schneider começa com uma citação bem interessante, dessas que logo nos traz à mente os livros de autoajuda, repleto de mensagens construtivas e muitas vezes superficiais. Não pela mensagem em si, mais pela docilidade que acaba por menosprezar as pedras do caminho. O texto, trecho de uma crônica de Rachel de Queiroz<sup>35</sup>, primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras, é transcrito por Schneider (1959, p. 1): “As coisas não andam bem num mundo em que flor, criança, passarinho não tem vez. Isso quer dizer que os corações estão ficando duros, sem uma margem para o lirismo e a gratuidade”.

Não podemos afirmar o número do público atingido pelo livro infantil de Schneider, pois lá se vão mais de sessenta anos, e tanto o autor, quanto as pessoas que comungavam do seu cotidiano, já faleceram há mais de uma década. No entanto, dada sua posição social dentro da cidade de Joinville, acredita-se que o livro tenha repercutido bastante, somando o fato de ter sido dramatizado. Entendemos que Schneider acreditava piamente nas suas mensagens, pela maneira explícita, e enfática como que apresenta seu discurso no prefácio. Esses preceitos que poderiam de forma mecânica, serem tratados até como uma doutrinação estão integrados na forma como as personagens de *O Coelhoinho do Halo Azul* são narradas, tanto quanto na forma explícita como Schneider aponta seu dedo sobre os problemas do mundo.

Analisando o trabalho de Lejeune (2008) sobre prefácios, podemos considerar que, alguns deles, como esse escrito por Schneider, por serem tão cheios de argumentações embasadas em lembranças, em ritmo de artigo de opinião, podem trafegar como um registro biográfico. Quando consideramos que Schneider, para compor estas reflexões sobre a infância no prefácio de *O Coelhoinho do Halo Azul*, promove parâmetros entre a infância do seu tempo de criança e a infância dos anos de 1950, possivelmente se utiliza do preenchimento das lacunas da memória com esse olhar romântico com que costumamos visitar o passado. Por esta argumentação é importante avaliar esse “mergulho no prefácio” destacando essas considerações do pensador francês:

---

<sup>35</sup> Rachel de Queiroz, In O CRUZEIRO<sup>35</sup> de 4/4/1959.

Só de pensar em escrever uma única linha de ficção, a pena me cai das mãos, pelo menos quando se trata de falar de mim mesmo. Existem duas atitudes diametralmente opostas em relação à memória. Sabe-se que ela é uma construção imaginária, ainda que seja pelas escolhas que faz, sem falar de tudo o que inventa. Alguns optam por observar essa construção (fixar seus traços com precisão, refletir sobre sua história, confrontá-la a outras fontes...) Outros decidem continua-la. Alguns freiam, outros aceleram, e todos vislumbram como resultado desse gesto o fantasma da verdade. E, conseqüentemente, ambos estão convencidos de que os outros estão enganados. (LEJEUNE, 2008, p.106)

Percebemos que, no Brasil, segundo estudos de Oliveira (2015), o prefácio dos respectivos livros infantis trazem os primeiros registros sobre o posicionamento de determinados autores e, por consequência, podendo fazer uma leitura social por meio destes, categorizados dessa forma esses prefácios, denominados de paratextos como documento de valor “histórico-antropológico”. Neles, aparentemente, não havia intencionalidade de tratar cientificamente ou didaticamente a literatura infantil. A análise era mais discursiva.

É importante realçar e perceber que, apesar da ética e da moral serem palavras-chave corriqueiras quando se pensava em literatura infantil de qualidade, devemos lembrar que essa ética e essa moral, ainda presentes, foram se moldando aos tempos, de acordo com os movimentos da sociedade. Por intermédio do estudo dos prefácios podemos analisar o ponto de vista de seus escritores, e é exatamente isso que Schneider, de forma peremptória, faz no prefácio de *O Coelho do Halo Azul*: opina sobre diversos assuntos, da criança ao modismo, do poder da literatura à força das peças infantis, opina sobre uma educação física além de cívica, elencando pontos de discussão que ele achava pertinentes.

Crítico de seu próprio tempo, saudosista e se pudesse seria aquele que faria uma interrupção no progresso, Schneider já considerava aquele tempo uma afronta à questão da fabulação do que ele entendia por mundo propício a uma criança. Devemos atentar para a citação retirada dos estudos de Lejeune, observando esse aspecto em como essa verdade defendida por Schneider era vivida. Atentos a essas lacunas de esquecimento preenchidas durante a rememoração, poderíamos afirmar que esse relato biográfico traçado por Schneider, no prefácio de *O Coelho do Halo Azul*, não seria tão fabulosa quanto a narrativa que construiu para contar a sua ficção infantil?

No segundo parágrafo do prefácio, com a citação de Raquel de Queiroz extraída de um jornal em que ela provavelmente escrevia como cronista, observa:

Quem, entre os adultos, se abalançar a escrever e a analisar a sua própria infância, se vê inesperadamente diante de um muro alto e aparentemente intransponível.

Porque, há muitos anos, já queimaram todas as pontes, que nos ligavam ao reino das fadas. Compreendemos apenas de maneira indireta pela observação, esse mundo estranho, povoado pelas fadas, pelo Coelhozinho, por Papai Noel e, last but not least<sup>36</sup>, pela Cegonha ... Querer descrever a sua própria primeira infância, é certamente tão ou ainda mais difícil do que querer descrever uma viagem que se realizou ... dormindo! (SCHNEIDER, 1959, p. 1).

Buscando mergulhar nas tessituras dos prefácios, vimos perceber como os mesmos são essenciais no entendimento do que pensavam os autores em geral, assim como Schneider, principalmente no Brasil quando o assunto era a criança e a literatura infantil, no período em que os estudos referentes eram escassos e havia pouco esclarecimento. Os estudos de Leonardo Arroyo (1968) e Fernando Rodrigues de Oliveira (2015) nos ajudam a entender melhor o prefácio, sua força, e sua aplicação.

Arroyo (1968) faz referência ao livro *As Aventuras de Gil Brás*, situando como edição datada em 1855. Expõe a estrutura do prefácio, do título, nessa produção que é uma das primeiras a ser publicada no Brasil a trazer reflexões analíticas sobre a literatura infantil. Neste livro, segundo Arroyo (1968, p. 100), há

uma pequena introdução que ilustra perfeitamente os objetivos da literatura que se encaminhava à infância no século passado. Verificar-se-á, nestas linhas, que todo um processo de aprendizado estava sofrendo tanto a literatura infantil portuguesa como a brasileira, com a agravante de a nossa ficar perturbada, do ponto de vista de hoje, por exemplo, com a utilização de uma linguagem a seu tanto já diferenciada. (ARROYO, 1968, p. 100).

O que Arroyo denomina de introdução poderíamos caracterizar como um prefácio, um paratexto que abre o livro e antecede a narrativa, verificando que preocupação desse autor era a linguagem. Em tempo há de se realçar, se for possível aqui inserir esse adendo, que aos amantes da língua, principalmente da linguagem formal e culta, as alterações e modificações promovidas dentro da linguagem, por ela mesma ou pelos seus interlocutores, muitas vezes surgem como ameaça. Assim, na introdução de *As Aventuras de Gil Brás*, percebe-se os anseios da época perante a linguagem e como esse tema é atemporal.

---

<sup>36</sup> Expressão usada pelo autor no parágrafo.

Buscando apresentar o prefácio como objeto de pesquisa de uma historiografia que aponte mais informações sobre a criança e a literatura infantil, temos ainda *Pátria*, de João Vieira de Almeida (1889 apud ARROYO, 1968) em que este autor tece algumas considerações sobre o objetivo do seu trabalho. Segundo Arroyo, João Vieira de Almeida reconhece o alto valor do livro *Coração*, de Edmundo de Amicis, “popularíssimo na Itália, e mesmo aqui no Brasil [...] fala tanto ao coração como à inteligência”. Mas já ousava criticar a obra-prima de Edmundo de Amicis, alegando que tinha “o defeito de se ocupar de cenas e de homens de outro país”. De acordo com Arroyo (1968), o prefácio de João Vieira de Almeida é interessante também por outros aspectos: inclusive o de uma posição especial em relação ao ensino, posição essa de certo modo baseada na rotina e que só as professoras estrangeiras ou brasileiras que houvesse se especializado no estrangeiro, viriam eliminar não só em São Paulo como em outros Estados do Brasil. João Vieira de Almeida manifestava-se contra “as regras enfadonhas do que por aí chamam enfaticamente a pedagogia moderna” (p.119).

Apesar de não termos investigado os títulos estudados por Arroyo, consideramos interessante referendá-lo para entender como os paratextos são importantes como objeto de estudo, seja da literatura infantil, seja da literatura em geral, muitas vezes representando as manifestações de uma época. Mergulhar no prefácio de *O Coelhozinho do Halo Azul* é de assaz interesse, por ser ele um paratexto que se apresenta historicamente importante, tanto quanto a própria narrativa em si, dado tantos elementos elencados por Schneider, no corpo deste documento. Analisar cada ponto desse prefácio, foi substancial para entendermos os quereres de Schneider, contextualizar suas pensamentos, imaginar a sociedade da época dos final dos anos de 1950 e se situar dentro dos costumes daquela sociedade, representada por Schneider que possivelmente, reverberava os anseios de grande parte dos homens que buscavam a manutenção dos seus costumes.

Mas, afinal, o que é um paratexto? Segundo Genette (2009),

Paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou de uma fronteira estanque, trata-se aqui de um limiar, ou – expressão de Borges ao falar de um prefácio – de um vestibulo, que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder. (GENETTE, 2009, p. 9).

Nos estudos e especificações do que seriam os paratextos, trazidos à tona por Genette, encontramos elementos e particularidades que ajudaram a elucidar esse mergulho no prefácio. Genette apresenta o prefácio – que é o que aqui nos cabe – por exemplo, como um Peritexto, uma espécie de paratexto em que também se inclui o título e o posfácio. Essas partes integrantes que fazem o livro, além da sua narrativa, conversarem com o leitor, são elementos fundamentais para o entendimento e/ou a leitura de todo o contexto que envolve um livro. No caso de *O Coelhozinho do Halo Azul*, o que faz de seu prefácio um documento interessante, é que ele é um prefácio autoral original porque foi escrito pelo próprio Schneider.

Para acentuar ainda mais o impacto do prefácio em *O Coelhozinho do Halo Azul*, entendemos e estendemos a escrita para Genette, quando afirma que os paratextos, inclusive aí os prefácios, são textos tão importantes quanto a própria narrativa em si. Essa informação é realçada para que fique bem demarcada essa questão, justo que esses textos a que nos fundamentamos, muitas vezes, falam por si só. Na íntegra, Genette exprime que

quase todos os paratextos considerados serão de ordem textual ou, pelo menos, verbal: títulos, prefácios, entrevistas, assim como enunciados, de tamanhos bastante diversos, mas que compartilham o estatuto linguístico do texto. No mais das vezes, portanto, o paratexto é um texto: se ainda não é o texto, pelo menos já é texto (GENETTE, 2009, p.14).

Entendemos que foram nos livros escolares e nos prefácios dos primeiros livros infantis, além de algumas revistas, que encontramos as primeiras reflexões sobre a criança e o seu mundo. Em trabalho de pesquisa publicado pela editora Unesp, Fernando Rodrigues Oliveira (2015) faz uma ampla abordagem sobre as primeiras manifestações e estudos publicados no Brasil a respeito da literatura infantil. O texto traz contribuições e nos ajuda a nos situar dentro dessa teia de informações sobre a criança, a literatura infantil, a crítica sobre o que se produzia e o que se ensinava. Nele, constatamos quando todo esse processo produtivo e criativo iniciou no Brasil, traçando uma linha temporal das produções de então, promovendo e instigando novas pesquisas. Ali encontramos pérolas como as escritas pelas irmãs Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida<sup>37</sup> a respeito da contribuição do que elas

---

<sup>37</sup> As duas escritoras, além de irmãs, colaboraram com a construção de uma pedagogia pós-império, contribuindo com ideias e pesquisas. Autoras de vários livros, eram filhas de portugueses, mas viveram e morreram no Rio de Janeiro a maior parte de suas vidas, ainda antes do fim da primeira metade do século XX.

almejavam com a publicação do livro *Contos Infantis* quando escreveram, também como paratexto do mesmo - o que caracteriza assim como em Schneider, um prefácio autoral original – “seiva natural e vivificadora” em alusão ao teor das histórias que escolheram para compor os *Contos Infantis*.

Oliveira (2015), nos estudos que fez sobre a literatura infantil brasileira, afirmou que as primeiras manifestações sobre ela foram escritas principalmente nos prefácios dos livros infantis e nos livros escolares. Sobre isso ele registra:

Tendo em vista explicitar os propósitos com os quais determinados livros foram escritos, os contributos que representavam para a formação do leitor da época e o espaço que deviam ocupar no ensino primário e na formação das crianças, os autores e/ou editores desses livros produziram prefácios, apresentações e prólogos, que constituem os primeiros discursos brasileiros sobre literatura infantil. Ainda que esparsos e episódicos esses prefácios, apresentações e prólogos são fundamentais para compreender o processo de constituição de saberes relacionados à literatura infantil, de modo entender como se foram constituindo, no Brasil, as diferentes concepções desse gênero literário e de seu ensino na formação de professores. (OLIVEIRA, 2015, p. 30)

A referida citação traz informações de um estudo que encontrou na literatura infantil a sua fonte de pesquisa, e é claro que, não analisamos nesta dissertação a literatura infantil e suas aplicações, sua historicidade ou mesmo, a sua gênese, até porque esta seria sempre uma conjectura. Mas ela é aplicável para entendermos a importância dos prefácios e como, por meio deles, podemos entender a posição não só do autor, mas de supor, por meio de suas ideias, pertinências que se discutiam na época. Haja vista o primeiro prefácio, de acordo ainda com os estudos de Oliveira (2015), que foi escrito por ninguém mais, ninguém menos, que Machado de Assis. Assim ele traz:

O primeiro desses prefácios, que busca refletir sobre o livro literário destinado às crianças e que aqui merece destaque, foi escrito por Joaquim Maria Machado de Assis, em 1882, para a edição brasileira de *Contos Seletos das Mil e Uma Noites* [...] Nesse prefácio, Machado de Assis afirma que a escolha feita na adaptação dos contos das mil e uma noites foi bastante conveniente, pois privilegiou um repositório de coisas alegres e sãs, diferentemente da lógica da fabulação oriental encontradas na versão original. (OLIVEIRA, 2015, p. 31)

Sobre *Contos Infantis* (1886), as autoras Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, acrescentaram numa segunda edição, um prólogo explicando entre outros temas, que apesar de não alcançarem com o livro tudo o que desejavam em termos de formação do pequeno leitor, consideravam-no útil, pois fornecia ao “espírito móbil infantil umas “phrases bondosas em que a virtude derrama o seu perfume suave” (OLIVEIRA, 2015, p.32). Complementando essa informação, trazemos de Oliveira esse excerto que parece vir exatamente ao encontro do que enfatizamos: “E, citando trecho do prefácio de *Comedie enfantine*, de Luiz Ratisbonne, fazem uma crítica a algumas publicações da época, que segundo elas representavam uma ameaça ao espírito das crianças por lhes dar a ler textos com incorreções e maus exemplos” (OLIVEIRA, 2015, p.32). Por intermédio desta leitura, podemos concluir que tanto as autoras de *Contos Infantis*, Adelina Lopes Vieira e Julia Lopes de Almeida, quanto Machado de Assis e Adolfo Bernardo Schneider, tratavam na literatura infantil e em relação a criança, dos mesmos adjetivos: candura, doçura, singeleza, conceitos que parecem, não saíram de moda.

Trazendo outros tantos exemplos, Oliveira (2015) não só apresenta os primeiros livros infantis e seus impactos, como extrai deles reflexões apresentadas em seus prefácios. Interessante é a nota que Oliveira (2015) traz a respeito do livro *Através do Brasil* (1910), escrito por Olavo Bilac em parceria com Manuel Bonfim. De acordo com sua pesquisa, o livro traz em sua abertura as palavras “Advertência e Explicação”. Nesse prefácio, os autores, Bilac e Bonfim, esclarecem, de acordo com Oliveira (2015):

No início do século XX, a pedagogia recomendava que o livro de leitura escolar fosse um único livro ofertado aos alunos das primeiras classes do ensino primário. Apesar de compreenderem que *Através do Brasil* atendia a essa fórmula pedagógica, explicam que esse livro apenas contém uma simples narrativa sobre os cenários e os costumes da vida brasileira. De modo geral, para Bilac e Bonfim (1910) não era possível que um único livro de leitura contivesse tudo o que era preciso ensinar na escola primária, como gramática, aritmética, história, geografia, lições de coisas, ciências físicas e naturais, higiene e instrução cívica. Se assim o fosse, o livro de leitura assumiria feição de enciclopédia, o que os autores de *Através do Brasil* consideram um erro. Para Bilac e Bonfim, o livro de leitura deveria ser um auxiliar do professor, que é a “verdadeira enciclopédia” na sala de aula. (OLIVEIRA, 2015, pág. 36).

Concluindo a observação sobre o prefácio supracitado, é salutar entender que este nos aponta a manutenção do bem como o grande propósito dos livros de leitura para crianças. cremos que, ao abrir o prefácio com os dizeres “Advertência e Explicação”, direcionados aos

adultos – pais, e professores principalmente - os usam como estratégia de marketing, inclusive. Quem, no início do século XX, diante das primeiras publicações infantis, não se sentiria atraído por uma leitura que já começava com a palavra advertência?

Estabelecendo um paralelismo entre a utilização dos prefácios, no início do século XX (como material de discussão da criança, da educação e da literatura), com o prefácio escrito de próprio punho com que Schneider compôs seu primeiro livro infantil, reiteramos porque esse material é tão importante no entendimento desse livro.

No prefácio de *O Coelhozinho do Halo Azul*, Schneider não só levanta preocupações suas a respeito de moral, como dissecou o tema e colocou o dedo no que ele considerava ser uma ferida, a adultização da criança. Aponta ele:

No Brasil, e como me parece, também nos países europeus de formação latina, a criança é levada quase abruptamente e quase sem nenhuma transição para a adolescência. A menina de 5 anos de idade já é vestida como a mãe e, não faltassem os sapatinhos à Luís XV, seria uma perfeita dama...em miniatura. O menino, da mesma idade, às vezes já antes, usa calças compridas, gravata e chapéu. É o perfeito papai que lhe serviu de modelo. Só em edição menor. E desta forma, a costureira e o alfaiate, obedecendo ordens dos pais orgulhosos, fazem desaparecer atrás de roupagens de adolescentes ou de adultos uma coisa que jamais deveria faltar: a infância. Porque essas crianças, em seguida, são tratadas, sob muitos aspectos, como se fossem adultos. Quase sempre são tratadas por “senhor” e “senhora”. Já assisti a uma jovem mãe falar para sua filha: “A senhora deixa mudar essas fraldinhas porque estão molhadas?” Tais crianças são levadas a frequentar e até o fazem com bastante assiduidade os mesmos locais frequentados pelos adultos, entre eles o Cinema, onde se lhes mostram, cenas previstas apenas para adultos. Muito jovens demais para presenciarem tais cenas [...] aparentam, em consequência, maturidade muito antes do tempo normal. Mas é uma maturidade precoce, por conseguinte, temporã e anormal. Cria-se assim, em um espírito mal preparado, um mundo de ideias mal digeridas e com isto um COMPLEXO<sup>38</sup>. Complexos sempre resultam de situações criadas artificialmente. (SCHNEIDER, 1959, p. 4)

Percebemos como os prefácios dos livros infantis nos trazem uma época, pelo menos determinados olhares desses tempos em que parece que a intenção dos autores e da sociedade era o de produzir e promover uma literatura que fincasse no consciente coletivo, o argumento de que a literatura infantil tinha um poder: formar. Schneider era só mais um que comungava desse pensamento.

No prefácio de *O Coelhozinho do Halo Azul*, em apenas sete páginas, a palavra “moral” aparece cinco vezes, a palavra “moralidade” outras cinco, e a palavra “morais”, uma. São

<sup>38</sup> Letras maiúsculas como opção do autor.

registros muito fortes que apontam para uma tendência, o conservadorismo, por trazer todas essas palavras quase que como palavras-chave se tivéssemos que escolher as que melhor representariam a postura de Schneider ao construir o universo de *O Coelhinho do Halo Azul*.

Lido de forma rápida, perceberemos no prefácio do *Coelhinho* o posicionamento pragmático do autor diante da sociedade e do seu tempo. O autor chega a levantar a questão do clima como fator responsável pelo comportamento das crianças, enfatizando que “o clima possui uma influência decisiva. A criança norte-europeia, em virtude dessa influência climática, é mais tempo criança, parecendo-me que essa influência seja decisiva mesmo para toda a vida do indivíduo” (p.02). Apontando em todas as direções, ele vai pintando um quadro genérico sobre o seu clima histórico, a partir do que entendia como um mundo ideal. A palavra moral é uma das mais utilizadas nas sete páginas de seu discurso.

Segundo o ponto de vista de Schneider (1959, p. 2):

Outro fator que se projeta da maneira a mais inesperada sobre a formação espiritual de algumas crianças, é indubitavelmente a independência econômica dos pais. Enquanto o menino rico, mimado o dia todo pelo pai e não influenciado de nenhuma maneira por fatores de ordem econômica, talvez com a idade de 8 anos ainda vá brincar com o seu cavalo de pau, nessa mesma idade, o filho de pais pobres há diversos anos já se encontra na rua, vendendo jornais ou doces feitos pela sua própria mãe, talvez viúva. Enfrentando, compulsoriamente, as dificuldades da vida, tornando-se mais independente desde pequenino, mas apto a vencer no setor econômico, em detrimento porém da parte espiritual, principalmente MORAL<sup>39</sup>, que geralmente é sacrificada inteiramente... (SCHNEIDER, 1959, p. 2).

Percebe-se que a maneira com que Schneider descreve é como se tivesse contando também uma história, generalizando aqui o contraste entre o menino rico e o pobre, como se a condição financeira, o cavalo de pau, qualquer outro acessório ou brinquedo fossem o suficiente para trabalhar na criança essa moral que tanto o preocupava. Ao mesmo tempo vislumbrava-se a história da família Schneider, que chegou como imigrante, montou uma oficina mecânica, sobreviveu e adaptou-se às condições climáticas de uma Joinville úmida e abafada, estabelecendo-se com muito trabalho estabelecer-se até se tornar um sobrenome potente no meio industrial. Então constata-se que Schneider ao mesmo tempo via no trabalho uma escada para o fortalecimento não só social, mas também espiritual, possivelmente atrelando essa força à determinação. Não podemos esquecer que se Schneider foi uma criança

<sup>39</sup> A inscrição em letra maiúscula é cópia fiel ao texto de Schneider.

com pagem, seu pai não o foi, mas um trabalhador como os que ele conheceu aos 54 anos quando escreveu *O Coelhozinho do Halo Azul*.

Determinando o perfil daquilo que pensava e que caminhava com sua conduta, Schneider nos evoca por meio desse prefácio, o que caracterizava sua existência. Promovendo uma reflexão daquele tempo com este, por muitas vezes sentimos como atemporal alguns dos seus questionamentos: a criança, o futuro, a educação, a tradição e a modernidade. Interessante observar como num intervalo de sessenta anos, tiramos a criança do lugar de ser angelical e merecedora de uma forma, para alguém que está aqui no mundo como um ser social, que existe, tem suas peculiaridades e vive o seu tempo de infância pertinente a sua personalidade humana natural a sua faixa etária.

O que apresentamos são informações que venham a expor um dos papéis do prefácio, e também o que se pensava sobre a literatura infantil e a criança naquele período. Mas, o que chega a ser mais contundente, é como esse pensamento se perpetuou por tanto tempo, e mais ainda, como Schneider via na escola esse poder e como entendia a criança: esse cristal singelo, essa massinha de modelar.

E os adultos mais idosos, em parte estupefatos, assistem a esse desenrolar dos acontecimentos. Compreendem, que está havendo um processo de decomposição moral. Inesperada para uns, natural e lógica para outros, que lhe conhecem e estudam as causas. E perguntam: Será comodismo dos pais? Estarão, estes, pecando pelo desinteresse na educação dos filhos? Concederá a legislação vigente liberdades por demais generosas aos estudantes, nas escolas? Privando o professorado da autoridade necessária para a manutenção da ordem dentro do recinto das aulas? [...] Será de certas fitas de cinema? Será das duas guerras mundiais? Porque as guerras e as revoluções sempre andam de mãos dadas com um declínio ACENTUADO da Moral? Serão os finais dos tempos? O alheamento progressivo, o afastamento das populações do mundo, da religiosidade, imprescindível e absolutamente necessária para manter e para garantir um mínimo de franqueza nas relações humanas. (SCHNEIDER, 1959, p. 5)

Na sequência da escrita desse prefácio, a partir da sexta página, Schneider adentra num tema que peca pela sua ambiguidade: a literatura como arma. Porque assim como uma arma literária pode matar, digamos, a ignorância, ela também pode servir, como arma, para matar a capacidade de pensar. A partir daí, ele expõe o que considera os ingredientes determinantes para a manutenção do conceito de singeleza, mas que para ele, supostamente, era o essencial da infância. Pelo que entendemos, pelo que já foi descrito, a modernidade com a moda, a televisão, os artistas da música e do cinema e suas influências, e pais cada vez mais condescendentes, eram os grandes vilões ao destronar a criança de sua pureza. Em dois

momentos, nessa sexta página, ele argumenta a respeito do comportamento infantil e os ingredientes necessários para o combate à toda essa vilania.

É preciso, antes de tudo, não subtrair à criança o seu direito. É preciso fazê-la viver a sua infância. É preciso desterrar dos lares essa tendência doentia, de querer transformar, antes do tempo previsto pela própria natureza, crianças em adolescentes e estes novamente em adultos! Essa tendência, que SIGMUND FREUD<sup>40</sup> talvez denominasse “Megalomania paterna ou materna...” (Vaeterlicher oder muetterlicher Groessenwahn...) <sup>41</sup>(SCHNEIDER, 1959, p. 6).

Logo após a inscrição da citação anterior – em que culpa os pais pelo que era então o comportamento infantil daquela época - adentra no que considerava como arma, sinônimo que empresta à literatura infantil:

E as armas?

O bom livro de contos. Contos escritos especialmente para a alma receptível da criança, cujo caráter se encontra no período de formação. Devemos comprar bons livros de contos infantis, reservando, diariamente, uma hora certa, para lê-los aos nossos filhos, despertando neles o gosto pela boa leitura. A Imprensa falada, as Estações de Rádio e de Televisão, estão capacitadas a prestarem serviços inestimáveis no setor da educação da criança e da juventude. Existem, na língua portuguesa, milhares de bons contos infantis. Infantis no sentido bom e positivo da palavra! Contos e peças amoldadas ao espírito sensível da criança brasileira. Fixando, nos programas, horas certas, diárias ou semanais, as Estações de Rádio estarão colaborando de maneira decisiva no setor educacional. (SCHNEIDER, 1959, p. 6).

Usando como exemplo os nossos pais, se repetirmos o que eles diziam que os tempos eram outros, usando essa reflexão para relatar períodos menos turbulentos, vamos romantizar o passado como fosse apenas de movimentos ingênuos. Sabemos que não é assim. Hoje, por exemplo, o termo “arma” não é mais cabível, considerando a ligação que esta tem com a letalidade. Ao mesmo tempo e ironicamente, ao lermos mesmo que rapidamente, uma simples coluna de jornal da época, como no quadro no capítulo anterior, percebemos que as preocupações eram outras. Inclusive os crimes, ao lembrarmos da nota publicado do roubo de

---

<sup>40</sup> Letras maiúsculas como opção do autor.

<sup>41</sup> Inscrição de Schneider, sem tradução literal.

galinhas. Esta observação é necessária para avaliarmos não apenas a desconexão de Schneider com este tempo, mas a reprodução que este fazia por meio do seu discurso no ano de 1959.

Finalizando a penúltima página desse prefácio, Schneider ainda referencia a força no combate ao acelerado crescimento infantil, a utilização de peças infantis à moda europeia, para que pudessem servir como mais uma ferramenta em proteção ao conceito de criança que ele defendia. Por meio da literatura, seja a da narrativa em prosa ou da dramática, seja do que ele chamava de contos infantis ou do teatro, percebemos que Schneider creditava à literatura um papel fundamental. Independente de como essa apresentação repercutisse, de que forma via o seu público e o que pretendia dele, o fato é que ele entendia a literatura como algo poderoso. Ao adentrar na utilização do teatro infantil como forte recurso, afirma ter concebido *O Coelho do Halo Azul* com uma tarefa premeditada. Com esse argumento em punho, equiparando a literatura a uma arma (p.6) e usando a premeditação como referência, Schneider aprofunda seu discurso.

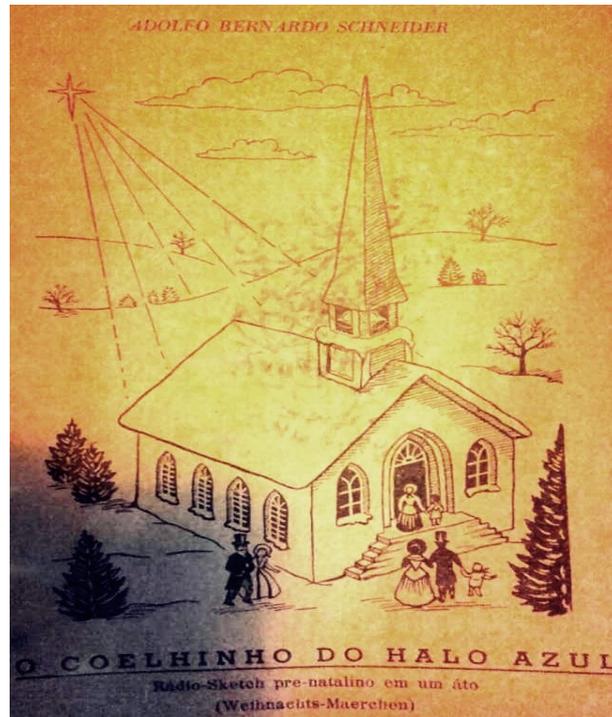
#### 4.3 O COELHINHO DO HALO AZUL

O Coelho do Halo Azul é uma peça dramatúrgica, escrita para ser apresentada de forma radiofônica, pois um dos objetivos do autor era massificar histórias infantis com mensagens que ele considerava edificantes, barrando, assim, o avanço do progresso, seu comportamento e suas tecnologias, que acreditava estar minando a infância e acelerando o processo de amadurecimento da criança.

Se entendermos o mundo pelos olhos de Adolfo Bernardo Schneider, sem esquecer dos eventos e circunstâncias aqui escritas e descritas sobre ele, contextualizando-o não só em sua época, mas dentro do núcleo social e familiar do qual advinha e participava, podemos afirmar que a infância é, sim, um estado em perigo. No entanto, diferentemente do poeta alemão, que via a arte como um espaço de resistência aos modelos estabelecidos, podemos afirmar que Schneider via nesta mesma arte, quase que o contrário do pensamento moderno de Rilke. Na leitura, principalmente do prefácio e da narrativa de *O Coelho do Halo Azul*, percebe-se que a arte era uma ferramenta tão poderosa quanto; uma ferramenta para a

manutenção do modelo estabelecido: paternalista, cristão ou pelo menos religioso, moralista e formador.

Figura 8 - Capa do Livro



Fonte: Acervo do pesquisador

Classificar a ficção infantil de Schneider, assim como classificar qualquer obra, é tarefa nunca conclusiva. Podemos dizer que pode haver poesia na prosa, a linguagem de um cronista no conto, uma alusão à infância no ensaio, um traço de literatura adulta no que se convencionou chamar de literatura infantil, como por exemplo, em *Tempo de Voo* (2009) de Bartolomeu Campos de Queirós, livro em que o discurso é tecido com metáforas, trazendo aspectos filosóficos sobre o mundo. Encontrar uma classificação, um conceito para denominar tudo parece intrínseco ao sistema social, uma maneira que a sociedade encontrou para botar a ordem no caos. Mas só aparentemente, justo que em determinados momentos, alguns interesses não se encaixam neste ou naquele conceito, não são apenas isso ou aquilo. Elas podem muito bem ser formadoras (se pensarmos no que buscava Schneider), ao mesmo tempo em que podem ser deformadoras para aqueles que veem uma maneira de manutenção de conceitos e preconceitos estabelecidos.

Sachet, em *A Literatura dos Catarinenses: espaços e caminhos de uma identidade* (2012), ao fazer um amplo estudo da história dessa literatura, abarca desde os primórdios, os primeiros textos até chegar a uma cronologia dos escritores de Santa Catarina, expondo detalhes a respeito das obras que mais marcaram a implantação da literatura produzida no solo catarinense, ou, escrita por pessoas nascidas aqui.

O autor levanta argumentos para trazer uma outra classificação em que determinadas obras pudessem se intercalar: de um lado a Literatura-Sociologia Interativa, e de outro, a Literatura-Psicologia Libertadora. Da primeira, os elementos que a classificam assim se resumem na identificação do leitor com o personagem, em que esse traz elementos do cotidiano humano que, naquela época, ainda era embrionário, justo que na literatura infantil de então (de 1950 a 1970, principalmente), a abordagem da maioria delas vinha da influência das tradicionais histórias do universo do faz-de-conta. Em relação à literatura definida por Sachet como libertadora, ele apresenta a obra de Lewis Carrol, *Alice no País das Maravilhas*. O que é incrível, é que estamos falando de uma literatura infantil libertadora em pleno século XIX, enquanto *O Coelhozinho do Halo Azul*, lançado quase cem anos depois, em 1959, chegava conservadora, como se o tempo não houvesse passado.

Além dessas terminologias, Sachet (2012) ainda traz informações a respeito de uma literatura infantil ligada a uma velha pedagogia impositiva. As características dessa literatura constituíam a ideia de crianças tratadas como elemento passivo dentro do texto. O adulto é o modelo a ser seguido, cujos valores ensinados seriam eficazes para o futuro da criança e do adolescente. Sachet (2012) finaliza essas considerações, dizendo que no século XIX, “a literatura infanto-juvenil impunha o predomínio da obediência sobre a consciência, do compromisso e da obrigatoriedade de participação sobre a liberdade para decidir”.

Podemos pensar que *O Coelhozinho do Halo Azul* apresenta elementos da Literatura-Pedagógica Impositiva e da Literatura-Sociologia Interativa. Observamos que a linguagem do narrador é impositiva, mas a atuação de Mariazinha, personagem principal dessa pequena história, seria predominantemente sociológica-interativa, já que dentro do plano social em que é descrita, ela interage em prol da sua comunidade, assumindo o protagonismo da história como aquela que virá a salvar a sua aldeia do frio e da fome. Mas, quem é Mariazinha, e como ela é narrada?

Mariazinha é uma menina órfã, que mora com a avó, em uma aldeia localizada na Europa que, por algum motivo, que cremos não ser desconhecimento do autor, é identificada como um país “Eles moravam na Europa, sabem vocês, que fica do outro lado do Oceano e que é um país onde faz muito frio no inverno” (SCHNEIDER, 1959, p.10). Parece

provocação, a inserção da Europa como um país, ou mesmo, um entendimento desmerecedor do autor, com seu leitor, subestimando seus conhecimentos geográficos.

Como o personagem Tom Sawyer, do livro *As Aventuras de Tom Sawyer* (Twain, 2010) que toma posse de decisões e resolve por si só as rotinas do seu cotidiano (fato que levou Sachet a classificar esse livro, como exemplo de Literatura-Sociologia Interativa), Mariazinha também tem essas características de tomar para si a responsabilidade. Resolve encontrar soluções para a aldeia, mergulhada em condições adversas provocadas pelo inverno rigoroso. Naquele momento, o frio era tanto, que nem os lenhadores conseguiam cortar a lenha que seria vendida para a fabricação de móveis na cidade<sup>42</sup>. Assim, resolve sair em busca de ajuda para seu povoado, buscando melhores condições de sobrevivência, preocupada com a fome e com o desânimo que passou a abater os moradores do vilarejo.

Narrada como uma menina destemida, cristã, branca, de olhos azuis, tipicamente europeia, o autor descreve a saga de Mariazinha, que sai de sua aldeia à procura de uma fada que possa aliviar o peso do inverno de sua terra. Fato dos mais interessantes é como o narrador é inserido na história. Schneider insere o escritor dinamarquês, Hans Christian Andersen, como personagem, fazendo o papel do contador que, com crianças a seu redor, apresenta ao leitor a vida dessa menina que tem no altruísmo o seu traço mais marcante. Schneider não dá maiores detalhes do porquê da escolha de Andersen como seu personagem, mas, ao avaliarmos a abertura do livro, em que este escreve que *O Coelho do Halo Azul* é “uma homenagem singela, embora tardia, à alma pura e cristalina de Hans Christian Andersen” (SCHNEIDER, 1959, p. 8), podemos supor que as histórias do patrono da literatura infantil mundial tenha feito parte de sua biografia literária.

Interessante ressaltar que a fada que ela procura, é uma releitura de Schneider à Estrela-Guia, que ilustra o nascimento de Jesus. Schneider, que era luterano, poetiza essa passagem bíblica em ritmo de conto de fadas, quando explica por meio do narrador Andersen, o nascimento de Cristo, da seguinte forma:

Pois sim. Estava chegando o Natal. Sabem vocês que Natal é a festa do nascimento do Menino Jesus, quando Ele veio ao mundo, tão pequenino outro neném qualquer e tinha Ele olhos azuis e sorria sempre! E acreditem vocês: com as suas mãozinhas Ele

<sup>42</sup> Supomos que o autor tenha feito essa alusão para fazer referência sobre a fabricação de móveis pelo uso das árvores cortadas na floresta, atividade do patrocinador do livro, Móveis Cimo, que iniciou suas operações em 1913 na cidade de Rio Negrinho, e que teve, em Joinville, uma das mais famosas lojas de móveis da região, finalizando suas operações em 1982.

prendia os raios do sol, tanto assim que onde Ele se encontrava, sempre havia claridade, de dia e de noite! (SCHNEIDER, 1959, p. 10)

Schneider escreveu uma ficção infantil com traços bem delineados entre o bem o mal, não se atrevendo a descrever a vovozinha de sua história, com particularidades que não fossem delicadas e serenas, ou a menina sendo, por exemplo, mal educada em determinado momento, como de fato não só toda criança pode ser ou é, mas como todo ser humano é, também, em sua formação. Mariazinha, a personagem principal da narrativa, em nenhum momento passa uma ideia de revolta, ou aquela que poderia dizer não, ou desobedecer, ou se atrever a ser mais curiosa que simplesmente uma seguidora de regras. Mas, o narrador Andersen (p.11) faz questão de mostrar às crianças que velhinhas são desse jeito, crianças desse outro, órfãos são coitadinhos! Num diálogo entre o narrador e algumas crianças que ouvem a história do coelhinho, de Mariazinha e da sua aldeia, ele interage, intervindo “[...] a menina não tinha mais pai, nem mãe! Como deve ser triste, para uma menina, não ter mais pai nem mãe, não acham vocês também!, quando então a maior das meninas responde: Coitada da Mariazinha! E todas as meninas em coro: É sim, coitada!” (SCHNEIDER, 1959, p. 9) Nota-se um cuidado do autor em querer marcar bem o perfil de cada personagem à sua visão do que é um mundo de contrastes.

Andersen, no enredo na história de Schneider, conduz a narrativa para uma espécie de cartilha (pelo fato de ser tão cheia de ensinamentos, visivelmente com pretensão em ser formadora), onde o mesmo argumenta, com alguns personagens, o temperamento de Mariazinha, sobre o que é certo ou errado, sempre envolvendo perguntas dirigidas. Essas perguntas feitas pelo narrador são direcionadas a um grupo de crianças que, sentadas embaixo de uma figueira, ouvem o mesmo contar a história de um certo coelhinho que teria um halo azul.

Não falta à narrativa elementos didascálicos<sup>43</sup>, que reconhecemos de imediato o texto dramático. Como a entrada da narrativa, o autor descreve a cena inicial:

Um palco. À direita, se vê o tronco grosso de uma figueira, cujos galhos cheios de folhagem verde, se estendem sobre o palco. Em nível mais elevado e invisível ao

<sup>43</sup> Elementos cujo objeto é a exposição ou discussão de uma doutrina, ou, relativo ao didático. E foi esses elementos, ou a maneira com que o objeto de pesquisa foi criado, que o entendemos. O processo de escrita de *O Coelhinho do Halo Azul* traz elementos que não dá margem à argumentação aos personagens infantis, por exemplo. Todas as crianças descritas são passivas, e representam uma puerilidade que nos dias de hoje, já não é mais cabível.

público, uma luz forte – um farol alimentado por bateria – imita o sol, projetando um filigrana de sombras sobre o palco. Personagens: um moço, representando Andersen e algumas seis ou oito ou mesmo dez crianças, entre rapazes e meninas, na idade de 4 até 8 anos. Trajes característicos da época. Andersen entra no palco, seguido, como sempre, pela criançada, ávida por escutar suas histórias. (SCHNEIDER, 1959, p. 1).

Na narrativa *O Coelhozinho do Halo Azul* reconhece-se a linguagem e a pertinência de uma época. No entanto, devemos reconhecer nas palavras do autor, que essa narrativa foi uma tentativa, como ele mesmo argumentou, da manutenção de um mundo que ele acreditava perigoso com crianças que não se mantivessem inocentes ao ponto de serem contestadoras. Via a literatura como um amortecedor, pensamento brando perante ao poder que concedemos à literatura hoje. Acreditava que se uma criança visse na representação de outra criança, por meio das personagens o empenho para a obediência e respeito ao adulto tanto quanto para o trabalho, a civilização poderia ter esperança por um mundo mais fácil, assim como apresenta o livro no prefácio:

Sentir-me-ei satisfeito, por haver contribuído, com uma pedrinha, por pequena que seja, para a construção do muro de defesa contra essa avalanche de fatores negativos, de cujo peso, forçosamente, o Brasil terá que se livrar para subsistir como Nação! Porque nenhum povo, neste mundo, subiu no conceito das Nações, a não ser apoiado em fatores positivos: no TRABALHO, na ORDEM, na HONESTIDADE, NA INTELIGÊNCIA e na MORALIDADE<sup>44</sup>. (SCHNEIDER, 1959, p. 7)

O fato é que *O Coelhozinho do Halo Azul*, ao contrário do que a maioria dos teóricos nos apresentaram durante a pesquisa, foi escrito com uma intenção ao menos: “transmitir uma mensagem”, e isso está bem claro. Independente disso, devemos atentar para o fato de que é um texto literário o qual deve ter atingido um público que encontrava nele a mesma expectativa, como provavelmente existiram os que eram contrários a sua linguagem formadora. Entendemos isso como algo corriqueiro se pensarmos que as fábulas e grande parte dos contos de fadas, também traz de forma bem explícita até as mesmas conotações. É claro que o objetivo não é fazer analogias, nem usar uma narrativa para fazer parâmetro com outra.

Não sabemos se Schneider estudou literatura com o mesmo afinco com que se dedicou à preservação da história. Também não conseguimos chegar aos livros infantis que leu, apesar

---

<sup>44</sup> Realce do autor a escolha da escrita em letras maiúsculas.

de sua biblioteca conter um grande livro, com gravuras adesivas ilustrando um livro de contos de fadas escrito em alemão.

Figura 9 - Capa de livro infantil, escrito em 1920, pertencente ao escritor



Fonte: Acervo do escritor

Quando aponta as peças infantis à moda europeia e apresenta suas preocupações com a criança no prefácio, entendemos que estava atento ao que acontecia no mundo, e que as diferenças que começavam a ser ressaltadas com mais pessoas tendo voz, eram assustadoras para ele. *O Coelho do Halo Azul* foi escrito numa tentativa de frear esse avanço, mesmo que provavelmente, Schneider sabia ser impossível. Mesmo assim escreveu esta narrativa com sua linguagem simplista, mas sabedor do poder da palavra, mesmo as mais simples. Entendemos que sabedor também do seu lugar na sociedade, que por ser homem das elites, teria mais chance de ser ouvido. Ou neste caso, lido.

Neste contexto, podemos afirmar que Schneider sabia do peso de cada uma de suas afirmações no prefácio do seu livro infantil, tanto quanto da maneira que encontrou para narrar essa história infantil. Afrontado quando colocado em parâmetro com as narrativas de agora, percebemos também que, mesmo às avessas e pautado no conservadorismo, ele queria manter o que considerava como bom. Como devia considerar um direito de seus pares, das famílias de descendentes alemães que formavam a casta da sociedade joinvilense, uma literatura que, velada, ditasse algumas regras comportamentais.

Antônio Cândido adverte, em *O Direito à Literatura* (2004) que:

A eficácia humana é função da eficácia estética, e portanto o que na literatura age como força humanizadora é a própria literatura, ou seja, a capacidade de criar formas pertinentes. Isso não quer dizer que só serve a obra perfeita. A obra de menor qualidade também atua, e em geral um movimento literário é constituído por textos de qualidade alta e textos de qualidade modesta, formando no conjunto uma massa de significados que influi em nosso conhecimento e nos nossos sentimentos. (CÂNDIDO, 2004, p. 182).

A partir deste apontamento de Cândido, quando ele nos remete sua assertiva sobre a constituição de um movimento literário, poderíamos respaldar que a trajetória que Schneider buscou por meio de *O Coelho do Halo Azul*, foi o da resistência ao novo. O movimento literário de sua época, fruto do Modernismo, era justamente o contrário. Schneider fazia, de certa forma, um ataque a esse movimento. Organizou em textos como os dos contos de fadas, dada a similaridade do espaço (uma aldeia no meio da floresta), das personagens (uma fada, um coelho, uma avó e uma menina destemida), do roteiro (a determinação de uma menina em encontrar uma saída mágica para os problemas do seu povoado), além da referência direta ao escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Cremos que buscava, com sua narrativa, construir um muro.

Schneider procurava, no âmbito literário, uma via de formação numa identidade infantil, tendo como modelares as pequenas heroínas das histórias da sua infância: crianças que sobrevivem à miséria, que vencem os lobos, que suportam o frio. Não podemos esquecer que, livre ou oprimida por normas socioeducacionais, a criança, no contato com a literatura descobrirá outros mundos. Por mais que Schneider ou qualquer autor que apontemos, queira entregar apenas sua “voz” embutida no texto escrito com a produção e publicação de uma história, a partir da leitura desta essa história já não mais os pertencerá. A partir daí, ao ser lida pela criança, deixará de ser uma literatura infantil produzida por um adulto para ser uma literatura recriada no imaginário desta criança que lê. A partir dessa leitura, a criança poderá gostar, gostar muito ou mesmo deixar de lado o texto lido. É a partir disso que ela tomará o rumo dentro de cada ser, virará referência ou memória, apontamento para outras histórias, alicerce para fundamentar sua própria identificação.

É sobre crianças que falamos! É sobre o tipo de criança que se quer, que Manuel Jacinto Sarmiento (2004) discute, enquanto apresenta o que ele chama de segunda modernidade. É salutar e necessário ressaltar que, apesar dessa segunda modernidade ser tema

tão presente neste início de século XXI, era da modernidade também que Schneider, no século XX e na década de 1950, tinha tanto medo. E, no embate com o progresso chega a criança: a que moveria a roda para que essa modernidade, sempre tão presente, girasse.

Entre a criança pensada para a sociedade de meados do século XX, e a criança como ela é vista nos dias de hoje, percebemos as mudanças tanto do papel que a criança assume na contemporaneidade, quanto do lugar em que o adulto a vê. . Quando entramos em contato com um pesquisador como Manuel Jacinto Sarmiento, principalmente quando ele fala sobre a identidade da criança, em citação no final deste parágrafo, nos situamos melhor nesta observação. Schneider, em sua época, entendia que os novos costumes chegados com a nova sociedade de consumo nascida com a industrialização, e conseqüentemente, a mudança de comportamento e de padrões sociais, eram fatores que poderiam dissolver a identidade da criança, que pelo que entendemos, devia ser servil, pueril e tautológica na maneira como todas deveriam se comportar. Nos tempos de agora, entendemos que toda criança é única, diferente, tem sua própria personalidade, e adjetivos como servil e pueril já não cabem ser empregados a ela.

Assim diz Sarmiento (2004, p. 11):

Entre a criança desejada, que se quer livre, amada, espontânea ou enviada para as instituições de custódia, perturbadora do cotidiano dos adultos, comprada e seduzida, mas, ao mesmo tempo, temida na turbulência que leva à escola ou à família; entre a criança romântica e a criança da crise social; entre a criança protegida e a criança violentada; entre a criança vítima e a criança vitimadora; entre as crianças de Birmingham e as crianças de Liverpool; entre uns e os outros, afinal, há um universo inteiro de diferenças, sem que, todavia, não se dissipe nessa diferença uma marca distintiva essencial: é sempre de crianças que estamos a falar e é irredutível ao mundo dos adultos a sua identidade. (SARMENTO, 2004, p. 11)

Adentrando nessa percepção de que crianças são mais sinceras, não têm vergonha de suas capacidades imaginárias, são, inclusive, politicamente incorretas quando admitem, por exemplo, a uma tia que ela está gorda ou mal vestida, não podemos esquecer que ela também reproduz suas relações com o meio cultural em que vive: assim está na fala, na linguagem, na imitação do herói, na imitação do pai ou da mãe, às vezes no envolvimento com a religião, com o time de futebol. Ela exprime seu universo, aquele do qual participa. No adulto é ressaltado o polimento, a diplomacia, a leviandade, a mentira, a sedução, a premeditação dos gestos. Nas crianças, as facetas expostas serão a naturalidade mediante algumas respostas e

perguntas, ações decorrentes de suas verdades, da vontade de parecer melhor ou pior, mas serão apenas, elas mesmas.

Veremos entre elas fabulação, brincadeiras, a mesa virando uma trincheira, a toalha de mesa uma capa que as leva às alturas, a panelinha de plástico, o começo de um saboroso jantar à imitação da mãe, se esta faz janta, ou quem sabe uma panela vazia, ao retratar um cotidiano onde a fome é presente. Por essa ótica entendemos que, apesar das diferentes formas de se manifestarem dentro de seus grupos sociais, a criança consegue impor perante toda a força da tradição dessas culturas, seu traço universal: ser livre.

Schneider foi educado numa tradição europeia e graduou-se na Alemanha. Esses são aspectos da sua biografia, de uma infância em Joinville, marcada por duas tradições: germânica e brasileira. Neste sistema em que estava inserido, acabou por se envolver com toda essa política, práticas educativas, cultura e tradições que também foram elementos que o tocaram, fazendo dele não apenas um homem com pensamento europeu, embora deva ter sido em suas raízes, mas também envolto com nosso jeito de viver, alimentado pelo clima, pela música, pela nossa culinária.

Diante dessas informações surgem algumas perguntas: até que ponto sua universalidade infantil, de acordo com a teoria de Sarmiento, manteve-se presente no Schneider adulto? Até que ponto poderíamos dizer que por meio da literatura infantil, visava formar seus leitores? Ou que tenha restado neste homem, algo da criança que aprendeu que as histórias infantis que ouviu eram edificantes ao ponto de promover o sentido do que é ser criança? Há indícios de que uma coisa ou outra, quem sabe as duas, presentes no mesmo indivíduo. Assim, podemos perceber como os seus vínculos sociais: o morar na Europa, a família europeia, a cultura brasileira, a Joinville germânica construída no meio de um mangue tropical, as culturas desses locais, construíram o Schneider adulto.

Schneider devia sentir que a criança era um devir, um ser humano que, ao ser formado, viria a ser o que se esperava dele. Isso é um fato. Naquela época, intentemos que a concepção de criança, de uma forma geral, seria mais ou menos um “Vir-A-Ser”, diferente dos dias de hoje quando se percebe a criança como um ser humano que “Já-É”. Dentro daquela ótica, o autor joinvilense via na literatura essa ferramenta que poderia moldá-las. Convicto de que o meio também compõe o homem, Schneider escreveu *O Coelhozinho do Halo Azul* para mostrar às crianças que só respondem perguntas, que as interferências feitas pelos pequenos não é contestatória, mas para dar continuidade ao pensamento do adulto.

Outro fato relevante é que, quando o narrador-personagem-Andersen faz às crianças qualquer pergunta, qualquer que seja ela, é em coro que na maioria das vezes respondem, o

que dá a ideia de unidade na resposta, de homogeneidade, de unanimidade. Vejamos esses dois momentos, com as respostas em uníssimo, encontradas na narrativa. A sequência dá conta do momento em que Mariazinha, depois de ouvir a história de que, quando o Menino Jesus nasceu, uma fada apareceu e conduziu alguns pastores para ir adorar o rebento. Ao ouvir esse texto, ela animou-se a procurar a mesma fada, que poderia também indicar uma solução mágica para sua aldeia, devolvendo dias melhores para que os moradores pudessem voltar a trabalhar, mergulhados que estavam num inverno muito rigoroso.

[...] E assim mesmo, como a Mariazinha se encontrava vestida no momento, ela foi caminhando pela floresta adentro. Já era tarde e a última claridade do dia penetrava com dificuldade por entre os altos troncos das árvores e assim não demorou, que toda a floresta se tornasse escura como a noite. Mariazinha, que até então estava caminhando por um atalho, que julgava iria conduzir até onde devia morar a Boa Fada, sentiu então, que estava perdida. Pensem vocês uma vez, como deve ser triste para uma menininha, pequena ainda, na idade de vocês, perdida no meio de árvores altas e espessas e no escuro, longe do papai e da mamãe e, como no caso da nossa Mariazinha, longe de sua querida vovó. UM CORO DE VOZES INFANTIS: - Coitadinha! (SCHNEIDER, 1959, p. 11)

Crete de que poderia ser aquela pedrinha a contribuir contra as investidas do progresso, Schneider era um em meio a tantos escritores que acreditavam numa literatura formadora, e via a criança, como essa massinha de modelar, que nas mãos do escultor adulto, se transformaria num adulto moldado em cidadão do bem.

Genericamente, percebemos na sociedade grande parte das pessoas quando pensam em uma sociedade melhor e eficiente, apontando o conhecimento como salvador, a sabedoria como porta. Com o desenvolvimento tecnológico, a busca pelo refinamento dos processos de combate ao envelhecimento, por exemplo, antropologicamente, não estão buscando esse super-homem? É claro que não o super-homem perfeito, porque não podemos realizar a utopia, mas um ser humano sempre em processo de crescimento, de reavaliações, um ser humano que venha a entender as diferenças, e que veja no outro uma extensão de si mesmo. Não buscava Schneider em parte, isso, além de apontar a obediência como um fator primordial na adequação da criança frente ao adulto, mas também atento às mazelas sociais da sua comunidade, quando narrava às crianças, a história de uma menininha que saía pela floresta, à procura de uma fada que ajudasse o dia a dia do seu povo?

Hoje, muitos passos à frente na pesquisa sobre crianças e na adequação delas dentro da sociedade, entendemos e enxergamos um ser humano muito mais dinâmico dentro dos

meios sociais. Isso até nos facilita supor que, devido às tradições do seu meio, Schneider propagou sua tarefa como pensador e homem histórico, ao apresentar e defender uma criança servidora a um adulto, ou um adulto em transformação. Atualmente não esperamos da criança nada que não seja o fato de ela ser criança. Mesmo assim ao olhá-las hoje, dessa forma, não estamos também buscando um homem melhor percebido e melhor envolvido com seu meio, com sentimento de pertencimento e, por isso, preocupados com ele, querendo ser, quem sabe, esse super-homem? Num processo contínuo de evolução e elucubrações, constatamos a criança não mais como Schneider. Sendo assim, *O Coelho do Halo Azul*, é, senão no todo, mas em grande parte, anacrônico para esse tempo.

*O Coelho do Halo Azul* apresenta uma família com funções tradicionais, dentro de todo um contexto familiar. Uma aldeia, uma avó que cozinha e faz doces, uma neta educada e preocupada, uma religiosidade definida, os homens retratados como provedores, sendo eles os lenhadores que estão sem trabalho devido ao rigoroso inverno. Apesar de os papéis sociais de cada um desses personagens, ainda permanecerem muito fortes em grande parte das famílias, como elas ainda se configuram a partir dessas representações, podemos observar como a tradição é mostrada no enredo desta narrativa.

Se intencional ou não, não há margem para entender a personagem Mariazinha, senão como uma menina corajosa, uma super-heroína infantil, que sai pelo meio da floresta, possivelmente enfrentando o gelo em meio a neve, para encontrar uma fada, inserida ali simbolicamente expressando a religiosidade de Schneider.

O que percebemos é uma marca forte da colonização alemã, apesar do nome dos personagens, caracterizando a função dos homens na história, todos lenhadores, possivelmente descritos dessa maneira, para representar as atividades laborais dos primeiros imigrantes alemães que vieram para Joinville: camponeses, prontos para desbravar o mangue<sup>45</sup> e transformá-lo numa cidade. Historiador que era, Schneider sabia, até mesmo porque um de seus temas preferidos de estudo era a presença dos indígenas durante a colonização, que uma sociedade é feita de variadas culturas. Ao optar por uma história infantil delineada por um enredo a moda europeia, afirmando no prefácio deste livro que entendia que precisávamos de mais histórias e peças infantis nesse estilo, entendemos que ele via nessas tradições culturais a base para o que ele considerava ser salutar na formação da criança.

---

<sup>45</sup> A parte leste da cidade de Joinville, até onde hoje é o centro da cidade, é banhada pela Baía da Babitonga, onde o Rio Cachoeira, rio mais conhecido de Joinville, que corta seu centro, é um de seus afluentes. Toda essa região é ou foi formada por manguezais. Sobre esse ecossistema, é que se deu a construção da cidade. Foi preciso o trabalho de muitos braços, naquela época, para desbravá-la. Daí a alusão à inferência aos lenhadores.

Azevedo (2017) comenta a respeito da heterogeneidade das gentes, isso décadas depois da produção de *O Coelhoinho do Halo Azul*. Schneider também devia perceber toda essa diversidade de povos e culturas, até porque tinha na empresa do pai, trabalhadores das mais diversas etnias. Além disso foi um homem viajado e, como historiador, estudou como se deu a integração entre imigrantes e os povos que já habitavam a região no período da colonização. No entanto, não é com essa postura que escreveu sua história. Mesmo tendo sido um homem com uma base de conhecimento diversificada, podemos afirmar que ele teve preferência por um determinado tipo de cultura, a alemã. Mesmo vivendo no Brasil, e mediante o contato com a nossa diversidade que se fazia presente, inclusive numa Joinville culturalmente germânica, fica visível na sua narrativa e no prefácio que a antecede, que se pudesse manteria as crianças da sua cidade, todas com a mesma influência germânico-luterana. É interessante frisar esse parágrafo, tendo começado com o comentário de Azevedo, para refletirmos como os pensamentos sobre a diferença hoje estão melhor delineados.

Sabemos, também, que muitas vezes os livros infantis podem ser mediados não em seu total poder de fruição e subjetividade, mas alçados ao paradidatismo, utilizando-se de seus pormenores, de suas minúcias para ensinar algo. Assim como *O Coelhoinho do Halo Azul*, não podemos negar nem esconder que, direta ou indiretamente, quem sabe até de maneira subliminar, grandes histórias de reconhecido valor universal apresentam essas características. Ricardo Azevedo, no artigo *Livros para crianças e literatura infantil: convergência e dissonâncias* (2017) estabelecendo estudo sobre o didatismo da literatura, explicita o que a literatura permeia, tratando de forma subjetiva a paixão, a morte, a amizade, os afetos, as perdas e que o didático faz o mesmo, porém pelo viés da objetividade.

A literatura costuma tratar de assuntos, subjetivos por princípio, sobre os quais não tem cabimento dar aula: a paixão, a morte, a busca do auto-conhecimento, a amizade, a alegria, os afetos, as perdas, o desconhecido, o ardid, os sonhos, o desconhecido, o imensurável...[...] Na verdade ela pode falar de qualquer tema, todos abordados pelos paradidáticos por exemplo, desde que o mesmo seja visto pelo ângulo da ficção, da subjetividade e da poesia. (AZEVEDO, 1998, p. 5).

O fato é que encontramos dentro de variadas histórias, principalmente nos contos de fadas como hoje são apresentados, lições de moral, finais felizes, exemplos de caráter, do que é bom ou do que seja íntegro. No mesmo estudo, Azevedo (1998) explana sobre esse didatismo implícito em muitas obras infantis:

Seria, naturalmente, ser conclusivo diante de um assunto tão amplo. A obra de Monteiro Lobato apresenta características que invadem o didatismo e, ao mesmo tempo, a literatura. Em *Pinóquio* encontramos a mesma situação: a mais desatualizada lição de moral de braço dado com a mais maravilhosa e emocionante ficção. (AZEVEDO, 1998, p. 5).

Atentos a tudo isso, de que somos múltiplos e não mais caracterizados apenas como sendo isso ou aquilo, e de que a família já não mais é uma reunião de domingo, com a mesa com pai na cabeceira e os outros sob o seu cabresto, perceberemos como os costumes tradicionais são elevados à categoria de corretos para grande parcela das pessoas, no ano de 1959. Se, ainda hoje, as discussões em torno da manutenção de uma família tradicional estão sempre vindo à tona, em defesa da manutenção de seus valores tradicionais, imaginemos então há 60 anos. Naquele período, Schneider era um jovem senhor, mas temos que atentar também que, naquela época, chegar aos 50 anos era sinônimo de velhice e resguardo. Assim sendo, era um adulto escrevendo para as crianças e, aparentemente, toda pessoa mais velha era sinônimo de sabedoria e exemplo a ser seguido, o que nem sempre é verdade.

Sobre a literatura que se pensava para a infância, no tempo histórico do livro escrito por Schneider, ela aponta que

A tendência principal caracterizou-se pela projeção de uma imagem ideal da criança, pautada pelas expectativas do adulto, que a reduziu à condição pueril e à indigência afetiva e intelectual. Disso resulta o reforço da dependência aos mais velhos, casualmente aqueles que geraram a imagem motivadora da identificação. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 116).

No tocante à linguagem é sabido por historiadores, educadores, amantes da literatura infantil, que escritores como Graciliano Ramos e Monteiro Lobato foram precursores na modernização da linguagem literária. Monteiro Lobato, pré-modernista, revolucionou a maneira de apresentar seu discurso, utilizando de referenciais brasileiros, mas principalmente por realocar o papel das crianças dentro do contexto familiar. A opção por uma ruptura com a linguagem culta, o uso da linguagem coloquial, no caso de Lobato, e de neologismos, no caso de Ramos, foi essencial para a fixação do nome desses dois autores, entre outros, é claro, no inconsciente coletivo, trazendo o nome e a obra dos dois autores à consagração nacional. Ainda assim é importante ressaltar que, apesar dos avanços no uso da linguagem e da

consagração de uma literatura infantil brasileira, é sempre salutar sublinhar que entre tantos avanços, a obra Lobatiana é cheia de preconceitos dos mais diversos.

Mesmo sendo já um referencial na literatura infantil brasileira, nos idos dos anos de 1950, Lobato não seduziu Schneider ao ponto de fazê-lo escrever à moda daquele. Ao lermos *O Coelhozinho do Halo Azul*, não encontramos mais do que as boas intenções do autor em trazer ao seu mundo, ao seu cotidiano uma história tradicional. Não cremos que Schneider, em algum momento, tenha imaginado escrever uma Mariazinha aos moldes da boneca Emília, contestadora e crítica, já que pelo seu posicionamento essa atitude era pertinente aos adultos, e não à criança. Crianças devem ser obedientes, pensava Schneider. Essa postura do autor pode ser encontrada tanto no prefácio de seu livro, quanto na maneira como as crianças, personagens dessa história em análise, intervêm para trazer informações já pautadas, anteriormente. Vejamos:

E sabem vocês o que a Mariazinha resolveu fazer de repente? Pois ela resolveu ir à procura da Boa Fada, que devia morar na grande floresta. Pois era preciso, que alguém fosse depressa lá, pedir à Boa Fada, para que ajudasse, pois hoje era Natal, era preciso, que todos voltassem a serem felizes. Com Toda a certeza a Boa Fada morava muito longe e não podia saber, o que estava se passando na aldeia! UMA MENINA MAIORZINHA: - Pois a aldeia estava no meio de uma grande floresta, titio! (SCHNEIDER, 1959, p. 11)

Essa opção por uma linguagem formal, padrão, pautada em um discurso no qual se percebe claramente que os pronomes de tratamento mostram exatamente a posição do adulto e da criança, tem a ver com o que Schneider queria ao transmitir pelas rádios *O Coelhozinho do Halo Azul*, com o intuito de “massificar” (mesmo que saibamos que isso seria impossível), a maneira de transmissão que repercutiria bem mais do que contar a história numa sessão de autógrafos, por exemplo. Supomos que Schneider não quisesse mostrar à Joinville tão provinciana daquele tempo, os descabimentos de uma boneca que, no mínimo, se metia em conversas de adulto. Ou pelo menos entendemos que ele, ao escrever como escreveu de maneira tão conservadora, fez uma opção em manter uma tradição: um adulto que aponta e uma criança que obedece. Um povo que fala corretamente e uma criança que entende que seu lugar social é pautado na obediência.

Schneider tinha contato com as mais diversas linguagens, optando por aquela que expressasse a puerilidade infantil. Muitos pesquisadores da área da literatura infantil e juvenil têm se debruçado sobre esse discurso, trazendo importantes apontamentos sobre o uso dessa

ou daquela forma de falar, estudando estrangeirismos, idioletos, a linguagem coloquial. Sobre as escolhas na linguagem tratada pelo autor em seu livro, as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1999, p. 121) refletem que:

A opção por um padrão culto, no que se refere ao emprego da língua portuguesa na narração e nos diálogos, e a atitude discriminatória perante a fala regional dos grupos mais humildes, endossam a postura normativa e autoritária, adotada pela literatura infantil igualmente no plano temático. A recusa à experimentação e o recuo perante a oralidade, conquista de escritores como Graciliano Ramos e Lobato nas décadas anteriores, comprometem a literatura com uma perspectiva conservadora que, se está afinada à tônica literária em evidência, representa um retrocesso em relação ao patamar atingido antes pelo gênero. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 121).

Entendemos que as modificações sociais provocadas pelo progresso, pela emancipação, pela moda podiam ser prejudiciais às próprias famílias. Schneider apostou no cânone<sup>46</sup>, o qual viria para fundamentar seu discurso. Debruçado sobre conceitos tradicionais que ficam claramente expressos na escolha de Andersen como personagem de seu livro e de personagens bíblicos inspirados aos personagens fantásticos da história que compôs. Vejamos essa passagem, seguindo a narrativa em que Mariazinha, no meio da floresta, busca uma saída para os problemas de sua aldeia:

E como ela nenhum caminho mais enxergasse na noite escura e como se sentia só, ela caiu de joelhos e começou a chorar, rogando à Boa Fada, para que viesse depressa socorrê-la. Enquanto assim rezava para o Menino Jesus e rogava à Boa Fada, para que viesse ajudar, viu de repente perto de si, no chão, uma claridade tão bonita, como nunca antes tinha visto. Era um coelhinho branco, bem mansinho, e todo envolto em uma claridade azul. (SCHNEIDER, 1959, p. 11)

Retirando da Bíblia inspiração para a saga de sua heroína, Schneider confere a sua literatura valores cristãos, advindos de sua criação religiosa luterana, reforçados durante sua permanência em Florianópolis, quando estudou no Colégio Coração de Jesus, conforme afirma sua biografia. No período de vida do autor, estatisticamente no Brasil, quase que a totalidade de sua população mantinha crenças religiosas na tradição cristã, considerando que ainda em 2010, 86% da população totalizava o percentual de seguidores, por algum viés, das crenças cristãs, conforme censo do IBGE<sup>47</sup>. Schneider tinha como garantir, no mínimo, a

<sup>46</sup> No Dicionário Castelhana, cânone vem de vara, modelo, correção.

<sup>47</sup> Dados coletados da Revista Veja em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>. Acesso em 25/05/2018.

simpatia de seus conterrâneos tradicionalmente luteranos numa Joinville alemã, a fim de manter acesa a chama da tradição.

Nessa ótica sua literatura seguia por dois caminhos, sendo uma forma de manter a tradição, ao mesmo tempo em que provocava a imaginação. Afinal, ao ler *O Coelhozinho do Halo Azul* nos deparamos com um texto que brinca no universo do fantástico. Não um fantástico que permitisse o novo, que motivasse a criação de novas ideias, mas um fantástico que mantinha a ordem das coisas: a fada boa representando o direcionamento divino, a menina abnegada cheia de fé e devoção, o coelhozinho como simbologia de renovação.

Schneider escreveu uma história infantil que indicasse às crianças e à sociedade que elas viriam formar, que aquela tradição é que era a correta. Podemos ressaltar que *O Coelhozinho do Halo Azul* é uma história inventada, pautada também no maior dos cânones, a Bíblia, tendo como narrador um personagem/narrador que também é hoje um cânone como escritor infantil.

A análise do livro indicia um tom moralizante, pois a heroína Mariazinha foi construída como um protótipo de criança a ser seguida: educada, obediente, destemida, e crente. Em *Por uma literatura sem adjetivos* (2012), Andruetto discute sobre a concepção de cânone. Para a autora:

A ideia do cânone como norma, preceito ou protótipo não me agrada. Prefiro muito mais que a literatura seja um redemoinho, sempre se desacomodando...porque é sempre dialética a relação entre o canonizado e o não canonizado numa cultura, e esse movimento permanente faz que os que estão fora tendam a ocupar o centro e o batalhem por inserir seus modelos, deslocando outros que estão dentro, porque não existe centro sem periferia, e o literário em cada caso, tempo e lugar, precisa do não literário para se definir. (ANDRUETTO, 2012, p. 5)

Não há na história, na vida social, nada de fixo, de enrijecido, de definitivo. E não existirá nunca. Verdades novas aumentam o patrimônio da sabedoria; necessidades novas, superiores, são suscitadas pelas novas condições de vida; novas curiosidades intelectuais e morais pressionam o espírito e o obrigam a renovar-se, se tornar melhor. Lendo *O Coelhozinho do Halo Azul*, conseguimos entender um pouco de sua época, pelo menos naquela cidade, ou num microcosmo de compreensão, chegando até a casa rosada em que morava o senhor Adolfo Bernardo Schneider, onde foi escrita essa história. Podemos entender que tipo de literatura seduzia o velho escritor joinvilense, e qual o discurso que ele escolheu para combater esses novos posicionamentos sociais. Para Coelho (2000), por meio da literatura, podemos compreender uma época e seus valores, assim descrito:

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu a literatura a seu modo. Conhecer esse modo é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer os ideais e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta). (COELHO, 2000, p. 28).

Crescido em contato com suas experiências religiosas, percebemos as marcas desse movimento no seu livro, tanto que a capa de *O Coelho do Halo Azul* mostra um templo religioso que sequer é citado na história. A ilustração dessa capa lembra muito a Igreja da Paz, de confissão luterana, que está anexada ao Colégio Bom Jesus. O conjunto arquitetônico em questão pertenceu à primeira escola de Joinville, a reconhecida Deutsche Schule; em tradução literal, Escola Alemã.

A identificação narrada pela psicanálise dá-se hoje de forma muito mais diversificada, e a criança exposta a um mundo de novas experiências, numa sociedade em que a aceitação com a diferença é cada vez mais crescente. Ela contempla isso tudo com o olhar que não discrimina, e assim o pensamento novo vai ganhando corpo. Realçando o termo pensamento novo, atribuímos às novas formas de posicionamentos, de comportamentos, do gestual ao vestuário, da emancipação de questões ligadas ao gênero ao ingresso no mercado de trabalho. Schneider não pensou *O Coelho do Halo Azul* para esta sociedade, pelo contrário, foi justamente para combater esse avanço que sua escrita repercutiu.

- É aqui que mora a Boa Fada? E pensem vocês na felicidade da Mariazinha, quando se viu diante da Boa Fada, que lhe apareceu sorridente em seu manto de cristal, transparente como a luz do sol e com seus longos cabelos cor de ouro. E tomando Mariazinha pela mão, a conduziu até bem perto da cascatinha e lhe disse: - Tome desta água minha filha!<sup>48</sup> Deves estar cansada e esta água te fará bem. [...] Sei perfeitamente o motivo da tua vinda, minha filha, pois eu escutei a tua reza. Enviei pois em teu socorro o meu coelhinho de halo azul, para que o mesmo alumiasse o caminho e te trouxesse até aqui. (SCHNEIDER, 1959, p. 12)

Escrita numa sociedade com outros valores, essa narrativa foi apresentada a ela com um intuito pré-estabelecido: mostrar sob a perspectiva de Schneider, o conceito de uma comunidade perfeita, tendo como pano de fundo, pessoas brancas, heróis, cristãos e crianças

---

<sup>48</sup> Supomos que essa referência “tome desta água”, seja em alusão à afirmação cristã, narrada em João 4:14, com o intuito de, além de utilizar um cânone (a Bíblia) para dar sustentação à sua história, mostrava ao mesmo tempo uma ligação intensa da personagem Mariazinha com o divino, conseguida por meio de oração.

obedientes, tanto as que estão dentro da história, quanto as que fazem o papel de ouvintes ao narrador Andersen.

Qualificar essa literatura como boa ou ruim é controverso. É difícil mensurar, valorar, mesmo precificar uma obra de arte ou a arte em geral. Em Joinville, durante a construção da dissertação, algumas crianças leitoras, muitas em visita guiada com suas turmas num projeto entre a Biblioteca Pública Municipal de Joinville e algumas escolas do município, serviram de ouvintes na audição deste livro de Schneider. Entre elas há as que gostaram, há as que fizeram vistas grossas. Pensar na qualidade literária de *O Coelho do Halo Azul*, além de seu valor histórico, é um fato irrelevante perante os paralelos que essa história de apenas 14 páginas instiga com tantas reflexões. Peter Hunt, em entrevista ao jornalista Emiliano Urbim, do jornal *O Globo* (2016), na discussão sobre literatura infantil, em decorrência de sua passagem pelo Brasil para uma palestra promovida pela UNESCO sobre literatura infantil, disparou, quando perguntado se as crianças só deveriam ler livros de qualidade:

[...] Dizer que há livros de qualidade presume que alguém, em algum lugar, sabe o que é universalmente bom. Não acho que isso seja bom quando lidamos com crianças. Fica parecendo que a boa literatura é algo diferente, exclusivo e, portanto, que o que a maioria das pessoas está lendo não é bom. (URBIM, 2016).

Independente de haver qualidade literária ou não, *O Coelho do Halo Azul* marcou a sua época na cidade de Joinville. Nos moldes do *Era uma vez*, Mariazinha, ao encontrar a fada, é logo testada com a oferta de diamantes e pedras preciosas, que poderiam livrar ela e sua avó da pobreza em que viviam. Mas, altruísta, tendo empatia por seu povo, Mariazinha diz à fada que sua saga até ela era outra, pois queria para se sentir feliz uma solução para a vida da comunidade inteira, e não apenas da sua. Desperta de um sono profundo, a menina acorda com sua aldeia envolta nos preparativos para o Natal, com a população feliz por ter ganhado presentes e mantimentos de uma empresa da cidade. Essa última parte faz referência à própria cidade de Joinville, cujas empresas entregam brindes na época de Natal. Mas também poderíamos refletir a partir de uma escolha política, já que foi uma empresa a patrocinadora do livro *O Coelho do Halo Azul*, e com esse desfecho, passaria ao leitor como os empresários podem também ser bondosos, ao ponto de serem equiparados a uma fada que realiza desejos.

*O Coelho do Halo Azul* foi, portanto, um instrumento nas mãos de Adolfo Bernardo Schneider, cuja finalidade era frear a criança ao que hoje ela é. Tivesse a sociedade se mantido fiel aos apelos schneiderianos a criança, hoje, ainda seria aquela que “viria a ser”. Triste ou não para as reflexões contemporâneas, o fato é que analisado nos idos dos anos de 1950, este pensamento era para muitos a garantia de ter o controle nas mãos.

#### 4.4 O AMORTECEDOR DE SCHNEIDER

Neste capítulo que traz a palavra amortecedor, refletiremos a respeito do porquê de Schneider escolher amortecedor (p.6), como adjetivo, para refletirmos sobre a força da literatura infantil. Crentes de que na prática do cotidiano trabalhamos de acordo com o referencial das crianças, conseguimos entender que esse amortecedor pode ser encarado, no mínimo, como o processo de adaptarmos o discurso para podermos atingi-las.

Apresentaremos mais alguns posicionamentos sobre a literatura infantil e sobre a infância, buscando entender melhor de que forma esse “amortecedor” é fabricado e para quem ele é “direcionado”. A par dessas reflexões reconhecemos a literatura infantil como um instrumento poderoso de produção de conhecimentos, senso crítico, reconhecimento e encantamentos. Destacar que ela é um amortecedor, não é apenas sublinhar uma concepção de Schneider, mas trazer para o conhecimento do leitor um termo que ele utilizou com convicção, e que nos dias atuais acaba tendo outras leituras e por isso mesmo não é mais cabível. No entanto é salutar trazer à superfície, detalhe tão pertinente do pensamento de Schneider, já que estudamos *O Coelho do Halo Azul* também pelo viés histórico.

Registramos que uma das qualificações que Schneider emprestou à literatura infantil se ateve ao denominá-la de “arma”. Considerando nosso pensamento pacificador e sabedores de tudo o que uma “arma” pode representar, enfatizando inclusive o momento político em que esta pesquisa é escrita, optamos por não adentrar neste campo minado, justamente porque nosso intuito com este trabalho é levantar questões relativas a uma literatura que seja, não uma arma, mas uma literatura que desarma o indivíduo de tudo o que lhe pese.

A literatura infantil esteve ligada desde seu surgimento relativamente recente, a uma concepção de criança como sujeito a ser protegido, educado e formado preferencialmente nas

escolas. Esteve, também, comprometida com a transmissão de valores bem definidos e com a formação de sujeitos representativos de determinadas classes – morais, patriotas, trabalhadores, entre outros, além de ter ancorado grande parte da sua expansão ao próprio uso e adoção escolar. Não foi diferente com a produção do livro *O Coelhoinho do Halo Azul*. Durante a leitura da narrativa, percebemos o imaginário e o didático como formadores, se imbricando, o que é fundamental para a utilização na aprendizagem dos alunos. Se Schneider queria fazer de seu *O Coelhoinho do Halo Azul* um amortecedor, devemos atentar que amortecer também tem a ver com aquilo que amortece, e na realidade atual amortecer tem muito a ver com se desligar. É essa literatura que queremos? O que ele queria era desconsiderar os novos tempos de sua contemporaneidade, escrevendo uma história inspirada em Andersen, escritor nascido um século antes dele, o que já aponta que para o “velho Schneider” possivelmente o tempo nem deveria ter passado. Para onde vai essa história?

Num entrelaçamento de vários elementos: pagãos (uma fada), simbólicos (coelho), cristãos (o menino Jesus, a Virgem), literários (Andersen) além da tradição exposta por meio da linguagem da narrativa, algumas vezes numa voz tatibitati<sup>49</sup> que mostrava a tendência para a manutenção de valores sociais estabelecidos, *O Coelhoinho do Halo Azul* se apresenta. Ao fazermos a pergunta em relação sobre a direção que essa história pretendia chegar, assumimos uma convicção de que poderíamos inferir por meio de conjecturas, após a leitura do livro, tanto na sua narrativa quanto no seu prefácio, nos quais Schneider queria que essa história demarcasse a sua literatura como uma espécie de didática à posteridade. Acreditamos que não pensava na historicidade do livro no decorrer das décadas, de como as pessoas de hoje o veriam ou entenderiam seu pensamento. Percebemos que possuía visão idealista e utópica. De que outros como ele conseguiriam reter o processo de movimento dos diferentes olhares e posicionamentos que a vida em si se alimenta e nos alimenta. Daí uma das garantias de como a literatura conta a história e não apenas uma história.

Como podemos relacionar uma época por meio das diferentes produções com que o mundo é apresentado no decorrer dos tempos? Como podemos nos aperceber de seus autores, ou atores – já que assumem uma posição atuante perante o contexto social, quando nos deparamos com prefácios escritos de próprio punho? Prefácios que hoje são verdadeiros documentos, quase crônicas, avaliados e avalizados pela autoria de quem ousou ficar no centro, assumindo suas reflexões como o fez Schneider.

---

<sup>49</sup> 1 Expressão idiomática que exprime uma linguagem infantilizada. 2 Música da Cantora Rita Lee.

A partir dos estudos literários centrados nas atividades do Programa de Pós-Graduação em Educação, que proporcionam essas reflexões e dos estudos sobre a literatura infantil, conseguimos atentar para as transformações não só das temáticas desenvolvidas e tratadas, mas também de questões tão pertinentes quanto como a questão da transformação da linguagem, a utilização de rimas, gírias, socioletos e idioletos<sup>50</sup>, entre outros. Coelho (2000, p. 16) em *Literatura Infantil : Teoria, análise, didática* argumenta que “a literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram antes de nós, com os valores herdados e, por sua vez, renovados”.

Pensando a literatura como arma, Schneider fez de munição um discurso que apresentava a criança como ingênua, obediente, moldável, singela, cristalina, pura, de generosidade insofismável. Artistas – que podemos supor por meio do prefácio – como Elvis Presley e Marilyn Monroe, eram caricaturas humanas que viriam a prejudicar a condição da criança, transformando-a em tudo o que ele não queria, subversiva aos seus olhos. Cremos que como ele, muitos viam no comportamento dos referidos artistas um exemplo a não ser seguido. Schneider afirmava, incisivo, o que costumamos ouvir por aí, sem precisão científica, apenas como suposição:

Pois esses ídolos, que nos umbrais da adolescência todo rapaz e toda mocinha possuem e que antigamente era algum dos pais, talvez a avó, sempre bondosa e compreensiva, algum professor, alguma figura da Bíblia, algum Santo ou Santa, um herói nacional, etc., hoje em dia são substituídos por um ator ou por uma estrela de cinema, cuja vida particular, em 99% dos casos, é um exemplo de uma existência fracassada. Quase sempre são vidas despidas de ideais, inteiramente negativas e mesmo desprezíveis, que em hipótese alguma deveriam ser tomadas por modelo”. (SCHNEIDER, 1959, p. 5)

Pela leitura dessa citação constatamos como Schneider buscou adentrar para caminhar com essa história nas mãos. Percebemos que os ídolos que devem ser imitados - à clareza como ele insere em *O Coelhozinho do Halo Azul* – não eram os ídolos da moda. Coerente com seus acordos, buscava inclusive um tipo de conversão por meio desta literatura. Não seria essa a função dela, mas se ele a encarava como arma, deve ter visto de perto as ideias e matérias que as vitimou e as que saíram ilesas.

---

<sup>50</sup> Socioletos é a forma como um grupo específico se comunica, como por exemplo, surfistas, jogadores on-line, grafiteiros. Idioleto, é a forma específica com que um homem se comunica, a linguagem que é própria de um único indivíduo.

Se o texto que ele criou foi ou é significativo como objeto literário, também é de difícil afirmação, pois acreditamos que literatura é tudo aquilo que tem um relativo poder de, ao ser tocada, provocar uma transmutação, um desacerto, um desalinho, uma reflexão, uma lembrança que não consegue ser vencida pelo esquecimento. Schneider queria a simplicidade, mesmo o simplismo, a palavra-chave, a mensagem aberta e clara, o esclarecimento, o direcionamento. No entanto é difícil afirmar o papel literário de *O Coelhozinho do Halo Azul*, embora que historicamente ele teve um papel fundamental, simplesmente por ter sido o primeiro em relação aos textos publicados da literatura infantil joinvilense.

Schneider encontrou na palavra “arma”, uma força e acreditamos que deva ter sido uma das palavras que ele mais repetiu, até mesmo para que o patrocinador da publicação do livro percebesse que estaria investindo num material que comercialmente possuía um chamariz. Voltando nesta questão, encontramos no texto de Antônio Cândido (2004) uma informação importante, quiçá crucial, para seguirmos nestas argumentações sobre o fato de *O Coelhozinho do Halo Azul* ser literário, poético, ter conteúdo, mensagem. Podemos capturar melhor se o autor fez tudo propositalmente, ou foi apenas fruto de uma genuína apreciação voltada aos contos europeus, fábulas, contos de fadas. Mesmo que o objetivo deste trabalho não seja de pesquisar *O Coelhozinho do Halo Azul* como objeto artístico, é de literatura que estamos nos referindo e por isso a argumentação de Antonio Cândido é vital, dada a importância do seu trabalho nestes questionamentos. Ademais, já que *O coelhozinho do Halo Azul* tem esse valor histórico por ser inaugural, toma-se como importante conhecermos outras pertinências quanto a sua construção.

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomos como estrutura e significado; (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente. Em geral pensamos que a literatura atua sobre nós devido ao terceiro aspecto, isto é, porque transmite uma espécie de conhecimento, que resulta em aprendizado, como se ela fosse um tipo de instrução. Mas não é assim. O efeito das produções literárias é devido à atuação simultânea dos três aspectos embora costumemos pensar no primeiro, que corresponde à maneira pela qual a mensagem é construída; mas esta maneira é o aspecto, senão mais importante, com certeza crucial, porque é o que decide se uma comunicação é literária ou não (CÂNDIDO, 2004, p. 176).

Simbolicamente, o mundo que Schneider imaginava era um mundo preso num sistema funcionando à força de elementos da sua infância e reproduzido entre seus pares, que era o que ele julgava apropriado à passagem do tempo. Poderíamos ir além: pensar que o mundo

que ele imaginava era esse sistema que girava na engrenagem dos seus valores, e que fosse imune ao tempo e a seu processo de continuum.

Esse mundo utópico, esse lugar que não existe, esse não lugar é próprio aparentemente dos saudosistas, não é um sentimento intrínseco aos que se alegram com as mudanças, com os choques, com as rupturas, com as transformações. Apresentar esse mundo à criança e vislumbrá-lo numa sociedade formada por essas pessoas, era apresentar um mundo que não cabia mais nem mesmo em 1959. Os ídolos da música e do cinema que ele tanto refutava, e deixou isso bem claro em seu prefácio, foram os que ajudaram, à revelia dele e de tantos, a libertar a sociedade de suas amarras, de suas hipocrisias, é que ajudaram a sociedade a se tornar menos hipócrita, contando aí com todos os prós e contras que todo movimento acarreta. Provocar esses questionamentos é um dos atributos da literatura infantil ou de toda e qualquer literatura. Não é apenas contar uma história, é também virar memória, promover o encanto, o medo, o anseio, a imaginação e o escritor tem o papel fundamental neste transporte.

Ensimesmado em suas convicções, Schneider trazia elementos de manutenção de valores e mais de resgate de outros que pra ele já vinham se perdendo nos anos de 1950. Não podemos afirmar com exatidão, sem o uso da hipótese - até mesmo pela limitação de exemplares publicados - se a história infantil do autor joinvilense seguiu pelos caminhos que ele planejava. O que podemos afirmar, com exatidão, é que ela chega até aqui como um retrato de uma época, expondo, em suas quatorze páginas, material para discussões e apreciação como matéria-prima desta dissertação.

A literatura infantil foi se adaptando e se modificando ao longo das décadas. Podemos avaliar a estratégia de linguagem que cada autor usava para se comunicar, contar sua história e propositalmente ou não apontar algum caminho. Quantos pensadores influentes, opositores ou não do progresso, avalizaram esses caminhos que influenciaram escritores como Schneider. Quanta certeza, equivocada ou não, o joinvilense teve ao imprimir um livro com uma temática que sob seu ponto de vista, era necessária para manter a ordem das coisas. Poderosa, a literatura infantil se pensada como arma, como bem queria Adolfo Bernardo Schneider, também serve como recurso da historiografia registrando uma época. Linguagem, comportamentos, vestimentas, espaços podem ser avaliados pelo leitor, em que este pode fazer essa ligação entre um tempo e outro, entre um lugar e outro, entre um conceito e outro, entre discursos e discussões sobre o que cabe e o que não cabe mais nesse presente.

#### 4.5 RÁDIO-SKETCH: A TRANSMISSÃO DE UMA IDEIA

*Sketch* é uma palavra alemã que significa esboço, como algo inacabado ou em construção. Schneider não deixa claro se *O Coelhinho do Halo Azul* foi escrito com essa intenção, de ser terminado posteriormente, ou ele seguia a ideia de que a literatura é realmente uma obra inacabada, que nunca se encerra, que cada história é alterada quando interpretada pelo leitor. Quando ouvimos a palavra esquete, automaticamente lembramos de um texto dramatizado, de uma representação dramática, de uma cena rapidamente apresentada. Muito utilizada na televisão, geralmente com teor humorístico, uma esquete cumpre um papel interessante no cenário dramático: ela apresenta o tema de forma rápida, num só golpe, numa só cena. No caso de *O Coelhinho do Halo Azul*, num só ato, como especificado na folha de rosto do livro (1959) “Rádio-Sketch pré-natalino em um ato”<sup>51</sup>.

Apreciador de peças infantis, Schneider muito provavelmente teve acesso a uma vida cultural quando criança: histórias, teatro, o circo que ele descreve em seu livro de memórias, tinha o fato de sua mãe ser pianista. Ele escreveu em suas memórias esse fato, com a lúdica lembrança que um adulto reporta sua infância: ela é sempre mais fantástica que a realidade, porque a criança emprega sua poesia para elucidar o mundo a sua volta.

Schneider entendia que a dramaturgia, o teatro infantil, a representação eram materiais expoentes no processo de ensinamento da criança. Essa maneira de oferecer a literatura de forma representada, ele também chamava de arma.

Outra arma e das mais excelentes, é a representação de peças infantis, nos moldes das realizadas nas grandes capitais europeias. Peças adequadas e repetidas, periodicamente, representam ótimos amortecedores contra o impacto de impressões por demais fortes, inadequadas e prematuras. Peças, que devem realçar a bondade, a pureza, o amor ao próximo, a coragem e toda essa gama de valores positivos de uma alma bem formada. (SCHNEIDER, 1959, p. 6)

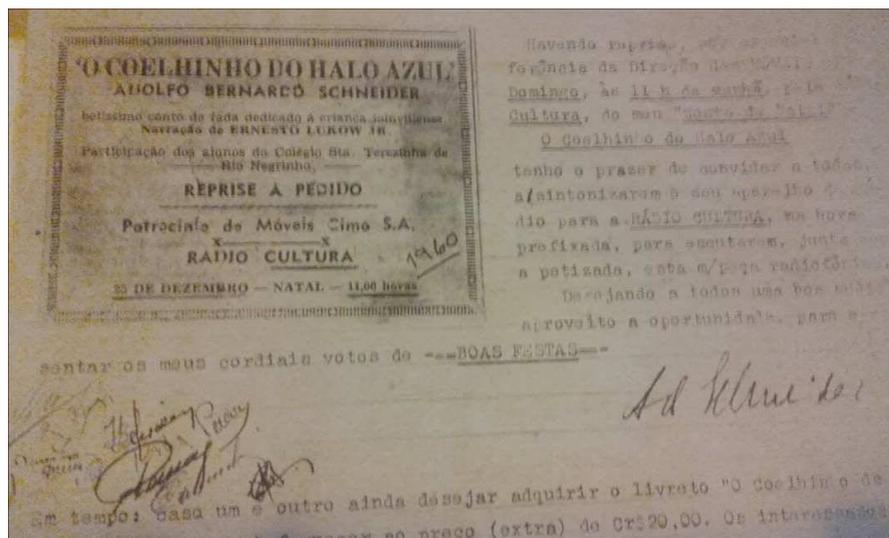
Ao optar por um esquete, Schneider entendia que dessa forma teria mais chance de ser apreciado e ter aprovado seu projeto. Ter esse sketch, essa peça em um ato, transmitida, radiodifundida na noite de Natal do ano de 1959, repetida em 1960. Como os horários deviam

---

<sup>51</sup> Acentuação trazida por Schneider.

ser muito caros, nas rádios naquela época (pois poucos lares tinham televisores em casa), é bem possível que escrever um texto curto, além de dinamizá-lo, tornaria a transmissão mais fácil ao ocupar menos tempo na programação.

Figura 10 - Convite para a audição da narrativa, na Rádio Cultura AM



Fonte: Acervo do escritor

No prefácio do livro, o autor joinvilense já deixa bem claro seu posicionamento em relação ao que ele esperava do rádio, o quanto uma transmissão poderia ter muito mais efeito que a leitura individualizada do livro. Dessa forma massificava seus posicionamentos, levando sua mensagem para muitos e muitos lares, como uma espécie de catequização. Schneider sonhava alto e utopicamente.

A imprensa falada, as Estações de Rádio e de Televisão, estão capacitadas a prestarem serviços inestimáveis no setor da educação da criança e da juventude. Existem, na língua portuguesa, milhares de bons contos infantis. Infantis no sentido bom e positivo da palavra! Contos e peças amoldadas ao espírito sensível da criança brasileira. Fixando, nos programas, horas certas, diárias ou semanais, as Estações de Rádio estarão colaborando de maneira decisiva no setor educacional (SCHNEIDER, 1959, p. 7)

Preocupado com a comunicação de massa como parceira na transmissão da narrativa, tentamos acreditar que a história possivelmente deve ter chegado em ondas, nos lares

joinvilenses. Possivelmente, ideia que o patrocinador do livro, Móveis Cimo, também compartilhava. Nesta possibilidade entram aí duas reflexões muito pertinentes se pensarmos esse movimento pela radiodifusão, essa escolha por um viés também político. Primeiramente, um olhar de vanguarda do joinvilense ao perceber no rádio um caminho promissor para a disseminação da sua narrativa e de suas ideias. Assim como atualmente os professores, os artistas, até mesmo o jornalismo usufruem da Internet e das redes sociais para transmitir os seus quereres, Schneider anteviu em sua tecnologia de ponta, da época, uma maneira de expandir o seu discurso. Com vistas a esses aspectos elencados podemos até conceber que a modernidade que ele também temia, relatada nesta dissertação, tornou-se alidada na possibilidade de ele deseja-la para transmitir suas ideias. Presume-se que Schneider foi um precursor, pelo menos em Joinville, na maneira que encontrou para disseminar sua literatura infantil, e/ou suas ideias, assim como os blogs e sites atuais realizam esse intento. Além disso, atentemos sobre as razões de seu patrocinador, Móveis Cimo, quais interesses esta empresa tinha no apoio à publicação do livro, tanto quanto na oferta dos pequenos atores para a rádio-transmissão da história. Podemos argumentar, facilmente, que a empresa era parceira de Schneider, que via na arte um caminho salvador, que dividia com o autor joinvilense o poder da literatura infantil. Talvez nesta palavra, “poder”, resida uma outra potencialidade desse contato entre a empresa e o autor: um interesse maior além de se contar uma história, mas talvez uma mensagem persuasiva da manutenção do *status quo* daquela época.

No decorrer destes estudos nos deparamos com o livro *A Hora das Crianças* (2015), escrito pelo também alemão Walter Benjamin, e percebemos como as preocupações dos dois autores se tocavam. Ao tecer alguns parâmetros constatamos que ambos são alemães, trabalharam em várias frentes - Benjamin como professor, filósofo, pensador da modernidade, escritor crítico literário; Schneider historiador, escritor, também pensador, e usaram o rádio como instrumento de massificação de seus saberes e preocupações. Benjamin, narrando suas preocupações com espaços e costumes alemães que vinham se perdendo com o progresso de então. Schneider, aproveitando o poderio de uma transmissão radiofônica para, por meio de uma narrativa infantil, atingir as crianças e as famílias com uma história tradicional que ele pensava ser, também, um muro contra o progresso, reconhecido por ele como um vilão contra a tradição.

Publicado no Brasil com tradução de Aldo Medeiros, o livro traz uma série de depoimentos dados pelo filósofo alemão, durante as transmissões do programa *Jugendstunde* (*A hora da juventude*) na rádio Funkstunde, de Berlim. Nessas transmissões Benjamin trazia suas reflexões acerca do comportamento das crianças na Alemanha de então, dirigindo-se

diretamente a este público distinto, informando-as - elas e o público em geral - a respeito da história e dos costumes. Ilustrava isso por meio da história de brinquedos, dos livros, das praças de Berlim, dos personagens daquela época que marcavam o cotidiano alemão. Entre outras informações alertava as crianças e jovens dos laços da tradição que não deviam ser esquecidos, como as brincadeiras tradicionais, o convívio social e o lugar em que viviam. Segundo nota à edição alemã, transcrita aqui na íntegra, conseguiremos capturar a essência desse trabalho de Benjamin.

De 1929 a 1932, Walter Benjamin falou na então jovem rádio alemã quase que regularmente. Ele próprio não tinha muito apreço por estes trabalhos, que lhe renderam, segundo Adorno, os poucos anos em que ele pode “viver até certo ponto livre de preocupações”. Assim ele escrevia a Scholem no início de 1930 : “Fiz duas palestras na rádio de Frankfurt e agora posso [...] dedicar-me a coisas mais úteis. [...] Não estou descontente por ter conseguido um certo afastamento, no que se refere à organização e à técnica, pois tudo que sou obrigado a considerar como trabalho de ganha-pão, seja com as revistas ou o rádio, não preciso redigir, limitando-me apenas a ditar”. E um ano mais tarde, em outra carta a Scholem: “Nos próximos dias estarei em Frankfurt para resolver questões nebulosas na rádio”. Dos trabalhos de Benjamin para o rádio, apenas alguns modelos radiofônicos e palestras sobre literatura eram acessíveis; faltavam sobretudo os inúmeros textos nos quais ele se dirigia às crianças e aos jovens, fosse na *Jugendstunde (A hora da juventude)* na Funkstunde S.A de Berlim, fosse na *Stunde der jugend* (igualmente *A hora ou O momento da juventude*) também em Frankfurt, textos que devido a circunstâncias infelizes não puderam ser publicados. Através desta primeira edição, o leitor de Benjamin poderá apreciar e corrigir aquele julgamento que o autor faz de seus trabalhos. Estas palestras radiofônicas para as crianças dão uma nova dimensão à fisionomia do escritor que é Benjamin, revelando um pedagogo tão discreto quanto engenhoso que, assumindo o lugar de narrador, leva adiante o iluminismo [...]”<sup>52</sup>(BENJAMIN, 2015, p.7)

Em meio aos vinte e nove depoimentos, ou melhor, às vinte e nove transmissões publicadas em *A hora das crianças*, podemos observar um Benjamin que, diferentemente de Schneider, entendia a modernidade sobre outro prisma, principalmente o que ela promovia na literatura infantil, e o que esperar dela. Para Benjamin, em contraste com o escritor joinvilense, às crianças deviam ser oferecidos os mais diversos assuntos, a vida devia ser mostrada de forma menos fabular, não em desrespeito ou desatenção à sua natural índole, mas antevendo consequências que determinadas atitudes possam provocar. A criança, detentora de um poder de imaginação é mais sincera e desprendida de pudores. A imaginação é que a possibilita

<sup>52</sup> Esta nota, transcrita na íntegra do livro *A hora das crianças*, com tradução de Aldo Medeiros, foi escrita na edição alemã, em janeiro de 1985, por Rolf Tiedemann.

fazer sinapses, o que que a um adulto não é isso que se configura, como fazer de uma sombrinha um paraquedas ou de um escaravelho um tanque de guerra.

Benjamin deixa claro seu posicionamento em relação ao contato da criança com determinados assuntos, não dando vazão para subjeções, diferentemente de Schneider, que acreditava que às crianças deveriam ser oferecidos contos cheios de moral e candura. Observando assim, Schneider e Benjamin apenas se tocam, mas não se apropriariam um das ideias do outro no que se refere à infância. Se aproximam pela massificação de uma mensagem por meio das ondas do rádio, e como este tipo de comunicação poderia expressar suas preocupações em outros entornos. Sobre essa assertiva, Benjamin comenta os escritos de um artista plástico e ilustrador – Hosemann<sup>53</sup> - que ele propagou por meio do seu programa de rádio, e de suas pinturas aludindo às questões discutidas neste parágrafo.

[...]Não raro, estavam ali uma mãezinha enferma ou uma criança febril de cama, pois as publicações para jovens que Hosemann ilustrava naquela época adoravam impressionar as crianças com histórias comoventes, considerando que assim garantiriam seu bom comportamento. Talvez seja aí que tenham se enganado. As crianças querem evidentemente conhecer tudo. E se os adultos só mostram a elas o lado bem comportado e correto da vida, elas logo vão querer conhecer o outro lado por si mesmas. Por outro lado, ninguém nunca ouviu falar de crianças que tenham se tornado malcriadas por causa de Max ou Weber, e tenham, por exemplo, colocado pólvora no cachimbo do professor. (BENJAMIN, 2015, p. 99).

Mordaz ou não, transformadores ou influenciadores, cada um dos autores trazia uma certeza: a fala com a criança, o contato que elas tinham ou teriam com o mundo das palavras, era certo. Para o joinvilense, era por causa disso que os textos tinham que ser escolhidos a dedo, justo que poderiam ser perigosos, de acordo com seu teor, nesta aproximação. Para o alemão, a possibilidade de tudo tocar, sem bolha e sem película, era justamente o mais interessante do encontro entre crianças e palavras, entre crianças e ideias, entre crianças e imaginação.

Nas rádios não havia como não fazer uso de apóstrofes, do discurso direto para falar com os ouvintes. De posse do microfone, Benjamin dava explicações, conselhos, ressuscitava personagens esquecidos. Nas rádios Schneider ansiava levar um esquete num único ato, numa

---

<sup>53</sup> Theodor Hosemann – Pintor alemão (1807-1875) que retratava a vida dos camponeses alemães, e foi responsável pelas ilustrações de muitos livros publicados na Alemanha.

tentativa de manter acesa a chama da sua infância, que se refletia no conto que escreveu, inspirado nas histórias que ouvia, e que o construíram. Em seu prefácio, ele escreveu que “*O Coelho do Halo Azul* representa uma tentativa de realçar a bondade e o amor ao próximo. Peça, que, prazerosamente, ponho à disposição das sociedades” (1959, p.7).

Quanto a narrativa de Benjamin, em *A hora das crianças*, ele também fez uso da apóstrofe, falando com o leitor, por meio do microfone, como se falasse diretamente com o ouvinte e a isso se dava o uso da segunda pessoa. Sua esquete mais jornalística e menos ficcional esboçava esse objetivo.

Agora que vocês já sabem o quanto se teria para falar e perguntar, e se vocês lembrarem que temos apenas 20 minutos para nossa transmissão, vocês vão concordar que não há o menor sentido em calçar botas de sete léguas para sair correndo, e que é melhor nos determos por mais tempo em algumas estações. Eu sugiro, primeiramente, o pavilhão de fundição. – O que é o latão? Latão é uma liga feita de cobre e zinco (BENJAMIN, 2015, p. 110).

No desassossego de se fazerem ouvir ambos fizeram das transmissões radiofônicas, esquetes que viriam a serem transformadas em livros. Sem o som de suas palavras, sem a dramatização, o timbre, os acentos, sem a entonação da voz ou suas nuances, sem a voz das crianças que fizeram a interpretação de *O Coelho do Halo Azul*, sem o tom pedagógico com que Benjamin emprestou à sua narração em *Jugendstunde*, emprestamos nós, a nossa voz como leitores aos textos deixados e que são utilizados nesta dissertação para pesquisa. Na leitura a complementamos e ousamos pensar nesta hora, que toda e qualquer narrativa literária seja também um *sketch*, um esboço – com nossos conceitos, com nossas críticas, com nossas experiências, inclusive com nossos valores, tão afinados com os dos pensadores aqui narrados.

No capítulo “Infância em Berlim”, do livro *Rua de Mão Única* (BENJAMIN, 1995) há reflexão sobre a infância e sobre o aprendizado, que, aparentemente fora de contexto dentro desses estudos, inserimos como referência, pela profundidade do diálogo com o leitor. Benjamin é vulgarmente visto como um filósofo da melancolia. Schneider, podemos dizer, era também um historiador, com reflexos no escritor que foi, melancólico. Entendemos que essa melancolia vinha do fato de não poder mais encontrar a sua infância dentro da sociedade de 1959, numa Joinville já abrasileirada com o advento da década de 1950. Ele apresentava em seu livro, uma tentativa, como o autor mesmo afirmou, de erguer um muro contra essa desinfantilização, mas ele sabia que o tempo é uma força impossível de ser combatida. Seria

apenas mais uma história dessas inventadas, numa cidade em que só havia pessoas como Schneider, saudosistas que querem que o tempo envelheça com eles, e que não se renove, como é de sua natureza.

Seja como for, para cada pessoa há coisas que lhe despertam hábitos mais duradouros que todos os demais. Neles são formadas as aptidões que se tornam decisivas em sua existência. E, porque, no que me diz respeito, elas foram a leitura e a escrita, de todas as coisas com que me envolvi em meus primeiros anos de vida, nada desperta em mim mais saudades que o jogo de letras. A saudade que em mim desperta o jogo das letras prova como foi parte integrante da minha infância. O que busco nele na verdade, é ela mesma: a infância por inteiro, tal qual a sabia manipular a mão que empurrava as letras no filete, onde se ordenavam como uma palavra. A mão pode ainda sonhar com essa manipulação, mas nunca mais poderá despertar para realizá-la de fato. Assim, posso sonhar como no passado aprendi a andar. Mas isso de nada adianta. Hoje sei andar, porém, nunca mais poderei tornar a aprendê-lo (BENJAMIN, 1995, p. 105).

Amparado neste discurso final e na pergunta inicial, no que é um esquete, e para onde essa história quer nos levar, para onde quis nos levar Schneider, para onde quis apontar Benjamin quando apresentou programas na rádio, refletimos sobre a significação diferente com que cada um apreende uma história, ouve um fato, repassa, conta, reconta, absorve, se emociona, se choca, ampara, admira ou ignora. O fato é que o mundo gera diferentes significações e atinge as pessoas também das mais diferentes formas. Indivíduos que possuem todo um universo cultural e filosófico como Walter Benjamin, sejam elas as pessoas mais simples que passarão a vida longe dos holofotes sociais, sejam pessoas de histórico tão vasto ou quereres tão utópicos quanto o joinvilense Adolfo Bernardo Schneider.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação não veio avaliar artisticamente *O Coelho do Halo Azul*, nem seus méritos ou deméritos como obra de arte, mas analisá-lo como material histórico, levantando reflexões sobre sua narrativa e seu discurso, atentando-se também às preocupações com a infância, pertinentes no texto de Adolfo Bernardo Schneider, presentes de forma explícita no prefácio do livro. No entanto vale lembrar que uma obra literária é sempre inacabada, e é interpretada por cada um no cerne de suas experiências de vida e de leitura. É a partir daí que o leitor, estabelecendo suas ligações, interpretará conforme seu escopo, seu empirismo. Perceberá se a leitura com que se defronta provoca sua reflexão, aflora o encanto, incentiva a imaginação, produz referências.

Colocando voz em seus personagens, Schneider nos apresentou crianças obedientes, como se produzidas em série, tanto que respondiam em uníssono. Ao mesmo tempo conduziu uma história cheia de referências e simbologias que provavelmente, fizeram parte de sua constituição no tocante a admiração do autor joinvilense por Hans Christian Andersen. Estão presentes em sua narrativa infantil elementos como a pobreza, que é sempre tão associada ao encontro entre um necessitado e uma alma caridosa, como também uma fada com perfil semelhante ao da Virgem Maria, numa mistura do sacro com o profano. Tudo isso com um objetivo: levar à sociedade uma peça infantil, que transmitisse o que ele considerava como valores imexíveis.

No empenho e no zelo com os materiais dos quais tivemos acesso, conseguimos entender quem era o homem Schneider, o que foi de vital importância para entender os reflexos dos pensamentos dele, na literatura que criou. Num acervo volumoso de documentos, garimpamos aqueles que puderam nos auxiliar a esboçar um panorama de quem ele foi e o que pensava. Perscrutamos o sótão da sua casa, que hoje é um depósito de incontáveis objetos, documentos e livros. Encontrando desde anotações diversas sobre seu cotidiano até cartas trocadas com autoridades e historiadores de várias partes do Brasil, passando o olhar pela sua biblioteca, que permanece intocada. Junto ao acervo, no gosto pela pesquisa, elementos que fogem até à pesquisa desta dissertação, também colaboraram indiretamente na formação de um perfil, de quem foi o escritor joinvilense.

De posse de tantos materiais e tantos caminhos tentadores para quem pesquisa e é movido pela curiosidade, outras perspectivas foram se abrindo para o exercício da

composição desta dissertação, que foram limados para o aprimoramento do texto, deixando abertas janelas para outras pesquisas, num adensamento maior do que escrevemos. Enveredando por questões como a imigração alemã e seu embate com a população que já habitava Joinville na época da colonização, ou mesmo, sobre outros trabalhos de Schneider que também conversaram com a literatura infantil, como outra peça teatral infantil intitulada de *Cantam as Cigarras*, cujos originais foram encontrados durante a pesquisa.

O aprendizado maior centrou-se nos apoios teóricos que foram aparecendo durante o desvelar da escrita, que vinha sempre condicionada a uma respiração poética, típica da verve deste autor que escreve em seu vínculo com a literatura, num caminho ficcional de produção nos últimos quinze anos. Ter de limar a palavra, enxugar a ideia, torná-la menos poética para não prejudicar o trabalho e o resultado científico, resultou num exercício de aparas. Demais instâncias contribuíram de forma indireta, seja por meio de uma reflexão retirada do texto porque fugia da temática central da dissertação, seja por meio das leituras feitas ainda durante a participação nas disciplinas obrigatórias, também foram primordiais. Todas essas leituras, fundamentais para o polimento das ideias, são inscrições que permearão as reflexões deste pesquisador.

Neste contato com o universo de possibilidades de pesquisa que se abrem durante o processo de escrita, quanta floração acontece. O que no começo era apenas o livro de Schneider e aquele coelhinho, enveredou no decorrer desses últimos anos pela história da literatura infantil, pela produção literária infantil produzida em Santa Catarina. Nesta trajetória entendemos melhor sobre nomes como Peter Hunt, Nelly Novaes Coelho, Sarmiento, Antônio Candido, Walter Benjamin. Ao adentrar no relato de tantos pesquisadores como os já citados, apreendemos muito mais sobre a literatura infantil, a infância, a criança. Num macrocosmo a partir destes elementos já tão amplos, percebemos nossa sociedade e os movimentos dentro dela, a partir desses referenciais.

Adensamento importante se deu na percepção da Joinville de hoje, na percepção provinciana ainda de muitos de seus conterrâneos em relação a sua cidade e ao comportamento. Analisando o período da década de 1950, não nos furtamos do exercício de pesquisar a cidade e seus movimentos da época, consultando revistas, jornais da época e sites de conteúdo historiográfico. Buscando elementos que conversassem com nossa dissertação, a fim de descobrir questões ligadas à criança, à literatura infantil produzida aqui ou como era vista naqueles anos de 1950, acabamos concebendo por meio das notas de jornais, principalmente, os costumes de então e como eles se refletiram no texto de Adolfo Bernardo Schneider. Olhando pelo viés do “romântico”, atentamos para uma sociedade de costumes

bem enraizados, com clubes que preservavam as tradições dos imigrantes e quase ou nenhuma fala sobre os povos que já viviam aqui, não fosse pelo entorno do trabalho. Essas questões serviram para vislumbrar como Schneider trazia essas marcas da cidade para o seu discurso, retratada tanto no prefácio, como na narrativa, esmiuçados neste trabalho acadêmico.

Finalmente, aspectos da importância que damos à literatura infantil e o parâmetro a qual foi produzida, numa época e com o pensar de agora, permitiu que encontrássemos essa literatura tão cheia de detalhes, escrita muitas vezes numa linguagem cheia de deslumbramentos, a fim de registrá-la como uma literatura fundamental, que tanto tem a contribuir no panorama social.

Nesse prisma, nos deparamos com a força da literatura infantil e como o estudo desta se aplica a uma literatura transformadora, que provoca releituras da própria literatura e de nós mesmos. Ao estudar a literatura infantil como objeto histórico entendemos, ao rever conteúdos e narrativas, o quanto estes buscaram cumprir seu papel, representando a infância dentro de um universo social que hoje é incabível, situando a importância de ajustarmos o presente. Muitos dos pensamentos expressos em *O Coelhozinho do Halo Azul*, hoje ainda reverberam. O contexto político tenta cercear o que as crianças devem ou não devem ler, é uma das constatações. A relevância deste estudo se atém ao conhecimento de nosso presente e aos caminhos trilhados até aqui. Schneider, escreveu um livro dentro do seu tempo, a primeira história infantil da cidade de Joinville, acreditando ironicamente que o futuro era um movimento que devia ser passado.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Souza, Elizeu Clementino de. **Tempos, Narrativas e Ficções: A invenção de si mesmo**. Salvador: Eduneb, 2006. SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. *Memórias (I) – De um menino de 10 anos*. Joinville: Ipiranga, 1997.

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura Rerum**. Tradução Flávia Costa. Barcelona: Anagrama, 2010.

ANDERSEN, Hans Christian. **A pequena vendedora de fósforos**. São Paulo: Scipione, 1993.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira: Ensaio de Preliminares para a sua História e suas Fontes**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, Ricardo. **Livros para crianças e literatura infantil: Convergência e Dissonâncias**. [1999]. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Livros-para-criancas-e-literatura-infantil.pdf>. Acesso em 17 nov. 2017.

BEZERRA, Juliana. *Modernidade Líquida*. [08 de novembro, 2018]. São Paulo: **Toda Matéria**. Disponível em [www.todamateria.com.br/modernidade-liquida/](http://www.todamateria.com.br/modernidade-liquida/) Acesso em 31 Jan. 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **A hora das crianças**. Tradução: Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão única: Obras Escolhidas Volume III**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho; José Carlos Martins Barbosa. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BORDIEU, Pierre. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BUNN, Daniela. **A imagem alimentar e o advento do menor na literatura infantil: estranhamentos de Gianni Rodari**. Florianópolis, 2011.

CADERMATORI, Lígia. **Literatura infantil**. Disponível em: [www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil](http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/literatura-infantil). Acesso em: 05 Set. 2018.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Biblioteca da Folha, 2003.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura e outros ensaios**. Portugal: Angelus Novus, 2004.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. Scielo, **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 31, Jan./Abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>. Acesso em: 17 Nov. 2017.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem**: Tensões Sociais e Controle (Joinville 1917/1943). Orientador Professor Doutor Euclides Marchi. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27077/D%20-20COSTA,%20IARA%20ANDRADE.pdf?sequence=1>. Acesso em 15 Abr. 2018.

COSTA, Iara Andrade; FREITAS, Dúnia de; GABARDO, Claudia Valéria Lopes. **Tempos de Educar**: os caminhos da história do ensino da rede municipal de Joinville –SC. Joinville: Univille, 2005.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina: o caso Lausimar Laus. **Antares**, vol.3, nº6, jul./dez. 2011. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/987/949>. Acesso em 20 Jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Entre vozes e leituras: A recepção da literatura infantil e juvenil**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira e Teoria Literária) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_.; SPENGLER; Maria Laura Pozzobon. **Literatura Infantil e Juvenil produzida em Santa Catarina**. NUP/UFSC: Florianópolis, 2013. Disponível em <http://literaturainfantiljuvenilsc.ufsc.br/> Acesso em 17 Jan. 2018.

DIAS, Maria Cristina. Histórias vividas, histórias contadas. Disponível em [mariacristinadias.com.br/historias/um-olhar-sociedade-joinvilense-nos-anos-60/](http://mariacristinadias.com.br/historias/um-olhar-sociedade-joinvilense-nos-anos-60/) Acesso em 30 Jan. 2019.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003

Folha de São Paulo. **Literatura é a arma mais forte que há** (08 de abril de 2000). Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0804200008.htm>; Acesso em 16 Jan. 2018.

FORQUIN, Jean-Claude. **Educação e Cultura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HUNT, Peter. Mary, Mary... Como o seu jardim continua crescendo? Crítica de Peter Hunt ao livro *O Jardim Secreto* (Agosto, 2011) **Revista Emília**. Disponível em [www.revistaemilia.com.br/peter-hunt/](http://www.revistaemilia.com.br/peter-hunt/) Acesso em 14 Dez. 2018.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura infantil**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias.** São Paulo: Ática, 1999.

MEKSENAS, Paulo. **Cidadania, Poder e Comunicação.** São Paulo: Cortez, 2002. Disponível em <http://metodologiapeseducaopopular.blogspot.com.br/2011/04/texto-de-paulo-meksenas-falar-de-paulo.html>.

NIETZCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

NUNES, Clarice. **A educação do Educador: A poesia em ação.** Bragança Paulista: Edusf, 2000.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **As primeiras manifestações sobre a literatura infantil brasileira: o processo de construção de saberes.** In: *História do ensino da literatura infantil na formação de professores no estado de São Paulo* [on line]. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil.** São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, Elaine Aparecida Teixeira. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 337 – 356, set./dez. 2015.

PETIT, Michéle. **A arte de ler.** Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Editora 34, 2009.

PIRES, Eloiza Gurgel. Modernidade, Infância e Linguagem em Walter Benjamin. **Revista Conjectura: Filosofia e Educação.** Caxias do Sul, Vol. 21, n. 2, mai/ago, 2016.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Tempo de Voo.** São Paulo: Edições SM, 2009.

RAMOS, Rafael. Literatura: uma arma pacífica de resistência. **Obvious.** Disponível em [longe.obviousmag.org/a\\_morada\\_do\\_ser/2013/08/literatura-uma-arma-pacifica-de-resistencia.html](http://longe.obviousmag.org/a_morada_do_ser/2013/08/literatura-uma-arma-pacifica-de-resistencia.html); Acesso em 16 Jan. 2018.

RECH, Jeisa. Memórias sobre namoros em Joinville na década de 1950. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

SACHET, Celestino. **A literatura catarinense**. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

\_\_\_\_\_. **A literatura dos catarinenses**. Florianópolis: Unisul, 2012.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade**. Porto, Portugal: Edições Asa, 2004.

SARTRE, Jean Paul. **As palavras**. São Paulo: Difel, 1978.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Cantam as cigarras**. Joinville: Ipiranga, 1982.

\_\_\_\_\_. **Memórias (II) – De um menino de 10 anos**. Joinville: Ipiranga, 1997.

\_\_\_\_\_. **O coelhinho do halo azul**. Joinville: Editora do Autor, 1959.

SEREN, Lucas. **Pierre Bourdieu e os Estados do Capital Cultural**. Disponível em: <http://lucasseren.blogspot.com.br/2012/11/pierre-bourdieu-e-os-estados-do-capital.html> Acesso em 19 Abr. 2018.

SILVA, Danusia Aparecida. **Representação da criança na obra de Werner Zotz**. Disponível em [alb.com.br/arquivo-morto/edições\\_anteriores/anais14/Sem09/C09016.doc](http://alb.com.br/arquivo-morto/edições_anteriores/anais14/Sem09/C09016.doc) Acesso em 15 Jan. 2019.

SOLÍS, Antonio Sánchez. Vargas Llosa afirma que a literatura é uma arma magnífica (18 de outubro, 2011). São Paulo: **Exame**. Disponível em <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/vargas-llosa-afirma-que-a-literatura-e-uma-arma-magnifica/> Acesso em 16 Jan. 2018.

THIAGO, Arnaldo. S. **História da Literatura Catarinense**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1957.

THOMÉ, Carlete Maria. **Estudos de Narrativas de Literatura Infantil de Escritoras do Oeste de Santa Catarina**. Disponível em <https://docplayer.com.br/19587906-Estudos-de-narrativas-de-literatura-infantil-de-escritoras-do-oeste-de-santa-catarina.html> Acesso em 01 Abr. 2019.

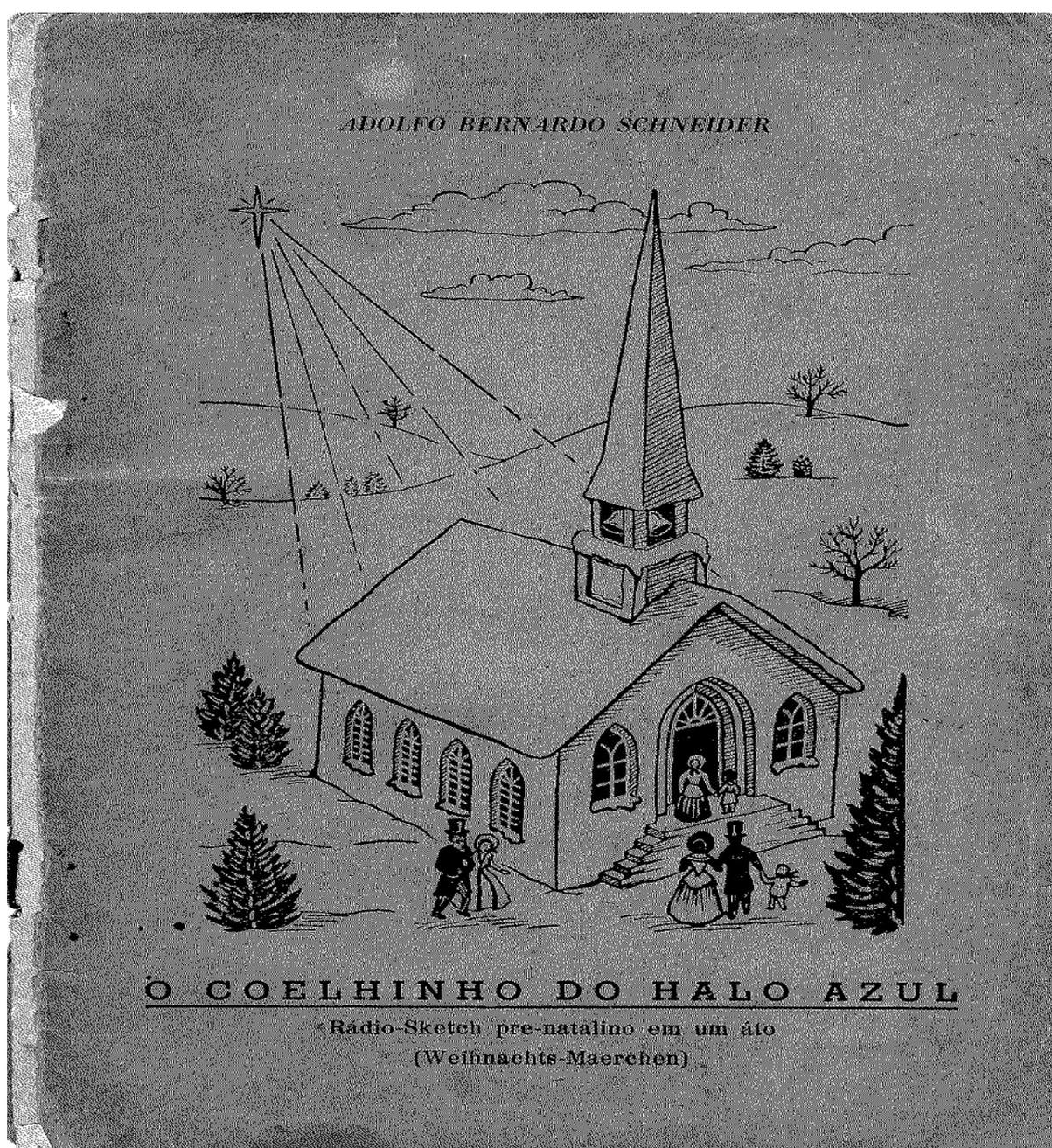
TWAIN, Mark. **As aventuras de Tom Sawyer**. São Paulo: Riedel, 2010.

UFRB: Universidade Federal do Recôncavo Baiano. **Literatura como arma: representação ficcional como intervenção social no Brasil.** Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/cahl/eventos/1627-literatura-como-arma-representacao-ficcional-como-intervencao-social-no-brasil>. Acesso em 16 Jan. 2018.

URBIN, Emiliano. Peter Hunt, professor: Toda literatura infantil tenta controlar a criança. [27 de novembro, 2016]. São Paulo: **O Globo On Line**. Entrevista concedida a Emiliano Urbin. Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/conte-algo-que-nao-sei/peter-hunt-professor-toda-literatura-infantil-tenta-controlar-crianca-18152942>. Acesso em 01 Jul. 2018.

## ANEXOS

## REPRODUÇÃO INTEGRAL DO LIVRO



Capa do original lançado em 1959

ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER

O COELHINHO DO  
HALO AZUL

Rádio-Sketch pre-natalino em um ato

JOINVILLE

1959

## PREFÁCIO

RACHEL DE QUEIROZ in «O CRUZEIRO» de 4/4/1959:  
 «As coisas não andam bem num mundo em que flor, criança, passarinho não têm vez. Isso quer dizer que os corações estão ficando duros, sem uma margem para o lirismo e a gratuidade.»

### O Mundo da Criança!

Quem, entre os adultos, se abalançar a descrever e a analisar a sua própria infância, se vê inesperadamente diante de um muro alto e aparentemente intransponível. Porque, há muitos anos, já queimaram tôdas as pontes, que nos ligavam ao reino das fadas. Compreendemos apenas de maneira indireta, pela observação, êsse Mundo estranho, povoado pelas Fadas, pelo Coelhoinho, por Papai Noel e, last but not least, pela Cegonha... Querer descrever a sua própria primeira infância, é certamente tão ou ainda mais difícil, do que querer descrever uma viagem, que se realizou... dormindo!

A vida humana decorre em etapas e entre estas, a primeira, praticamente sempre já se acha escondida atrás de brumas indevassáveis. Nossas reminiscências atingem, comprovadamente, quase sempre ao quarto ano de nossa existência, dificilmente ao terceiro. Quem se lembra ainda, com plena objetividade, de fatos ocorridos no terceiro ano de vida?

A nossa vida decorre pois em etapas, em fases distintas, mas que não estão perfeitamente delimitadas entre si. Não seria mesmo natural, que essas fases fôsem, em sua duração, perfeitamente rígidas. Sujeitas a influências externas, que nunca faltam, uma e outra etapa pode ser abreviada, assim como se pode estender por um período mais longo.

Um dos fatores mais importantes é o atavismo, como resultado imediato do clima. Por exemplo, o clima mais frio costuma retardar, assim como realmente retarda, o aparecimento de certos aspectos, com que termina geralmente a infância. Não que termine abruptamente, porque tôdas as fases evoluem devagar, abrindo sempre mansamente as portas para

a fase seguinte e alargando com isto sempre mais os horizontes da vida real. Porque, enquanto a criança se desenvolve corporalmente, também é paralelamente, a mesma evolui mentalmente.

O CLIMA possui pois uma influência decisiva. A criança norte-européia, em virtude dessa influência climática, é mais tempo criança, parecendo-me, que essa influência seja decisiva mesmo para toda a vida do indivíduo. Olhemos para o povo suéco, um modelo de vida equilibrada, para todo o mundo contemporâneo. Houvesse Jesus Cristo nascido na Suécia, não creio, que teria encontrado tanto trabalho. E também não teria surgido a turba, a gritar: "Crucifica! Crucifica!"

O maior calor do sol, o clima mais quente, as primaveras e os verões mais longos abreviam os primeiros períodos da vida para as crianças da Bacia do Mediterrâneo e da Ibéria, de cujas populações descendem a grande maioria do povo brasileiro. Os mormãos brasileiros aumentaram ainda mais essas diferenças...

Mais outro fator, que se projeta da maneira a mais inesperada sobre a formação espiritual de algumas crianças, e indubitavelmente a independência econômica dos pais. Enquanto o menino rico, mimado o dia todo pelo pai e não influenciado de nenhuma maneira por fatores de ordem econômica, talvez com a idade de 8 anos ainda vá brincar com o seu cavalo de pau, nessa mesma idade, o filho de pais pobres há diversos anos já se encontra na rua, vendendo jornais ou doces feitos pela sua própria mãe, talvez viúva. Enfrentando, compulsoriamente, as dificuldades da vida, torna-se mais independente desde pequenino, mais apto a vencer no setor econômico, em detrimento porém da parte espiritual, principalmente MORAL, que geralmente é sacrificada inteiramente...

Existem certamente mais uma série de fatores, sobresaindo entre estes a HEREDITARIEDADE. Em alemão se diz: "Der Apfel faellt nicht weit vom Stamme...", cuja tradução verbal seria: "A maçã não cai longe do pé...", ou, em vernáculo: "Peixinho, filho de peixe é..." e, parodiando:—"Malandro, filho de malandro é...". Talvez o pai não seja malandro, mas um dos avós ou mesmo um dos 16 tataravós o fôsse. Porque as leis da hereditariedade são ao mesmo tempo misteriosas e IMPLACÁVEIS!

Principalmente porém o AMBIENTE, em que vivem são criadas as crianças. Os costumes dos filhos dos vizinhos e dos colegas de escola. E' esse ambiente, que determina, essencialmente, o desenvolvimento mental e principalmente

moral da juventude. Pois quase sempre, tanto na vizinhança, como entre os colegas de escola, existe um rapaz mais vivo, desde pequeno uma personalidade mais destacada (esse destaque pode ser em sentido positivo, mas também em sentido contrário), cuja palavra não raras vezes vale mais do que as palavras do professor e, infelizmente, do que as palavras dos próprios pais.

As fases da vida se sucedem. As crianças evoluem, se desenvolvem, passam da primeira infância, praticamente inconsciente, para a primeira juventude e por esta, se aproximam lentamente da maturidade. Mas a época mais importante e mesmo decisiva, para a formação, tanto da saúde, como do caráter, são os DOIS PRIMEIROS DECENIOS da vida de cada indivíduo. Esta época de sua vida decide, si a criança será algum dia um cidadão honesto, prestativo e fiel cumpridor dos seus deveres frente à sociedade em que vive, ou si ela tornar-se-á um elemento nocivo, de índole dirigida para o lado negativo da vida, um malandro.

Tendo assistido, durante uma série de anos, em um dos países do Norte europeu, a evolução da infância e a educação da juventude daquele País, um dos mais adiantados do mundo, tenho a impressão, que ao infante, ou melhor à criança brasileira lhe é subtraída uma boa parcela de uma das fases mais preciosas da vida humana: a infância.

No Brasil e, como me parece, também nos países europeus de formação latina, a criança é levada quase abruptamente e quase sem nenhuma transição, para a adolescência.

A menina de 5 anos de idade já é vestida como a mamãe e, não faltassem os sapatinhos a Luís XV, seria uma perfeita dama... em miniatura.

O menino, da mesma idade, às vezes já antes, usa calças compridas, gravata e chapéu. É o perfeito "Papai", que lhe serviu de modelo. Só em edição menor.

E desta forma, a costureira e o alfaiate, obedecendo ordens dos pais orgulhosos, fazem desaparecer atrás de roupas de adolescentes ou de adultos uma coisa, que jamais deveria faltar: a infância.

Porque essas crianças, em seguida, são tratadas, sob muitos aspectos, como se fossem adultos. Quase sempre são tratadas por "senhor..." e "senhora...". Já assisti a uma jovem mãe falar para a sua filhinha:

"A "senhora" deixa mudar essas fraldinhas, porque estão molhadas?"

Tais crianças são levadas a frequentar e até o fazem

com bastante assiduidade, os mesmos locais frequentados pelos adultos, entre estes os Cinemas, onde se lhes mostram, um fato neste caso aliás inevitável, cenas previstas apenas para adultos...

Muito jovens demais, para presenciarem tais cenas, em parte aviltantes e também, para tirarem as conclusões certas ou para recusá-las, essas cenas, mentalmente, aparentam, em consequência, maturidade muito antes do tempo normal. Mas é uma maturidade precoce, por conseguinte temporária e anormal.

Cria-se assim, em um espírito mal preparado, um mundo de idéias mal digeridas e com isto um COMPLEXO. Complexos sempre resultam de situações criadas artificialmente!

Aos doze anos e talvez antes ainda, as mocinhas, quase meninas ainda, já frequentam bailes até altas horas da madrugada. E se ataviam e se portam, o que me parece ser um dos aspectos mais chocantes, CONCIENTEMENTE, para casarem o seu marido...

O que está errado. Pois, si essas mocinhas aos 16 ou aos 17 anos já não são noivas ou casadas, consideram-se "frustradas"...

Com isto, resulta um novo complexo, o que é lógico. Foram lançadas, antes do tempo, sobre um terreno, para o qual não possuíam ainda a absolutamente necessária maturidade mental!

Todo adolescente possui o seu ídolo. É um fenômeno, talvez ainda não bem explicado, mas que é perfeitamente normal. Somente o adolescente anormal é que não possui ídolo. Ou porque a sua maturidade ainda não atingiu a esse ponto, ou porque ele não seja capaz de ter ideais.

Não estará, por conseguinte, também capacitado a idolatrar a uma pessoa, nem também a amar profundamente aquela, que lhe foi predestinada para companheira. Gente sem rumo...

As crianças, que atravessam aos poucos, no decorrer do tempo, os umbrais de uma porta, que as separava da adolescência, descobrem maravilhados aspectos novos e desconhecidos e que, sentem isto instintivamente, serão belos e agradáveis. Não compreendendo ainda o "porquê" dessas impressões novas é em parte estranhas, percebem, que se encontram realmente em um terreno novo e desconhecido. Percebem, que está havendo um processo de adaptação a uma nova situação, a uma nova fase de sua vida. Tatéiam mentalmente, procuram apoio e explicação junto a outros seres humanos, entre seus parentes ou seus conhecidos.

Aos poucos se acende uma chama, vacilante no começo.

mas cujo objetivo é uma das pessoas que mais querem. E uma bemquerença das mais puras, que existir possam, senta de egoísmo e isenta também de toda e qualquer malícia.

E essa chama, que no começo é vacilante e que poderia apagar-se sob um temporal emotivo, poderá transformar-se, na época certa, em labaredas ardentes, quando os olhos da menina-moça ou do adolescente estejam plenamente abertos, quando a seriedade e os objetivos reais da vida humana tenham sido compreendidos em toda sua amplitude, em todo seu vasto alcance. E quando surgir em sua alma sedenta de felicidade o maior dos ideais, o grande amor, que o ligará ao ente amado para toda a vida!

Pois esses ídolos, que nos umbrais da adolescência todo rapaz e toda mocinha possuem e que antigamente era algum dos pais, talvez a avó, sempre bondosa e compreensiva, algum professor, alguma figura da Bíblia, algum Santo ou Santa, um herói nacional, etc., hoje em dia são substituídos por um ator ou por uma estrela de cinema, cuja vida particular, em 99% dos casos, é um exemplo de uma existência fracassada. Quase sempre são vidas despidas de ideais, inteiramente negativas e mesmo desprezíveis, que em hipótese alguma deveriam ser tomadas por modelo.

Assistimos o espetáculo inesperado, de algum fantoche gesticulante e bamboeante, de guitarra à mão, transformar a ordem e o bom comportamento de adolescentes, já em si ainda indecisos e inquietos, em desordem, não poucas vezes em caos.

Nota-se um desrespeito aberto e debochado, em parte até agressivo contra tudo o que possa significar ORDEM!

E os adultos mais idosos, em parte estupefactos, assistem a esse desenrolar dos acontecimentos. Compreendem, que está havendo um processo de decomposição moral. Inesperada para uns, natural e lógica para outros, que lhe conhecem e estudam as causas!

E perguntam: será comodismo dos pais? Estarão, estes, pecando pelo desinteresse na educação dos filhos? Concederá a legislação vigente liberdades por demais generosas aos estudantes, nas escolas? Privando o professorado da autoridade necessária para a manutenção da ordem dentro do recinto das aulas? Será a culpa de certas Revistas, cujos títulos são conhecidos a todos? Cujas difusões escapa ao controle das Autoridades, controle este, que muitas vezes, até nos parece inexistente? Será de certas fitas de Cinema? Será das Duas Guerras Mundiais? Porque as guerras e as revoluções, sempre andam de mãos dadas com um declínio ACENTUADO da Moral? Serão os sinais dos tempos? O alheamento progressivo, o afastamento das populações do mundo, da religiosi-

dade, imprescindível e absolutamente necessária para manter e para garantir um mínimo de franqueza nas relações humanas?

As razões são muitas. Talvez a situação anormal, que estamos atravessando, tenha sido criada por todos os motivos acima enunciados, em conjunto.

De qualquer forma porém, qualquer observador objetivo, não influenciado por motivos de interesse pessoal, chegará à conclusão, de que está na vez dos adultos oporem um dique contra essa onda de escritos e fitas dissolventes, que, apenas com fins lucrativos, se avolumam de dia para dia sempre mais.

E para conseguir estes objetivos, dos mais elevados, haverá necessidade de se começar pela própria criança. É preciso, antes de tudo, não subtrair à criança o seu direito. É preciso fazê-la viver a sua infância. É preciso desterrar dos lares essa tendência doentia, de querer transformar, antes do tempo previsto pela própria natureza, crianças em adolescentes e estes novamente em adultos! Essa tendência, que SIGMUND FREUD talvez denominasse "Megalomania paterna ou materna..." (Vaeterlicher oder muetterlicher Grosssenwahn...)

E as armas?

O bom livro de contos. Contos escritos especialmente para a alma receptível da criança, cujo caráter se encontra no período de formação. Devemos comprar bons livros de contos infantis, reservando, diariamente, uma hora certa, para lê-los aos nossos filhos, despertando nêles o gosto pela boa leitura.

A Imprensa falada, as Estações de Rádio e de Televisão, estão capacitadas a prestarem serviços inestimáveis no setor da educação da criança e da juventude. Existem, na língua portuguesa, milhares de bons contos infantis. Infantis no sentido bom e positivo da palavra! Contos e peças amoldadas ao espírito sensível da criança brasileira. Fixando, nos Programas, horas certas, diárias ou semanais, as Estações de Rádio estarão colaborando de maneira decisiva no setor educacional.

Também os Jornais e as Revistas deveriam colaborar mais! Salvo engano meu, entre os jornais e as revistas mais importantes do País, não há nenhuma, que mantenha uma Seção infantil ou juvenil. Quando não há, absolutamente, escassez de bons Contos. E também não há, de nenhuma maneira, falta de bons desenhistas, que possam ilustrar esses Contos!

Outra arma e das mais excelentes, é a representação de peças infantis, nos moldes das realizadas nas grandes Capitais

européias. Peças adequadas e repetidas periodicamente representam ótimos amortecedores contra o impacto de impressões por demais fortes, inadequadas e prematuras. Peças, que devem realçar a bondade, a pureza, o amor ao próximo, a coragem e toda essa gama de valores positivos de u'a alma bem formada!

"O COELHINHO DO HALO AZUL" representa uma tentativa no referido sentido. Peça, que, prazerosamente, ponho à disposição das Sociedades, que a queiram lançar na devida época (pré-natalina).

Sentir-me-ei satisfeito, por haver contribuído, com uma pedrinha, por pequena que seja, para a construção do muro de defesa contra essa avalanche de fatores negativos, de cujo peso, forçosamente, o Brasil terá que se livrar, para subsistir como Nação! Porque nenhum povo, neste mundo, subiu no conceito das Nações, a não ser apoiado em fatores positivos: no TRABALHO, na ORDEM, na HONESTIDADE, na INTELLIGENCIA e na MORALIDADE!

Há necessidade de se garantir também ao adolescente uma educação moral e ainda a física. Cuida-se da educação mental, dirigida principalmente para a profissão, que mais tarde o indivíduo pretende exercer. A não ser que alguém se interesse pessoalmente por algum esporte, não se dedica à educação física a necessária atenção. A Juventude precisa porém de esportes, de uma maneira generalizada, afastando-os da rua e fazendo-os participar, EM MASSA e COMPULSORIAMENTE, dos exercícios, sob a direção de professores ou de professoras competentes e devidamente preparados, os quais seriam ao mesmo tempo, seus MENTORES MORAIS!

Oreio, que não esteja eu enunciando nenhum conceito errôneo: ao afirmar, que há urgência de se helenizar mais a educação da nossa Juventude!

(0)

Junto com esta minha primeira tentativa de lançar uma pequena peça infantil, vai o convite cordial e bem intencionado aos senhores Confrades e principalmente, às Ilustres Confreiras: pois sabem todos que as senhoras mães são as que os melhores contos infantis souberam escrever, pois o trato constante, a toda e qualquer hora do dia e da noite, as fazem conhecer, melhor do que qualquer outro, a sensibilidade extraordinária e a transparência cristalina das pequenas almas dos seus filhinhos:

Escrevam boas peças infantis! Assim estarão ajudando a recomper a moralidade e a decência no Brasil!

Dizem, que não existe povo no mundo, que goste tanto de criança, como o brasileiro!

## O COELHINHO DO HALO AZUL

Homenagem singela, embora tardia, à  
alma cristalina e pura de Hans  
Christian Andersen!

(Um palco. À direita, se vê o tronco grosso de uma figueira, cujos galhos cheios de folhagem verde, se estendem sobre o palco. Em nível mais elevado e invisível ao público, uma luz forte — um farol alimentado por bateria — imita o sol, projetando uma filigrana de sombras sobre o palco. Personagens: um moço, representando ANDERSEN e algumas seis ou oito ou mesmo dez crianças, entre rapazes e meninas, na idade de 4 até 8 anos. Trajes característicos da época. Andersen entra no palco, seguido, como sempre, pela criança-da, ávida por escutar as suas histórias).

—X—

ANDERSEN — Vocês já ouviram falar alguma vez do coelhinho do halo azul? Não? Então venham aqui, vamos sentar todos debaixo desta bonita figueira e prestem bastante atenção, porque eu vou contar a Vocês a história do coelhinho do halo azul!

UMA MENINA: Pois conta, Titio, conta!

(Sentam-se todos sobre pedaços de madeira, formando um semi-círculo, ao pé da figueira).

A. — Está bem. Vou contar então a história. Era uma vez uma menina, pequeninha como Vocês. Tinha os olhos azuis e os cabelos louros, que a sua Vovôzinha arrumava toda manhã em duas lindas tranças, que caíam, grossas, sobre os

ombros de MARIAZINHA... Sim, pois quase me havia esquecido: Mariazinha era o nome da menina. Nem sei, como quase podia esquecer este nome, pois é tão bonito, não acham Vocês também?

AS MENINAS EM CONJUNTO: — Sim! Estamos todos gostando da Mariazinha!

A. — Pois é! A Vovózinha também gostava muito da Mariazinha, tomando sempre conta dela, pois a menina não tinha mais pai, nem mãe! Como deve ser triste, para uma menina, não ter mais pai nem mãe, não acham Vocês também?

A MAIOR DAS MENINAS: — Coitada da Mariazinha!

TODAS AS MENINAS EM CÔRO: — E, sim! Coitada!

A. — Ela ficou então morando com a Vovózinha, que era muito bondosa. Todo dia se levantava já bem cedo, para ferver o leite para a netinha e quando esta se encontrava na escola, escutando com atenção o que lhe ensinava a professora, a velhinha cuidava do almoço e ao anoitecer novamente da janta. Sabem Vocês, que a carestia era muito grande, tão grande como hoje em dia, quando tudo está tão caro, que a gente pobre não pode mais comprar quase nada. Pois a Vovózinha da menina sempre estava afilada, a netinha estava crescendo a olhos vistos e tinha fome quase o dia inteiro! Mas isto Vocês sabem com certeza muito melhor do que eu, como a gente sempre tem fome, quando se é pequeno e sempre se gosta de comer!

UMA PEQUENA BEM GORDUCHA: — Sim, nós também gostamos sempre de comer!

(Irrompe um côro de risadas alegres!)

A. — Pois bem! Morava a Mariazinha com sua Vovó em uma aldeia, bastante longe de uma cidade grande e esta aldeia estava rodeada de todos os lados, de uma grande floresta, de árvores muito altas e de folhagem espessa. E assim todos os homens da aldeia eram lenhadores. Cortavam essas árvores muito grandes e faziam toras, que eram levadas para a cidade grande, onde havia uma grande Fábrica, sabem Vocês, onde se fabricam toda espécie de mobília.

UM PEQUERRUCHO SE MANIFESTA: — Nós também temos mobília em casa!

(Um côro de risadas infantis!)

A. — Pois sim! Estava chegando o Natal. Sabem Vocês, que Natal é a festa do nascimento do Menino Jesus, quando Ele veio ao mundo, tão pequenino como outro neném qualquer e tinha Ele olhos azuis e sorria sempre! E acreditem Vocês: com as suas mãozinhas Ele prendia os raios do Sol, tanto assim que onde Ele se encontrava, sempre havia clareza, de dia e de noite!

UMA MENINA JÁ MAIORZINHA: — Como deve ser bonito, titio!

A. — Sim, com certeza era muito bonito! Mas, como eu estava contando, eram tão pobres e como a Vovózinha gostava tanto da Mariazinha, ela chorava muitas vezes e ia então sempre à Igreja, para pedir à Mãe do Menino Jesus, para que ajudasse, para que não houvesse mais falta de quase tudo.

Eles moravam na Europa, sabem Vocês, que fica do outro lado do Oceano e que é um país onde faz muito frio no inverno, especialmente no tempo de Natal, quando os rios e as lagoas estão puro gelo e os campos e as árvores tôdas cobertas de neve.

Já faltava lenha na casa deles, acreditem Vocês, apesar de morarem perto de uma grande floresta. O frio penetrava na casa por uma vidraça quebrada e não tinham, coitados, nem o dinheiro, para mandarem fazer o conserto! Pois Vocês se lembram: a Vovózinha tinha poucos recursos, sempre trabalhava também um pouco fora, mas ela já estava velhinha e assim o seu trabalho já quase não rendia e a Mariazinha ainda era muito pequena, para ajudar a ganhar dinheiro.

UMA MENINA: — Ela também ia para a escola, titio!

A. — Sim, é claro! Ela era ainda pequenininha e frequentava a escola da aldeia. Mas, como fazia tanto frio e nevava sempre, também os lenhadores há muito tempo não podiam mais trabalhar na floresta, para cortarem as árvores e para mandarem as toras para a cidade. O frio e a neve não deixavam e como não podiam trabalhar, também não tinham ganho e sofriam de igual maneira, como a Vovózinha e a Mariazinha. Era pois uma aldeia realmente pobre. Todos os moradores eram tão pobres como os ratinhos na Igreja. Vocês já viram alguma vez um ratinho numa Igreja?

UMA MENINA: — Sim, titio! Eu já vi uma vez um!

A. — Com certeza era bem pequenininho e bem magrinho! Pois na Igreja não há nada para se comer e assim os ratinhos da Igreja são os mais pobres de todos. Na mesma situação estavam os habitantes da aldeia, que ficavam sempre sentados em suas casas, olhando tristemente para o tempo, que não queria clarear.

Mas, como a Noite de Natal seria assim como hoje, o Pastor reuniu tôdas as crianças pequenas como Vocês dentro da Igreja e lhes contou, como tudo havia acontecido, há tantos e tantos anos, quando nasceu o Menino Jesus e a sua santa Mãe, que também era pobrezinha, não dispoñdo de outro lugar para deitar o menino, o deitou em uma manjedoura. E havia no conto do Pastor também uma Boa Fada, que mostrou o caminho aos pastores, que queriam ver e adorar o Menino Jesus.

Mariazinha gostou muito da história do Menino Jesus e da Boa Fada e ficou profundamente impressionada. Ela logo pensou: e si ela fôsse procurar a Boa Fada e lhe contasse a aflicção de toda a aldeia? Lembrava-se dos olhos tristes de sua Vovózinha e do frio e da fome, que reinavam em todas as casas da aldeia.

Vocês todos com certeza já terão notado, que Mariazinha possuía, assim como todas as crianças bem formadas, um coração muito bondoso e muito sensível. Ela gostava sobremaneira de sua querida Vovó, mas gostava também dos seus pobres vizinhos e de todos os outros moradores da aldeia. Dias seguidos a Mariazinha já rezava ao Menino Jesus, para que voltassem todos a serem felizes e contentes, para que voltasse o Sol e não fizesse mais frio, para que voltasse logo o tempo bom, para que os lenhadores pudessem novamente trabalhar e ganhar o seu sustento, para si e para as suas famílias.

E sabem Vocês, o que a Mariazinha resolveu fazer de repente? Pois ela resolveu ir à procura da Boa Fada, que devia morar na grande floresta. Pois era preciso, que alguém fôsse depressa lá, pedir à Boa Fada, para que ajudasse, pois hoje era Natal, era preciso, que todos voltassem a serem felizes. Com toda a certeza a Boa Fada morava muito longe e não podia saber, o que estava se passando na aldeia!

**UMA MENINA, A MAIORZINHA:** — Pois a aldeia estava no meio de uma grande Floresta, titio!

**A.** — É isto mesmo, minha filha. E assim mesmo, como a Mariazinha se encontrava vestida no momento, ela foi caminhando pela floresta a dentro. Já era tarde e a última claridade do dia penetrava com dificuldade por entre os altos troncos das arvores e assim não demorou, que toda a floresta se tornasse escura como a noite. Mariazinha, que até então estava caminhando por um atalho, que julgava iria conduzir até onde devia morar a Boa Fada, sentiu então, que estava perdida. Perdida, sozinha, naquele mato alto, escuro e frio! Pensem Vocês uma vez, como deve ser triste para uma menina, pequena ainda, na idade de Vocês, perdida no meio de arvores altas e espessas e no escuro, longe de papai e de mamãe é, como no caso da nossa Mariazinha, longe de sua querida Vovó.

**UM CÔRO DE VOZES INFANTIS:** — Coitadinha!

E como ela nenhum caminho mais enxergasse na noite escura e como se sentia só, ela caiu de joelhos e começou a chorar, rogando à Boa Fada, para que viesse depressa socorrê-la. Enquanto assim rezava para o Menino Jesus e rogava à Boa Fada, para que viesse ajudar, viu de repente perto de si, no chão, uma claridade tão bonita, como nunca antes tinha visto. Era um coelhinho branco, bem mansinho e todo envolto em uma claridade azul.

Vocês não acreditam, como a Mariazinha se sentiu contente. Naturalmente ela compreendeu logo, pois ela também já era inteligentezinha, como Vocês também, que a Boa Fada lhe havia enviado o coelhinho bonito, para ajudar e para lhe mostrar o caminho e assim ela deixou de chorar e falou ao coelhinho, que estava acocorado aos seus pés:

— Meu bonito coelhinho branco! Quanto és bonzinho, por teres chegado até aqui, para alumiar o meu caminho! Querres mostrar-me depressa, onde mora a Boa Fada, sim? ao que respondeu o coelhinho de halo azul, com sua voz fininha:

— Pois sim! Eu vou levar Você para a casa da Boa Fada. Você deve apenas seguir os meus passos, porque alumiarei o caminho!

E desta maneira foram os dois caminhando juntos, pois o coelhinho sempre ia na frente, mostrando o caminho, o qual ficou iluminado, como si fôsse dia claro. E a Mariazinha podia assim andar depressa, sem receio de cair ou de se machucar. E assim foram andando, até escutarem por perto o rumorejar de uma cascatinha, que escorria de um rochedo. Foi ali que falou o coelhinho:

— É aqui que mora a Boa Fada!

E pensem Vocês na felicidade da Mariazinha, quando se viu diante da Boa Fada, que lhe apareceu sorridente em seu manto de cristal, transparente como a luz do sol e com seus longos cabelos da cor de ouro. E tomando Mariazinha pela mão, a conduziu até bem perto da cascatinha e lhe disse:

— Tome desta água, minha filha! Deves estar cansada e esta água te fará bem.

Mariazinha, que realmente sentia sede, tomou da água e imediatamente não se sentiu mais cansada. A Boa Fada levou então Mariazinha pela mão para dentro de uma gruta, onde tudo era bonito. De uma das paredes da rocha escorria água em tôdas as cores e em todos os recantos da gruta haviam luzes, que brilhavam e faiscavam. Foi quando a Boa Fada falou novamente:

— Sei perfeitamente o motivo de tua vinda, minha filha, pois eu escutei a tua reza. Enviei pois em teu sócorro o meu coelhinho de halo azul, para que o mesmo alumiasse o caminho e te trouxesse até aqui.

E, segurando o condão mágico, de cuja ponta irradiavam luzes e saltavam faíscas em tôdas as cores e tocando com este condão a cascatinha, que escorria também do lado interior da gruta, falou mais uma vez para Mariazinha:

— Possuo poderes, para dar a Você tantas riquezas, quantas eu quizer. Junta as tuas mãos em concha e vem aqui captar as águas desta cascatinha!

Mariazinha fez então, o que a Boa Fada lhe pedia, e como jun-

tasse as mãos para captar as águas, que escorriam do rochedo, escutou então dentro de suas mãos um tilintar tão estranho e tão bonito, que ficou sobressaltada. E como olhasse melhor, notou, que as gotas d'água estavam se transformando em cristais transparentes e como a água refulgia em diversas cores, também os cristais eram de todas as cores: Pois havia rubros uns, verdes outros e ainda transparentes e claros como água pura, mas que cintilavam todos e emitiam reflexões de todas as luzes que brilhavam na gruta.

Mariazinha compreendeu então, o que a Boa Fada lhe oferecia: diamantes e pedras preciosas em quantidade, quantas quizesse ou quantas pudesse levar consigo. Si quizesse, poderia ela ser imensamente rica. Lembrou-se porém imediatamente dos santos ensinamentos de sua querida Vovó, que lhe havia dito, que a verdadeira felicidade não depende da riqueza. Lembrou-se mais, que tinha saído, para pedir à Boa Fada pelos habitantes da aldeia, onde todos sofriam fome e os rigores do inverno.

Com as mãos transbordantes de pedras preciosas, que cintilavam e que resplandeciam em todas as cores, Mariazinha se ajoelhou diante da Boa Fada e pediu:

— Minha querida Boa Fada! Quero agradecer-vos tamanha bondade! Porém não era isto, que eu desejava de coração. Queria eu pedir, que hoje, no Dia de Natal, todos os habitantes de minha aldeia fôssem felizes. Para que nada lhes faltasse, para que não sentissem frio e tivessem o suficiente, para se sentirem alegres e satisfeitos!

Ao que respondeu sorridente a Boa Fada:

— Vai, minha filha! Eu queria apenas verificar, si tens o coração realmente puro. Volta depressa para casa, pois pedirei ao Menino Jesus, para que te atenda! Que Ele te abençoe!

E como Mariazinha olhasse ao redor de si, não viu mais ninguém. A Fada não estava mais e também a fonte multicolor e a gruta haviam desaparecido. Também as pedrinhas, que antes segurara nas suas mãozinhas, haviam se diluído em luz! Somente o coelhinho de halo azul estava sentado no chão, fazendo carinha alegre e que falou:

— Vamos então voltar depressa para casa, Mariazinha, antes que a tua querida Vovó note a tua falta.

E assim andaram depressa, sempre na réstia da luz azulada, que o bom coelhinho ia deixando pelo caminho. E como chegassem logo de volta à aldeia e quizesse entrar em sua casa, ela escutou de repente uma voz que chamava, uma voz, a mais conhecida e a mais querida deste mundo:

— Levanta depressa, Mariazinha! Como é possível uma menina de tua idade dormir na Noite de Natal! Pa-

pai Noël já estava à tua procura! Venha ver depressa, o que ele deixou para ti!

Agora, de repente, Mariazinha se lembrava. Havia se deitado de tardezinha, porque fazia tanto frio. E levantando agora, já não sentia mais esse frio. Um calor brando enchia a sala, onde estava o pinheirinho, tão bonito como nunca antes, enfeitado de bolinhas de todas as cores, cheio de velinhas acesas. E havia nos ares um cheirinho tão bom, de doces que somente a querida Vovozinha sabia fazer. E viu também um vestidinho novo, cor de rosa, que ela tanto desejava, mais uns bonitos sapatinhos brancos e um livro de contos de fadas, onde na capa logo reconheceu a figura da Boa Fada! E tanta coisa mais, que nem podia perceber tudo com um só olhar!

E pouco tempo depois, quando Mariazinha foi, junto com a sua querida Vovó, para a Igreja, toda iluminada, para agradecer ao Menino Jesus tamanha felicidade, notou, que também a rua estava mais bonita do que nunca. Havia terminado de nevar, a rua estava varrida, as casas estavam iluminadas e mesmo da rua se viam em toda parte árvores de Natal, todas enfeitadas e com velinhas acesas, de todas as cores.

Neste momento, Mariazinha se lembrou das muitas pedrinhas bonitas, transparentes, de todas as cores, que ela tinha nas mãos, bem há pouco, na floresta alta, quando fora pedir à Boa Fada a felicidade para a sua aldeia.

— Mas, querida Vovó — segredou ela aos ouvidos de sua Vovó — o Menino Jesus esteve em nossa aldeia?

— Não, minha querida, mas com toda certeza esteve na cidade, pois hoje de tarde chegou aqui uma grande carroça, carregada de presentes para os lenhadores e suas famílias. Não queria a Empresa, que todos sofressem mais tempo. Queria, que os operários tivessem um FELIZ NATAL!

Neste momento, como subissem a escada de entrada para a Igreja, a Mariazinha segurando a mão de sua querida Vovó, escutaram o órgão tocar e como terminou a história do coelhinho do halo azul, vamos todos cantar:

Noite feliz Noite feliz!  
O Senhor, Deus de amor,  
Pobresinho nasceu em Belém,  
Eis na lapa, Jesus nosso bem,  
Dorme em paz, ó Jesus!  
Dorme em paz, ó Jesus!

## APÊNDICES

### POWER POINT COM INFORMAÇÕES SOBRE SCHNEIDER OFERECIDO PELA FAMÍLIA DO AUTOR

<b>ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER</b>
1906 – Nascimento de Bernardo Adolfo Schneider, filho de Carlos Schneider.
1916 – Adolfo foi mandado para o internato do Colégio Catarinense.
As irmãs mais velhas foram levá-lo pelo vapor Babitonga até São Francisco.
Lá elas puseram-no no navio do Hoepcke que vinha de Paranaguá.
1924 – Elza – <i>irmã de Adolfo</i> – casa-se com o engenheiro baiano Landulfo Alves.
Carlos Schneider – <i>pai de Adolfo</i> -- foi um dos maiores comerciantes de Joinville.
A família tinha comércio e residência na Rua do Príncipe, esquina com Nove de Março.
Dali, do epicentro da cidade, Adolfo viu a história de Joinville rodar à sua volta.
Depois, em livros de Memórias, ele conta gostosa e sorratamente essas memórias.
Mesmo em idade avançada, narra os fatos sob a óptica de um verdadeiro serelepe.

<b>ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER</b>
É fácil ver como o escritor se delicia ao discorrer sobre todas as travessuras de criança
Quando ele é personagem do que conta, ri de si mesmo; quando narra episódio de outras personagens, o escritor não perdoa. Ri escancaradamente delas e se diverte.
1924 – Adolfo vai para Hamburgo, onde estudou e trabalhou como bancário.
Casa-se na Alemanha com a alemã Gretchen Meinke e regressa ao Brasil em 1929 devido à Quebra da Bolsa.
A crise afetou a Alemanha, e ele vem embora para Joinville, casado com uma alemã.
Adolfo, em Memórias, deixa a pensamento viajar e vai recordando o pitoresco da cidade:
-- As mulas carregadas de erva-mate, passando pela Rua do Príncipe
-- A bela voz da mãe, ao piano
-- O trabalho doméstico das irmãs

### ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER

-- As bananas que o pai mandava secar para exportar para a Europa

-- O ataque dos índios aos imigrantes alemães

-- A primeira maçã "vermelhinha" que a mãe trouxe da Alemanha, quando lá foi se tratar.

-- As jabuticabas e os camarões saborosos que ambulantes vendiam de porta em porta.

-- A prainha do Rio Cachoeira, na altura do Museu do Sambaqui, onde se lavava cavalo

Enfim, Adolfo tem essa capacidade ímpar de trazer à tona assuntos tão distantes.

Fala da Revolução de 30, de batata e de carambola com a mesma facilidade.

Adolfo foi, durante muitos anos, proprietário da sorveteria polar.

O sorvete ali vendido era famoso na cidade inteira. Ainda hoje se comenta.

Naquele tempo os ingredientes não eram falsificados como hoje: leite era leite.

### ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER

Casado, Adolfo morou, durante anos, na Rua Tijucas.

Sua residência era muito agradável, situada no meio de um grande arvoredado.

Junto ao muro da frente havia uma pequena vitrina, onde ele expunha seus livros.

Em 1997, eu, passando por ali, ainda o vi, andando muito rápido em direção ao centro.

Dele tenho um livro autografado, com dedicatória, que me enviou por terceiros.

Participou do processo de criação do Museu Nacional da Imigração e Colonização.

Participou do processo da criação do Museu do Sambaqui.

Foi o primeiro diretor do Arquivo Histórico de Joinville na nova sede.

2001 -- Faleceu Adolfo Bernardo Schneider – um apaixonado por Joinville

Sentir seu bom humor e participar do seu saber, agora, só através de seus livros.

## **RELAÇÃO DAS PUBLICAÇÃO DE ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER**

O Coelho do Halo Azul. Joinville: Do Autor, 1959.

Povoamento, Imigração, Colonização: A Fundação de Blumenau e de Joinville. Joinville: Alvorada, 1983.

Nossa Boa Terra. Joinville: Do Autor, 1984.

Cantam as Cigarras. Joinville: Cidade de Joinville, 1985.

Memórias de um Menino de 10 Anos. Joinville: Impressora Ipiranga, 1990.

Memórias de um Meino de 10 Anos II. Joinville: Impressora Ipiranga, 1990.

Memórias de um Menino de 10 Anos III. Joinville: Impressora Ipiranga, 1991.

Memórias de um Menino de 10 Anos IV. Joinville: Impressora Ipiranga, 1991.

Memórias de um Menino de 10 Anos V. Joinville: Impressora Ipiranga, 1992.

Memórias de um Menino de 10 Anos VI. Joinville: Impressora Ipiranga, 1992.

## **RELAÇÃO DE PUBLICAÇÕES DE ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER EM JORNAIS E IMPRESSÕES COMEMORATIVAS, e TEXTOS NUNCA PUBLICADOS**

O Destino dos Passageiros da Barca ‘Emma & Louise’ – 50 capítulos publicados no Jornal A Notícia

A fundação das primeiras sociedades na “Colônia Dona Francisca” – 32 páginas (livro não publicado)

As Vendas à Prestação – 56 p. (livro não publicado)

Crônica de uma Família Notável – João Henrique Auler, 56 p. (livro não publicado)

Cadernos de Joinville – 5 revistas – (material não publicado)

Centenário da Batalha de Tuiuti – 16 p. (Palestra realizada no 13 Batalhão de Caçadores, atual, 62 Batalhão de Infantaria)

Hoch Klingt das Lied Von braven Mann – 43p. – Publicado pelo Instituto Hans Standen de São Paulo ( A passagem dos federalistas por Joinville: 1893-1894)

A História da Fundação de Joinville – 37 capítulos – Publicado no Mensário da empresa Germano Stein.

O 13 de Maio dentro da História do Brasil – 24 capítulos publicados no Jornal A Notícia.

Ernesto Niemeyer – 44 p. (Palestra realizada em Curitiba, pela ocasião do centenário de nascimento do supracitado)

Das Fahrard im Stadtbild von Joinville, 6 p. – Publicado no Anuário de Ijuí – RS.

Joinville – Ein Abriss Seiner Geschichte, 10 p. – Publicado por ocasião dos Sesquicentenário de imigração alemã financiada pelo Governo Imperial.

João Correa, subsídios para uma biografia – Publicado em fascículos pelo Jornal A Notícia.